31761 07044500 2

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/cantridaseviol00samp

Cantáridas e Violetas

Obras do mesmo auctor

Palavras cinicas.....	(1905).....	14.º milhar
Crónicas imoraes.....	(1908).....	7.º »
Lisboa trágica.....	(1910).....	6.º »
Prosa vil.....	(1911).....	4.º »
Gente da rua.....	(1914).....	5.º »
Grilhetas.....	(1916).....	6.º »
Vidas Sombrias.....	(1917).....	3.º »
A Avalanche.....	(1918).....	4.º »
Tiberio, filosofo e moralista	(1918).....	2.º »
Os Barbaros. I — Antonio Nobre.....	(1918).....	2.º »
O Livro das Cortezãs (de collaboração com Bento Mantua).....	(1916).....	2.º »

Albino Forjaz de Sampaio
Da Academia das Sciencias de Lisboa

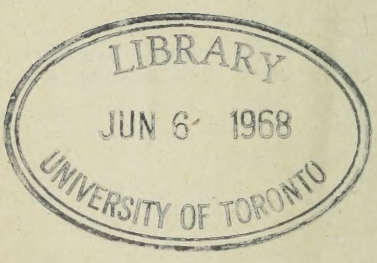
Cantáridas e Violetas

Con tal que yo lo crea,
¿Qué importa que lo cierto no lo sea?

Campoamor.

1.º Milhar

EMPREZA LUZITANA EDITORA
(Casa fundada em 1900)
C. do Ferregial, 17, 19 e 23
LISBOA



PQ
9261
F67A16
19--

Editor e proprietario — F. A. de Miranda e Sousa. Comp. e imp. na Emp. Lusitana Editora, pertencente ao editor, C. do Ferregial, 17, 19 e 23—Lisboa.

Cantáridas e violetas! Paginas dispersas, impressões tumultuarias liadas no mesmo feixe, sem cuidados de maior pelo seu destino. Escriptas ao sabor das impressões mais diversas, todas as gamas, todas as horas da vida n'ellas quinhoam um pouco. Do riso se passa ao desanimo, do estudo á ironia, do sentimento á revolta. Mas que é isto, é que este rolar, senão a propria vida que passa?

Da fogueira em que o tempo nos consome, do fumo e flama, ficam apenas cinzas, maguas, saudades. Isto para o leitor é cinza fria, lixosa coisa que remata no esqueci-

mento ou cinza aquecedora em que ha ainda brazas? Quem o sabe. O leitor dirá. Se o leitor sente um pouco as cousas que o escriptor lhe conta, vive com elle a vida que elle viveu. E um dia, quando for velho, recorda-se. A saudade ha-de vir, porque o amanhã é sempre peior que o hoje. E a saudade é uma caçoula de perfumes. A memoria o vento que a sopra. Então a gente delicia-se ou suffoca.

.....

Cantáridas e violetas!

Não está mal. Como as cantáridas são ephemeras e brilhantes. Como as violetas modestas e despretenciosas. Um inseto e uma flor! A ancia alada, a Ancia, e a prisão ao canteiro onde nasceu. O Destino! Se a cantárida irrita, a violeta serena. Se a cantárida é a peste, a violeta é o perfume. E' ainda a Vida, o seu symbolo, a sua imagem.

Terminou-se o prefacio. Levanta-se o guarda porta que não é o de panno de rás. Em casa pobre fora isso loucura rica e impossivel, não é verdade?

CANTÁRIDAS E VIOLETAS

O TURISMO

QUANDO, ás vezes, lingua badaleira, se volve conversa sobre a grande obra futura, e alguem pára na recem-creada repartição do turismo, não falta quem torne olhos pavidos e interrogativos. Ah! a Repartição do Turismo?! E por decoro a gente não explica. Ha tambem os incredulos e os insidiosos. E julgam que a repartição de turismo é sinecura, com muitas carteiras, um livro de requisições, um *écran* para que o abelhudo sol não interrompa a somneca e algum papel de communicações e officios para dar assim um certo ar de moralidade...

Ha engano e grosso. De todas as medidas do governo provisorio, esta foi das mais no-

taveis. Mas, afinal, o que é o turismo? Sim! E o que resulta d'elle?

Portugal é, sob todos os aspectos, um paiz abençoado. Tem a montanha e o oceano, tem a neve e o sol, tem a messe e a charneca. E' um paiz de poetas e um paiz de negociantes. Pois não ha sempre prompta a inspiração e acaso já o solo uberrimo sonegou os seus productos.

E, ao passo que a Suissa se tornou hotel cosmopolita, a Italia cosmopolita museu, e Paris o centro do prazer e do desvario, Portugal nada tem feito para que os seus choupos apaixonados, as suas ribeiras sussurrantes, os seus biblicos penedos e a aventurosa côr azul marina da sua costa sejam fonte d'esse encantado metal que tudo compra na vida: o oiro. Isto é, nós temos paizagem, mar, sol, solo, clima, producção e poesia como ninguem e nem sequer, por falta de methodo, sabemos vender. A Suissa aperfeiçôa os seus *chalets*, torna praticos os seus precipicios, doma os montes, conforta, revive, anima. A Italia cria, quando não tem

e dá velas pandas, ao snobismo estrangeiro. Os pombos da praça de S. Marcos! Caramba que mina para a photographia! Não ha cavalheiro, casal ou familia que não queira ser pombal para os conhecidos, em pose e em bilhete postal.

*

* *

A Repartição do Turismo? tenho sobre a minha banca um voluminho, papel magnifico impresso a côres com optimas gravuras. Editou-o a Companhia dos caminhos de ferro hollandezes e intitula-se *Un pays conquis sur la mer. Causerie sur la Hollande par M. J. Brusse. Illustrée par J. B. Heukelom.*

E' o elogio da Hollanda em todos os tons e todas as côres. Mas não é o elogio literatiço, é o elogio pratico. «Estrangeiro, a Hollanda que tu tens visto, exagerada nos postaes illustrados, nas caricaturas dos moinhos e dos queijos dos jornaes americanos, não é um paiz de fabula.» E por aqui abaixo, in-

dicando ao cavalheiro onde ha um museu e uma estalagem commoda. «Vem, vem estrangeiro, que nós faremos chover sobre ti todas as bençãos do ceu.

«Para ti, os nossos moinhos terão mais brancas as velas, o nosso asseio será mais brilhante, o nosso queijo mais saboroso». E ainda elles não sabem os elogios do sr. Ramalho Ortigão!...

Pois ahi têm um pouco de turismo. Qual é a missão de tal repartição? Trazer o estrangeiro a Portugal. Como? Pela obra de propaganda lá fóra junto das emprezas particulares de turismo como o Cook, e junto de hoteis e jornaes, e pela obra de aperfeiçoamento cá dentro catalogando o pittoresco, fornecendo conhecimentos, animando a creação de hoteis e, de acção combinada com as companhias de caminhos de ferro, dar impulso a todas as iniciativas, clubs, theatros, museus, etc. que possam ser fonte de mutuos interesses. Assim a repartição de turismo com os Caminhos de Ferro, daria materialisação a uma monographia—typo, onde

em tres edições—a portugueza, a franceza e a ingleza—papel *couché* e boas photogravuras, seriam reveladas as nossas bellezas. A somnolencia luarenta do castelo de Almourol, a religiosidade pagã do Bussaco, a Cintra dos versos de Byron e as escarpas e contrafortes do norte do paiz. Estylo simples e pratico de artista *commis-voyageur*, mas pittoresco, attrahente.

A companhia daria o papel, a impressão e o dinheiro: a repartição daria a prosa, a photographia e o modelo.

Parece-nos tolo encarecer as vantagens que d'aqui adviriam. Pois não o fez a companhia dos Caminhos de Ferro de Orleans e do Midi texto de M. Momnarche, photographias da collecção do Dorizy, de Neurdein fréres e de Mademoiselle Prévotat? E não o fez com o texto do mesmo e photographias de Fraipont? Lindos albuns, que vale conservar pelo que de bonitos são? Mas é vêr o que fazem as companhias de navegação. E' vêr, á compita, qual ha de dar melhores guias, melhores albuns, qual será mais barata e mais tenta-

dora. Os srs. nunca leram um artigo de Alfredo Mesquita sobre os comboios da America? Pois vale lêr. Nasceu esse magnifico reclame das facilidades que lhe deram para elle, na sua qualidade de estrangeiro e intellectual, vêr, ouvir, gosar, saborear e contar.

Pois a repartição do turismo faria outro tanto. Cahia ahi um Bourget, um politico celebre, um notavel jornalista. Turismo á perna, passes gratuitos em todas as linhas e o cavalheiro, com uma carbonaria especial, a aplanar-lhe as rudezas da excursão, a sentir-se commovido e a dizer lá fóra o que isto é. Porque bastaria vulgarisar, traduzindo artigos do 2.º vol. das *Notas sobre Portugal*, e não haveria estrangeiro que se não babasse. Fialho d'Almeida, Ramalho, Eça de Queiroz e Camillo a dizer da nossa terra! Depois, e é isso uma obrigação da repartição, recorrer a artistas nacionaes que em humorismos flagrantes, em syntheses delicadas, digam ao estrangeiro rude da nossa terra, da nossa producção, dos nossos costumes. Em summa a repartição do turismo é como uma espe-

cie de trombeta destinada a ir ao pincaro dos montes e ao recondito dos valles acordar boas vontades. Então sim. Mas que lhe compensem o esforço. Que lhe dèem os elementos. Ha um mundo de difficuldades a remover, um mundo de trabalho a encetar.

Tudo se consegue. Que, deixem-me dizer: Haverá portuguez que olhando as lindas gravuras das *Notas sobre Portugal*—o Gerez, Vizella, o Douro, o Bussaco, o Mondego, o Tejo, o Choupal de Coimbra e o Nabão em Thomar, a luz em Monchique e uma pesca de atum no Algarve, uma romaria no Minho e uma casota na Beira — não sinta orgulho da sua Patria? Pois é dizer ao estrangeiro que venha. Que venha e verá. Para elle, o Mondego será mais poetico, as lendas do castello de Almourol, agrandadas e poetisadas, terão mais encanto e as penedias,—oh, as penedias, terão lá em baixo, a rugir, as cascatantes aguas dos grandes rios, mas inofensivas, domesticadas. Com isso o turismo terá prestado dois serviços: trazer estrangeiros e fazer portuguezes. Que em verdade

quantos portuguezes conhecerão as lendas de Almourol?

A Hollanda faz pela vida com o seu queijo e o seu Rembrandt; a Italia faz pela vida com o Coliseu, com Pompeia, com Veneza e com o Vesuvio. A America creou uma civilisação desmesurada; casas de trinta andares botas de sete leguas, comboios que nunca mais param.

Por que demonio não ha de a gente fazer tambem pela vida? Para que havemos nós de ter inventado as conquistas e a architectura manuelina, descoberto as Indias, construido os Jeronymos e não ter arrazado já vandalicamente as arvores seculares do Bussaco? Somos como um bric-á-braquista tendo preciosidades no sotão de uma rua escura. Desempoeiremol-as, mudemo-nos para a praça e toca a fazer pela vida. A repartição do Turismo? A Repartição do Turismo é uma obra patriotica. «Estrangeiro, sê bem vindo. Os deuses ser-te-hão propicios. E para ti não se apagará no céu o sol, o claro sol amigo dos heroes» no dizer de Anthero, um grande

poeta que tu aprenderás a conhecer e a amar, se quizeres. De resto nem do teu nome inquiriremos. Vem e verás que foi d'esta terra esquecida que a Biblia fez o seu Eden terreal.»

EXCURSÕES

QUANDO o outro dia um amigo lembrava que devia ser instituida a viagem obrigatoria, excursões por esse mundo, desde a Groenlandia á Terra de Fogo e, de Lisboa á Cochinchina e d'ahi a New-York, no intuito de educar o espirito e melhorar os habitos, eu arrisquei timidamente que uma agencia lisbonense de excursões em Lisboa, até entre os proprios citadinos, deveria dar excellente resultado. Sabe toda a gente que quem vive na cidade é quem muitas vezes a conhece menos. Um inglez transportado das cabines da Booth Line á Avenida Marginal, desanda logo a vêr, a conhecer, a farejar, de maneira que a cidade d'ahi a uma semana não tem segredos para elle.

Nós não conhecemos nem apreciamos o paiz. As excursões á Serra da Estrella começam, por assim dizer, agora. Ninguem pensa n'uma excursão ao Algarve; ao Douro e ao Minho fala-se n'isso. Ora uma coisa interessante seria que se organisassem pelo minimo monetario, excursões a todo o paiz com um programma de conjunto perfeito e um detalhe absolutamente justo. De Lisboa irradiaria para todo o paiz e isso seria até uma fórma de fazer circular dinheiro, desenvolver o commercio, educar, e divertir. Ora teem os senhores um passeio de duas semanas por Traz-os-Montes com explicações aos acompanhantes, com ciceronagem instruida e e com um enviado particular do poder central encarregado de particularisar das deficiencias, dos estorvos e das faltas em materia de beneficiação local, de commodos e transportes, de tudo emfim que possa elevar a industria turistica, de que vive á larga a Suissa, que eleva a França, e que dá um excellente rendimento a essa Italia das obras de Arte. Esse delegado faria um relatorio. Esse rela-

torio seria publicado, relatorio de bom senso, sem devaneios archeologicos nem divagações soporiferas. E como elle seria um rol de melhoramentos, de concertos, de integração nu'm plano geral, ahi teriamos, por absoluta necessidade de expansão e vida, o municipio, o syndicato de iniciativa, o proprio particular, a agir, a conservar, a ajustar o seu esforço ao esforço geral. Ha uma grande força adormecida em Portugal: a vontade. Ora os senhores sabem quando ella apparece o que faz? Faz da Porcalhota logarejo, a Amadora, a *cidade* mais proxima de Lisboa; faz a creação do Museu de Arte antiga; faz a obra de conservação e remodelação da Bibliotheca Nacional. Faz coisas todos os dias, que espantam ao fim de annos os proprios que as fizeram.

E emquanto o meu amigo queria a viagem para ir vêr «se na Hungria nasce o sol ao meio dia», eu scismava no que seria curioso uma excursão de 8 dias atrávez de Lisboa. O lisboeta sabe pouco da sua terra. A capella de S. Roque não o interessa, a vida de

arte não desperta. Pois muito bem. Para isso um *bon vivant* proporia que no dia tal, ás tantas, se iria vêr isto e aquillo monumental e á tarde se iria jantar ás hortas. E assim, alternando uma visita aos grandes armazens, para compras, com uma visita ao Nuno Gonçalves, uns momentos na capella de S. Roque e uma sésta na Tapada da Ajuda, uma visita aos coches reaes e alguns momentos no museu de contrabando da Alfandega; jantar hoje no Tavares e ámanhã na Tia Iria dos Artistas, tudo isso seria coisa curiosa, excursão para gente divertida e que folga vendo e sabendo. Depois, adquirida licença, poderia visitar-se a Casa Palmella, com suas obras de arte descriptas nas *Cartas de Lisboa;* a Quinta Lumiar, retiro admiravel de poesia e religiosidade; o *atelier* do mestre Columbano, a casa de Alfredo Guimarães; os azulejos do Correio Mór, etc.

E' claro que, se dez creaturas de jovial animo e algum pouco de dinheiro um dia se reunissem, tendo ante si uma semana para feriar, e se propuzessem *descobrir* Lisboa

que coisas maravilhosas não veriam e que interessantes aspectos não levariam para saudade! Esse plano de ir a particulares solicitar licença, não é novo nos paizes, onde quem tem uma obra de arte só a julga sua transitoriamente, porque pagou durante a sua vida o direito de se lembrar que a comprou. A arte é de todos e a Belleza não pode ser detida nas mãos de qualquer. Assim em Londres, mediante um bilhete, solicitado com empenho e empenhos, a gente consegue vèr a galeria de quadros de Lord X. ou o museu egyptologico de sir Y. Z.

Depois, feita a primeira, veria o leitor a ideia expandir-se. O que seria preciso? Que se formasse a *Liga dos Amigos de Lisboa*, com estatutos, presidente, secretario, thesoureiro, continuo e jogo do bilhar? Não. Que se barateasse a taxa de transportes, mais barato o automovel, mais barato o trem e abolida ou regulamentada essa pouca vergonha de zonas que ás vezes por duzia e meia de passos aggrava em 80° o preço da passagem nos carros electricos. Que houvesse

publicações de algibeira com todas as indicações precisas e que finalmente todos nós atirassemos para traz da porta quatro dias na semana, ao menos, este habito de pensar que a vida é infindavel e que o que se não faz hoje, apparecerá feito «ámanhã se Deus quizer.»

Eu creio que quem trabalha ganha dinheiro. Fazer ganhar dinheiro é ainda um lucrativo modo de trabalhar. Diz o dictado que não é com vinagre que se apanham moscas. Pois bem, as moscas são os estrangeiros. E não compete a nós todos nacionaes dando o exemplo, ir substituindo o vinagre pelo assucar? A Italia e a Suissa que fizeram essa substituição não se teem dado mal. Se até alli, na visinha Hespanha, Barcelona trabalha dia a dia para metter a propria Madrid n'um chinello...

A VOLTA DO MUNDO

O leitor conhece bem esse Phileas Fogg, membro do Reform-Club de Londres, que, em 1872, morava em Savillerow, Burlington Gardens, n.º 7—a casa onde Sheridan morreu em 1814, na audaciosa fantasia do sr. Julio Verne. Pois é d'esse mesmo cavalheiro que lhe vamos falar.

O incredulo Stuart jogava quando se lembrou de dizer que se podia dar a volta ao mundo em tres mezes. Phileas Fogg ripostou que em 80 dias apenas. O outro, que sim, que podia ser, mas não mettendo na conta «o mau tempo, os ventos desfavoraveis, os naufragios, os descarrilamentos, etc.»

—«Mettendo tudo isso, redarguiu Phileas

Fogg continuando a jogar...» e, ás duas por tres, sir Stuart apostava quatro mil libras contra as vinte mil de Fogg e contra a possibilidade da viagem em semelhante praso de tempo. Era isto quarta feira 2 de outubro de 1872. N'essa mesma noite Phileas Fogg, que aceitara a aposta, tomava o expresso Dover-Calais, que o havia de conduzir a Paris e á admiração dos muitos milhares de leitores que a obra de Julio Verne tem tido e continuará a ter...

* * *

Phileas Fogg escolhera para dar a volta ao mundo o trajecto previamente publicado pelo *Morning-Chronicle*

De Londres a Suez, pelo monte Cenis e Brindisi, por paquetes e caminhos de ferro	7 dias
De Suez a Bombaim, por paquete.....	13 »
De Bombaim a Calcutá, por caminho de ferro.....	3 »
De Calcutá a Hong-Kong (China) por paquete.	13 »
De Hong-Kong a Yokohama (Japão) por paquete.....	6 »

De Yokohama a S. Francisco (por paquete)	22 dias
De S. Francisco a New-York por paquete.	7 »
De New-York a Londres (paquete e caminho de ferro)	9 »
Total	80 dias

e cumpriu-o. Mette-se no expresso para Paris e vae a Brindisi: depois no paquete para Bombaim; toma o comboio para Calcutá, mas o comboio pára a meio caminho e elle tem que comprar um elefante; mette-se no *General Grant*, vapor de rodas de 2:500 toneladas, que a 12 milhas por hora levava 21 dias a atravessar o Pacifico, depois de ter perdido vapores e de ter apanhado um tufão. Como de S. Francisco a New-York vão 3:786 milhas e o comboio levasse 7 dias a atravessal-as, os indios atacam o comboio, uma ponte cae, uma manada de bufalos passa, o trenó voa e finalmente no *Henrieta*, um calhambeque que lhe custou algumas dezenas de contos de réis, Phileas Fogg, o audacioso, avistava Liverpool, toma um comboio para Londres e ganha a aposta.

Assim se dava a volta ao mundo em 1872. Era coisa dificil, arriscada e notoria.

*

* *

Ora quer o leitor saber quanto tempo e dinheiro lhe custaria repetir a proesa neste ano da graça do Senhor, de 1914? Com itinerario quasi egual informam-n'o alli os srs. Cook & Son, 71 dias. Quanto a despêsas, é o amavel empregado da agencia da rua Aurea ainda quem o diz, apenas 173 libras. E Phileas Fogg, gastára cousa como 19.000.

Ora não ha por ahi um Stuart teimoso que aposte com o leitor? Pois é pena, que por aposta valia fazer a experiencia. Ora suponhamos que alguém aposta. O leitor que a fizesse sairia de Londres e tomaria o Brindisi-express. Faria isto a 24 deste mez Abril de 1914. Em 26 estaria em Brindisi. Tomaria ahi um paquete, a *Persia*, por exemplo, um vapor de 8.000 toneladas, da «Peninsular and Oriental S. N. Co.» Em 29 estaria em Port Said. Sairia no

mesmo dia para Bombaim, onde chegava no dia 8 do mês de maio. Em Bombaim tomaria o Caminho de Ferro para Calcutá, onde chegaria a 10. Nesse mesmo dia tomava o paquete da «British India Line», que no dia 19 o desembarcaria em Singapura. Ahi demoraria dois dias, pois só teria o paquete da «Norddeutscher Lloyd» a 22, e estará no dia 6 de junho em Kobi, no Japão. Nesse mesmo dia, tendo tomado o caminho de ferro, o leitor terá ido a Yokohama tomar o paquete da «Pacific Mail», que sae de Yokohama para S. Francisco da California. O paquete será o *China*, de 5.060 toneladas, que toca a 16 em Honolulu e chega a S. Francisco em 22. Ainda nesse dia o infatigavel leitor tomará o expresso que de S. Francisco leva a New-York. Então é que irá saber o que são as velocidades na America. Nunca leu um artigo sobre os comboios da America, do nosso Alfredo Mesquita? Pois leia. Terá tempo, pois a travessia, que já não mete indios, levará apenas 4 dias. Estará em New-York a 26 de junho. E não perderá tempo porque no

dia seguinte, sabado, 27 de Junho, sae o *Imserator*, um monstro de 52.171 toneladas, da «Hamburg American Line» para a Europa.

E, no dia 2 de julho, depois de ter desembarcado em Southampton, chegará a Londres para embolsar o dinheiro da aposta ou para descansar afinal de tantos transbordos, de tanto vapor e de tanto caminho de ferro.

1914 avançou 9 dias sobre 1872 sem esforço. E quando Phileas Fogg assevera que poderia poupar um dia não atravessando a India, nós podemos dizer que em 42 dias apenas dariamos a volta ao mundo. Sómente..., somente não seguiriamos o itinerario indicado.

Tomariamos comboio e vapor de Londres para Vlissingen e d'ahi comboio para Dusseldorf. Depois Berlim, Moscow a seguir e transiberiano até Vladivostok no extremo da Asia, onde se desenrolou a guerra russo-japoneza. De Londres a Yokohama são 15 dias. De Vladisvostok paquete para Tsuruga e comboio para Yokohama. De Yokohama a S. Francisco são 16 dias, a New-York 5 e a Londres 6. Quer dizer 42 dias bastam para

rodear esta bola em que nós habitamos. O itinerario está certo, afirmam-no ali os srs. Cook. E se o leitor está bem disposto e tem dinheiro pouco falta. A nós sobeja-nos a disposição tanto quanto nos falta o dinheiro, mas se este nos impede de viajar *de verdad*, a disposição permitte-nos viajar em espirito, o que é aínda uma compensação.

Que, se o dinheiro abundasse, o leitor saberia quem lhe daria noticias suas da Ethiophia, Arabia, Persia, India e de todas as casas do diabo que não conhecemos senão dos mapas e dos varios Fernão Mendes que, teem calcurreado as referidas casas e que, quanto a nós, são os unicos diabos verdadeiramente felizes...

A CORAGEM DE MORRER

Dizia um velho philosopho: «cada dia podes morrer; vive como se houveras de morrer cada dia». Mas o verbo do homem que imaginava, perdeu-se, caiu em ruinas, desappareceu. Depois das suas palavras passaram outras palavras e outras e outras. Umas e outras foram esquecidas. De maneira que, quando a morte avisa da cobrança da sua letra, vae um temeroso panico nas almas. E as faces empallidecem, os ossos galgam sobre a carne que foge, o brilho dos olhos amortece-se. A Morte, a Vida! como se cada dia não fosse amortisando as suas leguas de soffrimento ou os seus instantes de felicidade!

Mas é certo. Ao primeiro rebate, como a execrada vida nos parece bella! Como a Morte nos parece horrenda...

* * *

No emtanto e felizmente, nem em todos a Morte é terrivel papão, destinado a estarrecer e intimidar. Ha creaturas que não se espantam e creaturas que a esperam. Pois não é uma coisa tão natural? Ella poderia acaso esquecer-se da gente? Não. Que não ha noticia de a Morte ter despedido algum dia o seu fiel escripturario.

Ora o leitor, que decerto tem medo de morrer, não sabe de algumas creaturas em quem isso, essa coisa de morrer, foi uma coisa perfeitamente natural? Pois ha dezenas. Lavoisier, condemnado á morte, pediu alguns dias para acabar umas experiencias. Haller, á hora da morte, tacteia o pulso e exclama: «A arteria bate. Bate ainda. Já não bate agora». E Trousseau, grande medico, estuda amorosamente

o cancro de estomago que o victíma. Calcula a hora da morte. Vae ao cangalheiro, regateia e combina o enterro. Vae ao cemiterio, escolhe e paga a cova. Morre á hora precisa. Estes tres exemplos, alguns classicos, dil-os, repete-os o dr. Binet-Sanglé. Decerto o nosso Camara Pestana, quando no limiar da morte dizia: «Travaillez toujours, mes chers amis, toujours...» viu bem e demoradamente a morte. Mas a quem eu acho razão inteira, infinita graça e coragem altiva, é áquelle que ia a enforcar e dizendo-lhe o padre que, por elle ia suando, elle redarguiu: «Pois meu padre, se eu que vou a enforcar não suo, quem vos mette a vós a suar por mim!»

Isto em tempos passados era coisa trivial, que a um cavalheiro a quem em vida amortalharam com o habito de S. Francisco e o habito de S. Thiago, elle ao ver-se com tanta roupa disse: «Agora dirá Dios: Mi amigo, Garci Sanchez muy arropado venis: y yó le responderé: Señor nó se maraville, que parti en invierno». Agora não. Que as vidas estão curtas e não vae o tempo para chanças. Mor-

rer? Morrer por morrer, morra meu pae que é mais velho! Quem se mata morre cedo! Morrer? Mas se a terra está tão fria, quem me curará de uma pneumonia? dizem.

E' que já as almas se acostumaram. «Viver, seja como fôr, mas viver», diz um personagem de Dostoiewsky.

«Que o poderoso Siva me livre de um segundo nascimento», diziam os velhos, primitivos homens das regiões distantes. Não ha duvida! O mundo tem mudado muito...

*

* *

Valete curæ, «acabaram-se os cuidados» tal escreveu Petronio no seu epitaphio. Este viu bem o que era a vida e foi humano. Mas seja a vida o que fôr, poucos podem dizer como Henrique VIII á hora da morte. «Não escapou homem nenhum ao meu odio, nem mulher nenhuma aos meus desejos»; de maneira que mais são os que seguem Henrique.

Mas o capitão e os musicos do *Titanic*

foram para o abysmo encarando a morte, e muito é preciso ter de sangue frio para receber a sua visita, quando ella é inesperada. Aqui ha a descontar que um marinheiro não conta nos medrosos. Um recife, um estoque de agua, uma agulha doida, uma cavilha furada, um minimo e pode ser o fim.

*

* *

Um medico amigo dizia-me ha dias que pensava ás vezes que genero de morte escolheria se não tivesse paciencia para a esperar. E ambos, eu e elle, passavamos em revista generos de morte, visto ainda não se ter fundado o Grandella dos suicidios que Fialho nos *Gatos*, visionou, e que nos poderia convir. Elle por uma picada, um injecção simples. O cansaço, a Morte. Eu por um simples tiro, uma pillula de aço em direcção ao céu sob o maxillar. Não chegámos a um accordo, porque uma linda mulher que passava levou o nosso espirito a regiões distan-

tes. E creio que longe da Morte lá paira ainda em digressão. Mas eu que não pude deixar de citar-lhe aquelle dito que o classico conta, do «desmanchado» que estava a morrer, visto que ambos accordamos em que a Morte viria por nós se de ir por ella nos esquecessemos, e que, dizendo-lhe os medicos que morria, elle oppunha, satisfeito pelo visto: «ora folgo, por não me andar a vestir e a despir todos os dias»...

D'onde se vê que ainda ha quem encare as coisas como ellas são e até a propria Morte, com aquelle bom espirito com que um gentil homem deve receber um esperado, velho e impenitente crédor ou uma saudosa, desejada e carinhosa amiga...

VELHAS CANÇOES

PEDRO Fernandes Thomaz, irmão do bibliographo Annibal Fernandes Thomaz, é um erudito investigador propenso amorosamente para o estudo do passado: tradições, usos, costumes, lendas e velhos romances ou esquecidas cantigas populares. Agora acaba ele de publicar um livro sobre as *Velhas canções e romances populares portugueses* que durante muitos anos andou colhendo da tradição oral, disputando-as assim passo a passo ao esquecimento. E assim com D. Silvana,

—Bem puderas tu, Silvana
Uma noite seres minha!

com a Nau Caterineta «que tem muito que

contar», e com D. Aurelia e outros mimos imaginativos até ás cantigas religiosas ao S. João e ao menino Jesus. E como grande é a facundia popular lá encontramos os hinos politicos, do himno de 1820 ao rei chegou. E' interessante o livrinho, rescendente de poesia sem contrafacção, fumegando ainda das almas dos mil ignorados poetas que as sonharam, ás velhas canções, que as escreveram, que as decoraram. E dos labios das frescas raparigas, da pergaminhosa memoria dos velhos essa poesia manou e veiu encher as cento e noventa e tantas paginas do livro de Pedro Fernandes Thomaz.

* * *

«A grande verdade da poesia popular está em ser profundamente sentida» disse não sei que tratadista chavão. Disse bem e senão é vêr que mãos cheias de opulencia, que thesouros sem par ha nas quadras populares, tão profundas na sua apparente simplicidade, tão

grandes na concisão dos seus quatro versos... Amor, amor arrebatado que nada embarga, amor despeitado, amor infiel, amor pesaroso. Odio, odio profundo, inveja, desdem, desgosto; ironias, remoques, lagrimas, chalaças, risos, desejos, malicias, saudades... o que ali não ha!

«Quem a mim ouvir cantar
Cuidará que estou alegre;
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve.

O amor é a grande corda. E nas amorosas finezas a quadra popular tem cambiantes que jámais se imaginam. Ora escute-se:

«Os meus olhos de chorar
Fizeram covas no chão
Cousa que os teus não fizeram
Não fizeram, nem farão.

Se eu soubesse com certesa
Que tu me tinhas amor
Cairia nos teus braços
Como o sereno na flôr.

Banzos os violões soluçam, emquanto as guitarras volteiras, escarninhas, parecem representar a inconstancia dos amores mal parados.

Mas onde se aguça a intenção ferina ahi a quadra popular sobreleva todo o genero literario. Ahi e na philosophia popular, aquela philosophia que chama as coisas pelos seus nomes e diz verdades como punhos. Modelos da primeira:

«Vós dizeis que não ha Rosas
Que as queimou a geada;
Por desgraça escapou uma
Na minha cama deitada.

.....

«Daqui donde estou bem vejo
Quem na minha saia córta;
Tenha eu o corpo livre.
Que a saia pouco me importa.

Ha a *picuinha*, o bote, uma serie infinda de derimir contendas e até dizer o que em

conversa não vem a proposito e em cantiga fica certo:

Bem sei que foste dizer
Mal de mim a quem me adora;
Informou-se da verdade
Muito mais me quer agora.

Você diz que amar não dóe;
E' que não tem coração;
Queira bem e viva ausente
Veja lá se dóe ou não.

Vê lá meu bem se te lembras
Daquela noite de vento,
Que te tive desmaiada
Nos meus braços tanto tempo.

Modelo das segundas, das que dizem verdades, amargas ás vezes é certo, mas verdades afinal:

Quando vires mulher magra
Não tens mais que perguntar;
Se é casada é ciumenta.
Se é solteira quer casar.

Inda que teu pae não queira,
Tua mãe diga que não,
Tu querendo e eu querendo
Isto está na nossa mão.

Todo o homem que se casa
Com mulher que outro deseja
Se lh'o chamar não se agaste
Armador sem ser de egreja.

Não digas:—Não hei, não hei
Daquela fonte beber;
Que pode a sêde obrigar
Outro remedio não ter.

Escolhe emquanto é tempo
Não te faças tão rogada
A mulher depois dos trinta
E' uma pera passada.

A mulher do meu visinho
E' uma santa mulher
Dá os ossos ao marido
A carne a quem ela quer.

Chamaste-me pintainho
Pintainho de vintem
Deixa-me ir ao teu poleiro
Saberás se canto bem.

Não sei se vá ou se fique,
Não sei se fique ou se vá;
Indo la, não fico aqui,
Ficando aqui não vou lá.

Eu amava uma casada
Ela amava o seu marido;
Ela ficou como estava
Eu fiquei como atrevido.

E da *Historia do Soldado* uma cousa que se canta nos Açôres:

O coronel dá no major,
O major no capitão,
Assim vae até ao cabo
Todos no soldado dão.

Se as canções e os romances são maravilha, as quadras populares são de extraordinaria belleza. E ha por essas nossas provin-

cias tanta beleza oculta! Ha, pois, que tirar o chapéu ante a tarefa dos mineiros pacientes, os eruditos e estudiosos que, como Fernandes Thomaz, vão roubando ao esquecimento, dia a dia, durante anos, maravilhas e thesouros inestimaveis de valor. E são tão raras essas creaturas nesta epoca em que o egoismo vige, viça, prevalece e manda.

COISAS PASSIONAES

Hoje, que me dei á leitura das gazetas pensei muito na Aline de Daudet. Que, eu não sei se os senhores leram Daudet e se, tendo-o lido, se lembram ainda d'aquella Aline, da *Sapho*, que se deitou abaixo do seu quarto andar da rua Labruyère!...

Pois lendo o registro dos suicidas eu evoco Aline. E vejo-a ainda estendida no *trottoir* «de mãos brancas e molles, insignificante belleza loira, apimentada pelo brilho da sua carne de flamenga, com oiro nos cabellos, nas pupilas, nas pestanas, até na própria pelle!» E parece-me, pauperrimo Gaussin, encontrar o Déchelette «com o parecer fatigado, mais amarello e macambuzio que de costu-

me», a lamentar-se, pobre homem a quem a gazua do sentimento roubou toda a energia. E rico, gosado, viajado e querido, decidiu-se a seguil-a, deitando-se por seu turno ao *trottoir* d'onde uns operarios que de madrugada iam para o trabalho o levantaram com a cabeça despedaçada.

E, meu querido Daudet, meu Daudet das miserias sentimentaes, a tua Aline, a tua Aline Dorè, branca e loira, coifada de oiro e de mãos esculpturaes, perpassa muitas vezes nas columnas dos periodicos e o teu Déchelette esse encontro-o tambem muita vez mas curado, esquecido e livre da tua Aline, genero de mulher carraça que quer um homem todo para si e julga que não é coisa superior ás forças de todos os homens aturar uma mulher mais do que uma semana!...

*

* *

As tolices tambem variam de aspecto exactamente como as modas femininas. E se no

tempo de Daudet ellas se matavam sósinhas, agora essa coisa não se faz sem companheiro. Já me custa a crer que alguem se mate por Amor. Lá que uma creatura metta uma bala nos miolos porque está aborrecida, porque lhe doe um dente, porque não tem dinheiro - vá, ainda se comprehende. Agora que tome phosphoros, se deite ao rio, pregue um tiro em si, porque a D. Alzira dos seus sonhos lhe não corresponde, ou porque a D. Bertha disse que jamais lhe virá a pertencer porque a sua mamã lhe acha cara de valdevinos e o seu papá pergunta se esteve elle tanto tempo a crear uma filha para que um bilontra qualquer lhe desse fome e tareia, isso lá me parece forte. Que não ha tolo tão tolo como aquelle que se mata por Amor, porque em boa verdade não ha mulher que valha semelhante tolice.

Agora, volta e meia, elles combinam os dois e matam-se. Acho bem. Dois parvos a menos. E não os lamento; mas se por ahi ha alguem que lhes queira seguir o exemplo, não o faça sem considerar um pouco em

que: o Amor é uma asneira dos romances, inventada pelos romancistas para explorar o leitor; que a mulher é a férasinha mais egoista que o homem póde topar no seu caminho; que só os retintamente parvos podem procurar Amor n'um tempo d'estes e que quem é tolo pede a Deus que o mate ou ao Diabo que o leve. E como não póde passar sem mulher decorará uma duzia de coisas amaveis que servirá para todas, não quererá ligações de mais de uma semana, desculpando-se de que aquillo é geito ainda de creança, que a liberdade «foi dada ao homem, rei dos outros animaes» e outras theorias identicas e, como amigo não empata amigo, após os seis dias da ordem cada um seguirá o destino que lhe foi traçado sem remorsos nem saudades. Assim «viverá vida folgada», não quererá saber de tolices e nem de longe conhecerá o Amor, uma coisa que dizem que existe e faz de vez em quando com que as creaturas commettam tolices como esta de se matarem dois maduros, não se sabe bem porquê,

que bicho os mordeu, ou que macaco doido lhes subiu ao sotão.

Matam-se? Porquê? Ora porquê! porque não teem mais que fazer. Lá que ella se mate vá. Ella, a mulher, é fraca e tonta e vá que se mate. Agora Elle!... Elle que tem direito a mais seis de mais de vinte annos e uma entre os quinze e os vinte, lá isso me parece asneira grossa. Sim que o homem deve ser livre e depois de ser livre «nunca amar uma só mulher». Uma é peccado. Depois já é ter paciencia a mesma madama a grazinar. Assim, mudando de seis em seis dias, a creatura, além de alargar a esphera das suas relações, poderá ao fim de um anno julgar que sabe quando uma mulher fala verdade. E só o encanto de ter hoje uma loira e para a semana uma moreninha, agora uma de cintura que caiba por um annel, logo uma Maria da Fonte que não caiba por uma porta!...

Mas elles matam-se? Ora porquê? Porque se viram, se amaram e se aborreceram. Pobres creanças. Ella é geralmente uma parvi-

nha que julga que o seu *Alfuredo* é o mais bonito homem do Grandella; elle porque já correu Lisboa toda, do Dafundo ao Alto do Pina, e de Bemfica ao Beato, e portanto nada mais lhe resta já no mundo para vêr. Coitaditos! . .

E, tu que scismas, não scismes porque assim morreu um teu irmão, e, se tens dinheiro para comprar um revólver, chama um auto e vae jantar ao Tavares. Como o Champagne dispõe bem, bebe-lhe; e como o somno dispõe melhor, dorme-lhe. Se, ao acordar, isso não tiver passado, insiste. E ellas que se matem sósinhas. Podes até desculpar-te de que não a acompanhas porque tens que lhe tratar do enterro.

Matar-se alguem por Amor n'estes tempos de Romanticismos e de Paixões, oh! Ainda se comprehende que um homem se mate quando o Destino o presenteia com uma mulher tão pegajosa que o não largue. Então sim. Mata-se para lhe fugir, é logico. Agóra por amor! Por uma mulher?!

* * *

Reli agora tudo o que escrevi. Lá me parece exaggerado. Reconsiderei. Uma mulher é um ente adoravel, indispensavel, amavel, delicioso mesmo, durante—seis dias disse eu?—seis horas quanto muito...

E quanto a morrer por ella, sim, quanto a morrer por ella... Olhe lá, por quem nos toma o leitor?

GUILHERME D'AZEVEDO

Desde muito novo que tenho uma grande amisade pelos versos de Guilherme d'Azevedo. Ha anos, comprára as *Radiações da noite* e lêra, copiára e decorára a *Alma Nova* que me fazia negaças de dentro dos vidros das estantes dos amadores endinheirados e do alto do inverosimil preço por que os alfarrabistas a cotam. Pois já cá está, passada de sob o martello do pregoeiro para o meu bolso. Custava 600 réis, seis tostões ou sessenta centavos. Pois custou isso mesmo seis vezes.

Eu sou o contrario de lord Byron que dizia: «sinto tentações de descer á prosa.» Para mim a prosa é tudo, o verso apenas

prosa applicada, nada mais. Não ha livro de versos que valha *Os ceifeiros* do Fialho, nem a *Morte do lobo* de Camillo. No emtanto o verso distrae e para mim são um distractivo suave os livros de versos. Apenas, apenas gosto de poucos. E' que hão de ser magnificos, ter lá dentro algo e serem musicaes, de uma musica que pode ser mais ou menos barbara, mas que nem por isso deixará de ser musica.

Nos modernos gostos de Cezario Verde, do Antonio Nobre, do José Duro. Gosto do *Hereje*, da *Traição*, das *Claridades do sul*, de Gomes Leal; gosto da *Morte de D. João* e dos *Simples*, de Guerra Junqueiro; gosto do exotismo do *Interlunio*, das *Horas* e do *Sagramor;* gosto de Augusto Gil e do Fausto Guedes; gosto do *Auto do Fim do Dia* do Correia d'Oliveira, do *Para que* do Lopes Vieira; da *Alma portugueza* de Delfim Guimarães.

A lagrima, *Na recepção da Embaixada*, *A Senhora Duqueza de Brabante*, de Junqueiro, Monsaraz e Gomes Leal são pieguí-

ces? São. Mas são adoraveis. Os versos de Gonçalves Crespo, as *Rimas* de João da Penha, os *Sonetos* de Anthero são cousas que me agradam tambem muito. Lembram-se do *Ouvir Estrellas* de Bilac? Do soneto *Pombas* de Raymundo Correia? Pois com franqueza gosto. De resto pouco mais, d'onde se vê que não enche estantes o mundo poetico da minha admiração.

*

* *

Reli o Guilherme d'Azevedo. Está esquecido e todavia os seus versos não se distanciaram muito de nós. Está esquecido, disse, o que não quer dizer que ele seja um esquecido. Esquecido é por exemplo esse Manuel Penteado sobre quem falarei um dia. Guilherme d'Azevedo ficou. Os seus versos vieram revolucionar a poesia do seu tempo. Guilherme Braga com o fogo do seu estro tinha-o precedido. Mas Guilherme Braga era apenas a inspiração. Guilherme d'Azevedo

foi o estudo. Em vida teve aura e ligou o seu nome a gente inolvidavel. Camillo sagrou-o poeta no *Cancioneiro*, Fialho escreveu a seu respeito uma pagina tragica nos *Gatos*, Anthero de Quental traçou sobre as suas *Radiações* o estudo que a *Alma Nova* publica em appendice.

FALA A ORDEM

Pequeno, d'onde vens cantando a **Marselheza**
Da barricada infame, ou d'outra vil torpeza?

Que esplendido porvir! Do nada apenas sahes
Começas a morder as purpuras reaes
O' filho trivial da livida canalha!...
E, vamos, deixa ver, guardaste uma navalha?!
Não tremas que eu bem vi! que trazes tu na mão?
Intentas já limar as grades da prisão,
Fazendo scintillar um ferro contra o solio
Archanjo que adejaes nos fumos do petroleo?!...
Mas, vamos, abre a mão; não queiras que te dê.

Bandido, eu bem dizia!—a carta do **A B C**!...

Teem quarenta e dois anos estes versos. Como se vê o poeta tinha ideias e tinha forma. Ficou por tudo isso. Ha quem tenha ficado apenas pela forma fria mas suave, correcta mas fria. Os versos de Guilherme de Azevedo teem vida e dão-nos evocação. O seu livro é um mundo de impressões diversas onde referve e se agita toda a alma humana. Como o pobre coxo era um pobre melancolico, impregna o livro um esfumado de sonho, um tom lethargico de delicioso travor que o torna amigo e carinhoso. O poeta verbera como um justiceiro, mas, mas, o coração apparece-nos a cada instante:

E' ler a sua poesia *As Victimas*. Ainda hoje se não faz melhor:

São pequenos sem pão que vão pedindo esmola
Nas lamas encharcando os regelados pés:
Que dormem nos portaes, que nunca vão á escola
—Flores que enfeitarão a noite das galés!

São aquelas gentis e pobres costureiras
De peito comprimido, anemica expressão;
Que passam a tossir, cançadas, com olheiras,
Ganhando em todo o dia apenas um tostão,

. . . . . .

São da lugubre noite umas flores sem nome
Batidas muito já dos grandes vendavaes,
Que por que sentem frio ou por que sentem fome,
Derramam pelo seio aromas triviaes.

E Guilherme d'Azevedo faz passar a procissão das victimas para terminar com uma quadra onde ha muito nihilismo verdadeiro:

Caminhe muito embora; a sorte é sempre varia
E a turba sofredora, ó grandes, bem sabeis,
Podia dividir a tunica cezarea
Lançando aos que estão nus a purpura dos reis!

Todo o livro é assim, E' por isso, apenas por essa bagatella que é um mundo, que eu gosto de Guilherme de Azevedo e, com sacrificio da minha bolsa magra, disputei a outras a obra do poeta. Pois é verdade. Foram trinta e seis tostões, mas que diabo! Se não ha em toda a litteratura poetica portugueza dez livros que valham isso...

O ELOGIO DO VICIO

Que o vicio deve ser coisa supina, mirifica, excellente não ha duvida nenhuma, visto haver tanta gente que o tem. E não ha duvida nenhuma que, se não fosse o vicio, metade da humanidade teria já morrido de tedio e outra metade se teria já suicidado.

Fumar é um vicio; jogar é um vicio; colleccionar é um vicio; amar é um vicio. Tudo quanto é bom na vida é um vicio. Abençoados sejam pois os vicios, que nos enchem a vida e a tornam grande.

Um homem fuma. Emquanto fuma é certo que o dinheiro arde. Mas digam-me se ha

prazer para a creatura comparavel a perseguir a caprichosa voluta de fumo com o pensamento. A sonhar, a esquecer, a narcotisar-se. Tudo na vida é vicio, tudo na vida é fumo. E é no fumo que aquelle homem encontra a felicidade. Elle não joga, não bebe, não tem outra preoccupação que fumar. E fuma. Fumando, esquece. Toxico adoravel que dás o esquecimento, eu te bemdigo.

Outro joga. Jogar é mau? Porque? Porque se perde. Se a creatura joga e enriquece, é um homem de sorte, e todos o adulam; se perde, é um safado, um batoteiro, um homem que tem o vicio de jogar. Todavia o jogo tem commoções que nenhum outro vicio dá. E' o desconhecido, a esfinge, é a sorte. Sabe-se lá o que é! Cerebro e coração tudo vibra, tudo sente, tudo lateja. E a bola precipita-se, revoluteia, salta, pára, para começar depois. Quantos sonhos, quantas maravilhas! Ganha-se? Como é bom atulhar de dinheiro as algibeiras. Perde-se? Como sabe bem philosophar nas contingencias da vida. Que predispõe a philosophias a algibeira leve.

Amar é tambem um vicio. Pois não será vicio perseguir uma mulher como o fumador persegue uma espiral de fumo ou o jogador um numero da roleta? Pois não será um vicio julgar que uma mulher pode amar alguem? E não dará o amor tantos motivos de alegria e desolação como o jogo?

Colleccionar! Mas vicio adoravel. Pois não é a elle que se deve o culto do passado? Pois não constitue essa trapeiragem benemerita uma coisa para louvar, apenas? E todavia a creatura afadiga-se e sua por uma peça que lhe falta. E não descança, e tem embates bruscos de coração só ao ouvir mencional-a. E que loucura o dia em que a alcança!...

A Avareza um vicio? Mas quem tal afiança é louco. A Avareza é tanto vicio como a prodigalidade. Com a differença: é que é á Avareza que se devem os thesouros enterrados. E quantos serviços prestados á numismatica! E' á Avareza que se deve o prazer immenso de sonhar com coisas phantasticas que se poderiam fazer com o seu ouro. Depois a Avareza requer força de vontade, paciencia,

dissimulação. A Avareza dá a sobriedade e a temperança, que são duas virtudes. E' inimiga do luxo. Odeia as exhibições. E' persistente, tenaz e tem uma paciencia infinita. Contenta-se em troca com tão pouco! Uma moeda nova vista e revista, dá horas de supremo prazer. Contar uma a uma as notas ou as moedas, que extraordinaria symphonia de commoções. Saber a gente que, se quizesse, se por acaso quizesse, poderia ter aquella linda mulher, aquella bella estatua, aquelle excellente movel, aquelle delicioso repasto. E não querer, e sorrir...

Beber é um vicio? Porquê tambem? Todavia beber é bom e dá prazer. Beber vinhos excellentes, excellente cerveja, venenos terriveis, antidotos de terriveis paixões. Quando um homem soffre e quer esquecer o que faz? Raciocina? Não; isso augmenta-lhe o soffrimento. Viaja? Não. Porque, não se podendo deixar a si, comsigo leva o seu soffrer. Bebe. Bebe até ficar bruto, até esquecer. E depois? Depois, dorme. Quem dorme esquece. Quem esquece é feliz. Beber é pois bom? E'. To-

dos os vicios são bons, afinal, e vale desconfiar de quem diga que os não tem.

Morphinisar-se, cocainizar-se, etherizar-se a gente é um vicio? E'. Vicio nefasto, que leva á loucura, que leva á morte. Opio santo, que dás a visão, que seria de uma parte da humanidade sem o teu torpôr!

Não. Deixae lá falar os moralistas, os philosophos, os sabbatinosos da moral. Se um vicio te dá prazer, longe de ser um vicio é um prazer. E, pobre mundo, pobre e triste humanidade, como seria estupida e monotona a vida sem os vicios que a espiritualizam...

Penso que está bem. Mas creio firmemente que uma pessoa deve ter um pouco de todos sem a nenhum a consagrar. E' que no jogo não se deve perseguir um numero apenas, no beber não gostar apenas de uma bebida só, no Amor não ter nunca uma só mulher. O vicio quer-se regulamentado e então é elle proprio quem engrandece, quem prolonga a vida.

Fontenelle tinha o vicio de beber café, que tambem é um vicio tão execravel como os

outros. Verberaram-lhe um dia o gosto dizendo-lhe que o café era um vicio, um veneno lento. E o sabio replicou: — «Tão lento que vivo d'elle ha oitenta annos».

Os vicios! O que seria a vida sem vicios? Meu Deus, antes a morte e mesmo n'essa, diz um vicioso meu amigo, ha o vicio de estar sempre deitado.

A vida sem vicios, uma creatura sem vicios! Fazem favor dizem como póde ser uma e se a encontrarem remettam-n'a direitinha a um muzeu. Os moralistas? Mas isso era bom que a gente os não conhecesse de gingeira. Que preguem. Entretanto que nos não faltem nunca os nossos vicios, fontes de vida e de prazer, credores eternos da nossa gratidão...

CEGOS

Ha dias já que um livro espera sobre a minha mesa de trabalho ensejo favorável para a leitura. E' que um livro mau lê-se de um folego, atira-se para o lado e nunca mais se pensa n'elle. Em compensação um livro bom exige tempo, solicitude, attenção e, creio que foi Trindade Coelho quem o disse, saboreia-se. Trata-se da brochura do dr. Sebastião Costa Santos, *Uma estatistica oftalmologica.*

*

* *

No atrio do museu do Luxemburgo perto

d'aquelle delicioso grupo de transidos de Roger-Bloche, que é *O Frio*, ha uma deliciosa reunião, um conciliabulo de cegas. Intitula-se *Jeunes Aveugles* e assigna-o H. Lefebvre. São quatro creaturinhas de asilo que falam. Uma, a da esquerda, com uma meudita aconchegada, tem a cabeça erguida, o ar de quem escuta. E' uma figura admiravel que a alma do artista sentiu profundamente.

Depois, entrando no museu, ha o grupo de Jean Turcan. *L'Aveugle et le Paralytique.* Tenho o museu ante os meus olhos e estes grupos sempre presentes. E ás vezes, quando á noite passava ao museu, lá via dentro das grades os provincianos miseraveis do *Frio*, açoitados pela ramaria da arvore que se extendia sobre suas cabeças e ao fundo, á direita, as cegas que pareciam ter entrado em oração. Parecia-me ás vezes que, quebrando o silencio pantheonico, a sua voz se erguia para dizer as queixas infinitas de Deus, o horror d'esse mundo de trevas onde viviam. Parecia-me que d'essa vida desconhecida me falavam para me contar historias terriveis da sombra

eterna, pesadelos sombrios d'essa eterna noite de luar. Mas não. Se chovia as cegas choravam. As lagrimas da chuva caíam pelas suas faces melancolicas e parece-me que ellas não amaldiçoavam, soffriam sem queixas. Mas dizem que mais de um transeunte as viu em noites claras extender as mãos para o luar e escutar transidas o ruido da devassa Paris que ao longe esturge e guizalha loucuras. As cegas, as pobres cegas do Luxemburgo...

*

* *

«Disse Henri Heine, o cego: «Não lastimem
«As lancinantes magoas que me opprimem...
«Espere cada qual chorar por fim.»

E eu, que tanto carpi os condenados,
Os cegos—os supremos desgraçados!—
Já lagrimas não tenho para mim!

Estes versos de Camilo, já cego, vêm-me á memoria. Evoco então o luctador que pre-

feriu a sombra da morte aos negrumes da cegueira. Evoco Milton, as cegas de Maeterlinck e o cego de Bartrina que julgava a côr encarnada egual ao sabor do gaspacho. E os cegos do «Homem Invisivel» de Wells que o chimico com tanto receio evitava com medo do agudissimo olfacto. Evoco tudo isso e a legião intérmina dos cegos pobresinhos que eu vejo á beira dos passeios tactear a calçada para atravessar a rua, os cegos cantores, de banza a tiracollo, que peregrinam e calcurream mundo á busca de uma côdea de pão. E tenho o horror intraduzivel, o horror dos horrores por esse supplicio espantoso. Castilho, o cego, foi feliz. Mas quantos, quantos se contam em toda a roda do mundo?

Ha os cegos de nascença e para esses a dôr minora-os em não saber do bem perdido. Mas ter vista e cegar de repente deve ser cousa muito de chorar. Para os que cegaram da explosão de uma pedreira, os que perderam a vista nos mil e um acidentes de trabalho, para esses vae toda a minha compaixão. Lares de repente submersos, almas n'um minuto soter-

radas... A dôr, a tragedia melancolica, saudosa, indefinivel dos cegos...

*

* *

Li o livro de um folego demorando-me um pouco nos graphicos. Sessenta e seis mil doentes dos olhos! Sessenta e seis mil creaturas que tiveram as angustias do pavor. Que viram ante si, pelo menos na fantasia, a montanha de sombra crescer, crescer até ao céu para depois se despenhar amortalhando-as na sua negridão. Ha muitos doentes d'essa clinica especial, diz Costa Santos. Ha muita percentagem d'esses doentes em Portugal. Ha. E fica-se a gente a pensar no Himalaia de dôr inedita que cimentou este livro de estatistica. Dôr rotulada, etiquetada, que daria centenas de estatuas, de poemas, de paginas. Dôr perdida afinal, que nada d'ella resta no enumerar dos roes estatisticos senão a que lhe empresta a sensibilidade do leitor. E a quem disser que a estatistica não é uma leitura interessante,

diremos que só o não é porque o leitor não sabe pôr alma na sua leitura.

E' e afinal bem curiosa, esta *Estatistica oftalmologica*. Os numeros evocadores! Camillo, as cegas do museu, versos, arte, a Noite eterna, os cegos... Não foi debalde que um genio lhes chamou «os supremos desgraçados». E desgraça tamanha, que elle proprio se matou para lhe fugir...

NASCIMENTOS

Ha coisas curiosissimas por esta vida fóra. Por exemplo: A de querer ser fidalgo de linhagem, aparentado de reis, o filho de um pobre remendão de escada, honrado sim, mas sem prosapias avoengas de costela de oiro e mais partes. Pois isso é frequente, e aqui tenho eu na minha frente o cartão de um cavalheiro que hontem, como qualquer de nós, tinha apenas os nomes que lhe deram e hoje inscreve nada menos de oito, todos de vulto e de raiz genealogica mais cotada. E acho graça á vigarice. Não tendo outra coisa, não sendo uma belleza de homem para luzir nos coliseus, não tendo a destreza de um mestre d'armas ou d'um equitador, não tendo dez

réis de talento no miolo, o cavalheiro desanda a pejar os cartões com todos os nomes que elle calcula ou desejava fossem seus paes, sem respeito pelo nome plebeu do verdadeiro, se é que o camarada não foi feito por subscrição de gentes que aos interprelados disseram chamar-se apenas N. N. E vá de estudar modos, de calçar luvas, de não levar a faca ao peixe, nem lambuzar os dedos no molho, vá de endireitar a espinha e pôr collarinhos d'altura da torre dos Clerigos. Depois, um boccado de convivencia, algumas apresentações e o cavalheiro pega d'enxerto n'alguma menina que tem o mesmo sonho de ser nobre, de ser fidalga, de ser aristocrata. Se casam, vá de dar chás, para que os jornaes digam coisas. E a gente julga pelas noticias que aquillo foram deslumbrancias de tremer, saias sumptuosas, e gosos infinitos, quando elles nunca estiveram tão arreliados, a mandar a creada ensaiada servir a agua quente, em salas que mais pareciam gaiolas de grilos. No final é bem feito e eu rio. Para que é que afinal esta gente complica a vida? Sendo a existencia uma coisa sim-

pies, para que demonio ha de essa gente embrulhal-a em difficuldades sem geito? Ah! Mas é que é outra coisa. O filho do sapateiro, que era apenas Antonio Gaspar, se se chama Antonio Pereira de Vasconcelos Teles Alcoforado Gaspar e Menezes tem outra linha. E o pobre pateta julga que é verdade. Afinal, não póde andar muito por fóra com a vaidade, porque lhe succede o mesmo que succedia ao cabedal que o pae passou a vida a engraixar. Vê-se que é bezerro e do mau...

*

* *

Sabido como falcatruada está por interferencias vilãs a prosapia dos filhos de algo, quasi ha honra e mór nobreza em descender de um pobre casal de humildes, sem turvança de juizo, nem precisão de estranhos no cumprir a aritmetica multiplicativa dos evangelhos. E vê-se que Leonardo de Vinci era filho de um tabellião, Demosthenes era filho de um serralheiro de Athenas e Cicero «não se pe-

java da sua baixa extracção». J. Jacques Rousseau era filho de um sapateiro, D'Alembert foi recolhido como exposto na escadaria de uma egreja, Nelson, o grande almirante, era filho de um pobre cura de Barnhann-Thorpes, e um notavel arcebispo de Evora, que tinha uma cicatriz na cara, não se dedignava de explicar a sua proveniencia, dizendo que fôra em garoto uma chispa da bigorna do pae, que era ferreiro.

Ora o meu fidalgo é obtuso para saber de tudo isto e já tem prevenido o pae que não lhe chame filho deante dos estranhos. Deshonra-se. Não tendo valor para fundar a nobreza propria, nobreza que começasse n'elle sem ardis, do talento, da honra ou do dinheiro, elle é bronco e prefere a meia duzia de apellidos que inventou. Já lhe tenho dito que tudo aquillo não vale um caroço de azeitona e que os outros se riem. E' teimoso, não se importa. Contei-lhe já o succedido com outro da sua força, que vendo um velho fidalgo a consultar um tratado genealogico n'um volume, lhe pediu para que lhe procurasse os costados, o

tombo, os avoengos da sua, ao que o titular, piscando o olho, dissera: Vem no segundo volume, meu amigo.

— «Mas a obra tem apenas um...

— «Por isso mesmo, meu caro, por isso mesmo!»

* * *

E como elle é um machão vadio, tenho-o induzido a que trabalhe, civilize-se. O nosso Joaquim Martins de Carvalho, por não ser doutor n'uma terra de doutores, foi alcunhado com o officio modesto que tivera. Pois os doutores esqueceram e em Coimbra o nome d'elle é eterno. Sixto V guardou porcos e foi pápa, Lincoln foi carpinteiro e chegou a presidente dos Estados Unidos, Plauto foi moço de padeiro, Machiavelli, operario, e todavia deixaram nome eterno, nobreza imperecivel. Tudo isto lhe digo. O bruto a nada se move. Quer ser fidalgo. E' thalassa, conservador, temente a Deus. Dá chás sem ter vintem. Chama-se

Antonio Pereira de Vasconcelos Teles Alcoforado Gaspar e Menezes e é filho de um remendão. Parece carapuça para alguem que tu conheces, leitor? Não é. Ha tantos como elle! E vá que ainda elle se não promoveu a Visconde... por exemplo. E até já nem pagava direitos de mercê, que hoje o viscondado, como todos sabem, é livre.

AUTOMOBILISMO

Ha dias o acaso trouxe-me ás mãos os catalogos-albuns de uma das mais importantes casas automobilistas de Paris. Folheando-o, eu pude considerar bem como o nosso seculo caminha vertiginosamente.

Letamendi disse sabiamente que «o progresso não é um expresso em marcha; é uma arvore que se desenvolve,» definição que era uma luva, no seu tempo. Hoje, elle morreria de espanto ao ver como a arvore do progresso cresce. E' vêr a pernada automobilista. Ainda hontem quasi desconhecida, alastra-se hoje florescente e proveitosa por todo o mundo.

Ora veja-se a distancia que vae de 1869 em que Cugnot inventáva um automovel que

transportava 2 toneladas á velocidade de 4 kilometros á hora até um d'esses formidaveis camions de 5 toneladas de 28|32 HP com todos os melhoramentos desde a illuminação electrica até ao arrefecimento por bomba, irradiador e ventilador, com 4 velocidades e toda a sorte de freios, solido e elegante, seguro e ligeiro. Pense-se um pouco no carro que Hancock construiu em 1833, que attingia a velocidade de 14 kilometros á hora, o que nos permittia ir ao Porto, se uma tal bizarma resistisse, em 23 horas, sem paragens nem descanço a um d'esses ***spiders*** de corridas que podem sem fadiga fazer 90 á hora, o que no mesmo percurso, em teoria, nos dá pouco menos de quatro horas, e digam-nos depois se não é o nosso tempo a epocha das loucuras maravilhosas, a verdadeira edade em que o Impossivel começa a ser tido como lenda e irrisoria invenção.

Que o automobilismo verdadeiro começou com Daimler em 1890. Depois Panhard e Lavasseur, Peugeot, Serpollet, Dion Bouton, O leitor sabe! Pois nunca houve industria que

tão depressa se desenvolvesse o progresso arvore que se desenvolve. Pobre Letamendi. Inverteu as affirmativas. Agora sim. O progresso é um expresso em marcha. Em marcha a 150 á hora...

*

* *

Antes de ter visto os catalogos-albuns da casa Delahaye, onde ha desde o automovel vulgar, *phaeton*, *landaulet*, *limousine* ou *coupé*, até aos automoveis de grande luxo, com direcção interior e que custam um predio de casas, eu vira já no *Je sais tout*, de agosto de 1912, o automovel do serviço de saude do exercito francez — uma sala de operações com *marqueza*, ferramental cirurgico, apparelhos, farmacia e tudo o indispensavel para um tropa ser despido, anesthesiado, retalhado, martellado, tesourado, cosido e acordado em quanto o diabo esfrega um olho. Tudo alli se previu. A propria luz é recebida do tecto. E' a carroça dos comicos ambulantes ao serviço

do progresso. Vão a pouco e pouco desapparecendo os saltimbancos, senão ainda os haviamos de vêr começar a funcção ao meio dia no Rocio, anunciando-se a ***reprise*** para as 4 horas da tarde no largo de Santa Cruz em Coimbra.

Pois é vêr como a industria progride e como em poucos annos se póde fazer nome e fortuna. Toda a gente conhece o Creusot, o grande centro industrial. No Creusot o Schneider, com os seus 22:000 operarios; sabe toda a gente quem é o Goerz das lunetas com os seus 3:000 operarios; e já pelo menos uma vez na vida ouviu falar no Siemens-Halsk, onde se empregam 81:000 homens e mulheres e onde só automoveis se fabricam 600 por ano, e no Krupp, o celebre Krupp da Artilharia, em Essen que tem 60:000 operarios com 6:000 engenheiros e empregados. Pois bem. Isso são fortunas feitas todos os dias a pouco e pouco, pois só a pouco e pouco a industria progredia. Agora pense-se neste Delahaye, casa recente com os seus milhares de operarios e todos os dias a vo-

mitar automoveis pela portada das suas fabricas, 38 de telegraphia sem fios para o exercito francez, 180 para os correios e telegraphos, 32 autobombas e 23 escadas magyrus para o serviço de incendios, não sei quantos para o Louvre, não sei quantos para o Dubonet, e não sei quantos para o ministerio da guerra e para a cervejaria des Moulineaux. Não vae collocar os seus productos a Paris apenas ou á França.

Leva uma bomba de incendios a Cholon, na Cochinchina, um *camion* a Moscow, um fourgon postal á Argentina, um autobus ás Filipinas, uma ambulancia á policia do Rio de Janeiro, um *char-à-bancs* a Barcelona, um phaeton ao Mexico.

Não é uma casa é um polvo. Os seus tentaculos erguem-se, atravessam os mares e lá vão encher de ouro os cofres centraes. Tanto faz que esse ouro seja o franco, como o dollar, como o peso, a peseta, o rublo, réis, escudo ou libra. E'-lhe indifferente. E as chaminés fumegam, ha officinas, cidades inteiras que estão trabalhando o aço; longe, muito

longe, embarca borracha e todo um mundo cultiva, transporta, forja, corta, pinta, prega e sua para que a distancia seja um mytho e afanosamente a vida se transforme n'uma vertigem. Vive-se a correr, tudo marcha, tudo toma o seu logar no automovel. Só a dôr peregrina batendo a todas as portas. E que importa que o homem tenha inventado o automovel que corre a cento de kilómetros á hora se elle não pode fugir á Dôr, se nunca o expresso do Progresso nos dará o automovel ideal com que elle se lhe possa evadir?

WELLS

Disse-o ha muitos anos um medico famoso e desde então nunca mais ninguem deixou de o repetir: «o genio é parente da loucura.» Repetida a velha idéa de que o mundo está cheio de malucos que ninguem toma como taes, a não ser que os seus dispauterios sejam de marca maior, a gente observadora e minuciosa constata que é isso uma tremenda verdade. O genio é parente da loucura! E aqui estou eu, apoz a leitura de um livro de Wells, não sabendo ao certo se aquillo é genio, genio puro, sem contrafacção, se é loucura, loucura em plena floração, em toda a sua grandeza. Wells não pensa como nós. Os seus raciocinios a partir

de uma determinada linha são mais além do existente, do comum, do real. São alicerçados na loucura... ou no genio. Quem o acompanhar embrenha-se com elle nas suas deducções e d'ahi a pouco estará com o horror dos espaços livres, tonto do panorama, que o escritor qual novo Satan, o obrigou a contemplar. Conhecem o *Homem invisivel?* Pois Wells inventou o homem invisivel. Como? Imagine-se um chimico que, apoz estudos sem conto, descobre uma droga que tem a propriedade de tornar o corpo invisivel. A sua primeira experiencia faz-se n'um gato. E o gato mia, entra, sobe, rouba, fareja sem que o vejam. Ouve-se miar desesperadamente mas não se vê quem mia; vê-se um bife caminhar mas não se sabe quem o furta. E' o gato invisivel. Depois do gato o chimico fez a experiencia em si. E vê-se um sobretudo com um chapeu um pouco mais acima collocado como se lá estivesse uma cabeça. O sobretudo anda, o chapeu tira-se, ás vezes uma garrafa tomada por uma mão invisivel despeja-se num copo seguro por outra mão que

se não vê. Tudo aquillo é mysterioso. Mas, o homem invisivel só o é completamente se estiver nu e em jejum porque se não apparecem no estomago os alimentos. E o pobre invisivel, alma penada e perseguida, acaba morto á paulada numa montaria em forma que lhe preparam. São assim, d'este calibre, as phantasias do sr. Wells, ao pé do qual Julio Verne não é senão um phantasioso auctor de provincia.

Wells, como Conan Doyle, foi dado a conhecer ao nosso publico por intermedio do saudoso Manuel de Macedo. D'então para cá Wells tem sido um dos auctores da nossa predilecção.

Um dos seus trabalhos *A guerra futura* foi apenas uma visão agrandada do cataclismo europeu. E dizemos agrandada porque Wells a faz passar entre a Allemanha e a America, intervindo por fim a Asia, formidavelmente armada para a guerra e tornando-se esta extensiva a todo o mundo sem haver um canto que a destruição e a peste não visitem.

Uma esquadra allemã bate-se em pleno

Atlantico com a esquadra americana. Ganham os allemães porque a frota aerea deixa cair o immenso poder dos seus explosivos sobre os americanos semi-vencedores. Depois a esquadra do ar bombardeia, incendeia, arraza New-York e é por seu turno destruida pela frota asiatica. As carabinas com balas de oxygenio, as immensas aeronaves, o massacre em grande, Paris, Londres, Berlim arrazadas, tudo surdiu da imaginação portentosa do sr. Wells. Diz-se até que os seus livros dementaram um pouco a megalomania dominativa do kronprinz e deram a von Tirpitz a idéa de sequestrar a Inglaterra do convivio do universo pelo seu bloqueio submarino. De resto isso é verdade em parte. Wells previu a guerra submarina como Peary o almirante o tinha feito. Só Wells lhe emprestou todo o seu phantasioso poder, emquanto este a analisara com fleugma.

E' verdade que Camillo asseverava ser a vida já de si tão fertil que nada ha que pedir á imaginação. Talvez. Pois o torpedeamento do *Lusitania*, o bombardeamento da

cathedral de Reims, as incursões nocturnas para despejar bombas sobre Londres e sobre Paris, a batalha naval da Jutlandia não são coisas quasi tão inacreditaveis como as invenções de Wells? E os gazes asphyxiantes, os monstruosos 420, os immensos automoveis blindados inglezes, os submarinos de commercio não serão tambem coisas tão espantosas que se diriam existir apenas na imaginação novellista de um escriptor como Wells? Mas Wells é um genio? E' um louco? Creio firmemente que é um louco. Só um maluco em ponto grande poderia architectar taes enormidades. Que são logicas? São. Mas tambem o maluco de Bartrina affirmando que tudo, tudo n'este mundo cresce 40 metros por segundo, demonstrava que isso é certo, pois crescendo os nossos olhos como tudo, não cresceria a nossos olhos nada, não é verdade?

A loucura invadiu os litteratos. Depois de Wells, que descobriu cachos de uvas que são precisos *camions* para transportar cada um, Conan Doyle descobriu Sherlock Holmes. Wells tem a loucura do mais além do inventado.

Conan Doyle tem a loucura raciocinante. O seu personagem a proposito de tudo faz as mais estranhas deducções. Mauricio Leblanc para contrapôr a Sherlock inventa Arsene Lupin, o roubo elevado ao romance. Tudo loucuras, que a gente toma por coisas normaes, mas loucuras no fundo, coisas em que nunca ninguem pensou nem tornará a pensar, monstruosidades, espantosas coisas.

Todavia ha quem tome esta gente por creaturas ajuizadas quando ellas apenas o são porque não cabriolam nas ruas, nem fazem esgares no omnibus. Mas o cerebro d'estes cavalheiros deve ser uma coisa exquisita attenta á qualidade de seres que nelle vivem e á flora que os embelleza. E para completar já ha a litteratura do mundo invisivel, coisas espiritas, poços fataes, mesas girantes, a par do cinema onde ha terrores, dramas e paixões inverosimeis. E' isto o genio? E' a loucura? Não sei. Sei apenas que Wells, Conan Doyle, Leblanc e poucos outros são a cocaina do nosso espirito de cansados e exhaustos. Deliciosos malucos, interessantissimos escriptores!...

O AZAR

PARA palestrar um pouco sentámo-nos. Elle pediu cognac, eu jornaes. Mas como o seu cognac flammejasse ante os meus olhos n'uma obstinação e como na capa de *The Sphere, Apollinaris,* a rainha das aguas de mesa, se fizesse lembrar, eu, na impossibilidade de pedir a rainha Apollinaris, pedi Vidago, pacata, ignorada, e aldeã Vidago. Mas havia um proposito surdo de discutir fosse o que fosse. questionar, impugnar, rebater, refilar. O ambiente estava cheio de uma hostilidade que nos impregnava. E assim, fôsse a extincção da raça dos elephantes, fosse a dentição dos corcodilos, a questão entre Sarah e Rostand, ou a crise ministerial da França, tudo

vinha ás mil maravilhas para armar uma conversasinha pulada, qual de lá qual de cá em que se terminaria sem se ter logrado saber para quê todo aquelle aranzel de gritos, de zaragata com argumentos e razões que nem que fosse para morte de homem ou roubo de egreja. Foi «The Sphere» quem deu a lenha mostrando logo na 1.ª pagina o «Empress of Ireland» que o «Storstad» metteu no fundo na noite de 28 para 29 de maio. Eu para dizer alguma coisa disse que o fallecido barco de 14191 toneladas, da Canadian Pacific Railway, era irmão mais novo do «Empress of Britain», pois fôra construido em 1906 e este em 1905; irmão como o «Empress of Asia» era do «Empress of Russia«, mas estes gemeos e todos elles nascidos nos estaleiros dos srs. Fairfield C.º Ld. de Glasgow. Mas o meu interlocutor não quiz o debate em marinharias e preferiu o psycologico, a garraiada psycologica que é toda a nossa literatura. E a proposito citou o Azar. O Azar calculei eu que, adestrado nos pulinhos famosos, fosse elle ter jogado na preta e ter saido

a vermelha. Nada disso. O Azar era o caso de dois cavalheiros terem escapado do naufragio do «Titanic» e terem vindo morrer no «Empress of Ireland.» Não vi bem onde estava o azar. Mas o azar era ainda o ter descarrilado o comboio que conduzia os sobreviventes... Eu, por mim, continuava em pleno nevoeiro. O azar era aquillo? O azar era então todos os immensos casos que elle me citava conducentes a fazer-me acreditar que havia mais um Deus, no Olympo dos credulos, que se chamava azar e que a seu belo prazer se convertia em «formiga» de qualquer creatura... Mas então azar tinha aquelle passageiro do «Ville de Victoria» que, dizia ele, preferia andar onde anda a raposa. Não ficou a bordo é certo, mas hospedando-se no Francfort o hotel ardeu essa noite e elle a custo salvou a pelle. Mas azar tinha então aquelle sujeito que caiu e partiu uma perna, o outro que foi atropellado por um electrico, o outro ainda a quem roubaram o relogio. Então azar todos teem e azar é tudo na vida desde o nascimento até á morte. Azar é pa-

gar ao senhorio, azar é cazar, azar é comer, dormir tambem pode ser azar.

—Não, o azar não existe. V. lembra-se da resposta que deu o marinheiro ao pateta que lhe perguntava porque, tendo o bisavô delle, o avô delle, o pae delle morrido no mar, se atrevia elle ainda a embarcar? Pois foi perguntar-lhe porque, tendo o seu bisavô, o seu avô e o seu pae morrido na cama, se atrevia elle ainda a deitar-se?

O Azar! Bartrina em versos famosos pôz um dia a questão. Um homem sae á rua. Uma pedra cae e apanha-o. Até aqui, muito bem. Mas, mas pergunta o poeta curioso:

A pedra caíu quando o homem passou ou o homem passou quando a pedra caíu? Se a pedra caíu quando o homem passou foi a fatalidade, a fatalidade deusa tenebrosa, madrasta do Azar; se o homem passou quando a pedra caíu então foi a casualidade. Em qualquer dos casos o que é um facto, sem psycologisar cousa alguma, é que o homem passou e a pedra caíu e que o homem foi attingido pela pedra e que a pedra mandou o

homem para o hospital donde o cirurgião de serviço o mandou para a Morgue. Ainda ha pouco succedeu com um policia e uma tabua. Mas, mas que tem com tudo isto o azar? Ha azar? Não ha azar? Sei lá, sabemos nós acaso alguma coisa? Lembra-me um argumento de frade para demonstrar a existencia de Deus, e que era no meu tempo das selectas: Um bispo que dizia a uma creança que lhe daria uma laranja se ella lhe dissesse onde estava Deus. E a creança em resposta promettia meia duzia ao mitrado se elle lhe dissesse, onde elle não estava!

Eu citei tudo isto, embrulhei a questão desde os Santos Padres até á revolução franceza, tendo citado desde o cidadão Socrates até ao sr. Faguet, um litterato que tambem embrulha tudo em que se mette. E não contente, eu revelei ainda grandes coisas desde a efficacia dos pós de Keating, para que Edgar Poe escreveu o *Corvo*, porque foi para os infalliveis pós insecticidas que Poe escreveu o seu *Nunca mais*, até á anatomia do gigante Adamastor. Disse o que eram os

jardins suspensos de Semiramis e porque maneira eu comprehendia a irrigação do Alemtejo; e... e não disse mais porque me faltou o folego. Não que me faltassem ideias ou palavras; não que me faltasse o ardor bellico para proseguir intemeratamente. Mas... mas é que nem elle nem eu, a respeito do Azar, tinhamos mais do que argumentos como os jardins de Semiramis e as irrigações do Alemtejo. O Azar? Mas ha creaturas azarentas? Não ha? Quem sabe. Depois de uma tão grande pugna eu não sei mais, o meu companheiro tambem não. Elle bebeu tres calix de cognac, eu duas garrafas de Vidago. Elle pagou a conta, eu escrevi o artigo. Mas ha por ahi quem saiba se o Azar existe? E' gordo? E' magro? Ha? Pois quem o descobriu guarde-o, que para nós basta-nos o de ter perdido tanto tempo a parolar em taes demasias. O Azar? A Sorte? Com trinta e seis numeros, um panno verde, alguns tolos e algum dinheiro era um roleta completa!

O Azar! o Azar! Deus! o Destino! Em que coisas tão idiotas a gente pensa ás vezes!...

UMA VIAGEM

Esta Lisboa, terra de muitas e desvairadas gentes, no dizer do chronista, tem dentro de si cem Lisboas differentes, a que muito pouca gente sonhou o inédito e historiou o pitoresco, já Julio Cesar Machado o notou. Ahi tem o leitor, que conhece talvez a cabine dos transatlanticos e o conforto dos automoveis de luxo, uma viagem com que nunca sonhou, sequer: a de ir n'um carro do Jorge — *Jorge* ou *Chora*, em giria — do Conde Barão ao Intendente. Não sabe o que isso é? Nunca idealisou o que será? Pois garantimos-lhe que ella é perita em massagens e, para o transeunte apressado, tem a angustia só comparavel á da dos galeões da India,

de que fala a *Historia Tragico-Maritima*... quando naufragavam...

*

* *

O carro que nos ha-de conduzir espera no largo que o fiscal, um velhote de nariz de rabanete, apite. Entretanto, emquanto o cocheiro e o seu socio conductor palestram e as mulas cogitam, á formiga foi entrando gente que se amezenda e aborrece.

Agora, um operario com o saquitel de ferramenta; depois, uma costureirita de alfaiate com a obra para a loja. Logo a seguir, uma senhora visinha e dois petizes. Toda esta gente entrou, sentou-se, abriu a bocca, e espera. Mas eis que o velhote dá um apito e o cocheiro agarra no pingalim. O conductor trepa á plataforma e com voz soturna berra: «Intendente!! Vae pr'ó Intendente!» Uma chicotada nas bestas e a carrinhola começa a mover-se. E' uma coisa grave, este movimento. Tem-se a impressão de que carro,

mulas, cocheiro e passageiros, tudo se vae desconjuntar. Mas não. Aqui eleva-se até ás nuvens, como um navio em tempestade; alli, afocinha tão fundo, que dir-se-hia irmos direitinhos para as profundas dos infernos.

Boleu para aqui, boleu para alli, todos saccolejados por dentro, o cobre dançando cancans infernaes nas algibeiras, se nunca ninguem morreu como nas tragedias de Eschylo, dizem que ha quem tenha enjoado, como nas travessias agitadas. Entrou nos rails e andou dez metros. Parou e eis que novamente o conductor largou a berrar como um possesso. Mette-se com a gente que passa, convida todo o mundo a entrar e prepara-se para estar alli até de madrugada quando um electrico salvador vem desalojar a carripana. Julgam talvez que ella desandou a fugir pelas calhas fóra, pimpona e atrevida? Qual. Sáe das calhas, dá quatro balanços e fica. Já o conductor disse o seu «*vá lá a ver!*» quando bispa um cavalheiro a correr lá para o pé da calçada do Marquez de Abrantes. Dá contra aviso e ficamos de conserva mais dez minu-

tos. Entretanto, foi chegando gente, para que já quasi não ha logar. O cavalheiro chega, iça-se e installa-se o melhor que póde. Diz um distico ao fundo «40 passageiros». Deve ser engano com certeza. 40? Onde se arrumariam? Nada. Só se o carro é de segredo.

Mas agora é certo. Um encontrão, dois bordos mais e estamos outra vez nas calhas. Todo este sarilho já dura ha vinte minutos, mas agora é que é. Começa a mover-se e vae. Estamos defronte do Instituto, já o conductor fez a cobrança, 10 réis para o Terreiro do Paço, um vintem toda a viagem, quando novamente pára. Uma das mulas deitou-se no chão e desata a dizer para o cocheiro que nem mais uma: puxe elle se quizer. O cocheiro refila e mostra-lhe a pita do chicote. Ella diz que d'alli só para casa e ha de ser de carro electrico. E para mostrar que não tem medo do castigo, por desfastio, dá um coice que só apanha o carro, felizmente. E' teimosa a mulinha. O cocheiro bem se esfalfa. Já de volta da recalcitrante ha todos os

passageiros a solicitarem urbanamente a fineza de se levantar.

Alguns imploram, outros refilam. Chama-se o policia. Mas ha rostos apoquentados, cavalheiros que tinham que estar a horas no vapor do Barreiro e estão alli ha meia hora! E' enorme a fila de carros electricos. Está uma rua inteira dependente da vontade do cavalicoque. Mas, respira-se. Taes coisas o cocheiro lhe disse, tão em brios a metteu, que ella decide-se a puxar. Passam primeiro trinta e tres carros electricos que esperavam e lá vamos nós até defronte do Gaz, porque um velhote se quer apear.

O conductor vae azul de escamado. Trata os passageiros por *bocê* e já disse a um que o pizou: «Bocê é comprido!» arrumando o cigarro atraz da orelha. Mais quatro saccudidellas e estamos defronte do elevador da Bica. Saímos das calhas outra vez. Ha encontrões, roubos de carteiras, um cabaz de ovos que se transforma n'uma gemmada. Ha uma hora bem puxada que saímos do Conde Barão, para estarmos agora em frente de S.

Paulo. Nova paragem para entrarem quatro varinas com canastras de peixe. E' a invasão dos barbaros, o salve-se quem pudér. Ai de quem tem o fatinho sem nodoas. Mesmo sem querer, uma pessoa leva com uma cabeça de pescada pelas ventas e fica com as calças e as botas cheias de salmoira. Entram mais umas quinze pessoas. Vae á cunha a carrinhola, os eixos gemendo, as mulas arfando, o cocheiro praguejando e a gente dando ao diabo a idéa de ter entrado n'aquella caverna.

Parece que não virá mais ninguem. Qual! O malvado conductor, que já vae pendurado fóra do carro, é só chamar gente, que já não vão 40 vão 98 pessoas. E, suando, gemendo, a paciencia exgotada, o corpo derreado, o fato sujo, a gente não sabe ainda como acabará tal martyrio. Demais, ainda que se quizesse ir embora não póde. E' preciso desarrumar 22 passageiros, todos muito mal encarados, todos bufantes de azedume. Ha questões. E paramos outra vez porque se entortou uma roda. Outro sarilho. E como apa-

nhemos uma aberta apeamo-nos e seguimos a pé, que vamos muito mais depressa. De resto, lembra-nos a historia do cantor:—Por dez réis, talvez quizesse ouvir a Patti!

E chegamos ao Terreiro do Paço em tres minutos, a pé, pouco refeitos ainda da accidentada viagem...

.....

Eram tão interessantes. Mas tudo que é bom acaba depressa. O *Chora* é hoje apenas uma saudade.

A AMERICA

Alfredo Mesquita, que eu conheci atravez de um artigo sobre Fialho d'Almeida e que encontrei depois conservador na Bibliotheca da Escola Naval, herdou do Julio Cesar Machado, que elle admira, o segredo da prosa leve que interessa e encanta e mana e flue limpida, alegre, desprendida, brincante. Mas sobre esse Julio Cesar Machado tem Alfredo Mesquita extraordinarias qualidades de observador que armam e cimentam muito mais duradouramente a sua obra. Concluindo, teremos em Alfredo Mesquita um espirito leve e saltitante de chronista de jornal, com toda a observação e fundo de um cultor do romance naturalista.

Só o que elle sabe é disfarçar a informação, o dado, a parte massiça com volutas e arabescos de invejar a um dos nossos filigranistas da ourivesaria popular.

Assim, sempre sorrindo por detraz dos oculos, elle publicou a *Vid'airada*, *De cara alegre*, as *Memorias de um fura vidas* e *Alfacinhas*, livros pittorescos para ler e para conservar, onde a prosa é sempre brilhante e o bom humor perpetuo. Ensaiou o romance e escreveu *A Rua do Oiro*. Calcurreou paizes estrangeiros. Agora mesmo é elle chegado de Constantinopla, onde foi consul, e dá-nos sucessivamene as *Terras de Hespanha* e as *Cartas da Hollanda*. O seu ultimo livro chama-se *A America do Norte*. A America é o paiz das maravilhas e ainda se tem como coisa supina ter um tio de lá. Pois Alfredo Mesquita, que viu a America com olhos exactos, conta-nos o que viu com a prosa de que já falámos. E a gente, como ao passar de uma fita cinematographica, intensa e tumultuosa, vê as cidades onde os predios topetam o ceu, as ruas onde a viação não

tendo já logar ao nosso lado, se pendurou sobre as nossas cabeças, depois de trepidar a alguns metros debaixo da sola das nossas botas, a electricidade dando leis e tornando a vica coisa optima. Vê os comboios fumegando e devorando kilómetros, vê os matadouros monstros, os navios monstros, as riquezas monstros. Tudo monstruoso, que na America um dos nossos predios de seis andares é um chalet insignificante e a fortuna de qualquer dos nossos argentarios de nome uma insignificantissima miseria. A vida amplificada pelo scenario que o homem lhe deu, intensificou-se de maneira que não ha logar para sentimentalismos piegas e para o *dolce far niente*, o deixa para ámanhã e o Deus dará tão do agrado dos latinos. A vida é alli qualquer coisa de enorme e o homem uma consciencia e uma força. O homem que se fez por si, que á custa do seu braço e do seu esforço subiu e se installou, é vulgar. E vulgar é ainda que esse homem, que quer e sabe querer, chegue a ser qualquer coisa de grande quer seja um grande banqueiro, ou um grande industrial,

um grande engenheiro ou presidente da Republica.

Quem tiver iniciativa e tenacidade vence em toda a parte. Mas só na America é que essa energia e essa tenacidade cobram juro monstro. O que na Europa leva dez anos é conseguivel lá em dez mezes. Apenas... apenas se exige qualidades para a lucta, porque lá, mais do que em parte alguma, a lei de Darwin se acha de pé. Ha assim exemplos de pequenos engraxadores que chegam a ser reis de qualquer coisa, não importa o quê, algodão, ferro, petroleo, carne de porco ou graxa, compota ou caminhos de ferro. Isso quer dizer que o pequeno engraxador peza milhões de dollares.

A mulher não é um objecto de luxo, é a companheira do homem. Sabe como elle o que é a chuva e o vento e sabe como elle o que é vida. Succede com isso que ha menos hypocrisia no amor e este é uma coisa feita da communhão das almas mais do que do despertar de cios. Gente viril, gente apressada e trabalhadora, o quinhão de felicidade

não é como entre nós um bamburrio, mas uma coisa ganha, uma coisa adquirida, que dá orgulho, que dá nobreza.

O livro de Alfredo Mesquita distrae, ensina e encoraja. E' um livro rejuvenescedor e efficaz. A energia da civilização descrita não nos deslumbra pacoviamente mas dá-nos vontade de a imitar, de a reproduzir. Mas ai de nós! Outras terras, outros costumes, ou como diz o zé povo, cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. O uso cá da terra é a mandria, por isso tudo aquillo, aquelles predios, aquelles homens, aquellas iniciativas, nos parecem desmesuradas, espantosas, estranhas.

Alfredo Mesquita prestou um bom serviço ás lettras com o seu livro que devia ser obrigatorio á mocidade de hoje, para vèr se os homens de ámanhã teem trocados alguns dos seus defeitos por muitas das qualidades de que este delicioso livro é inventario...

VIDA QUE PASSA

Ha poucos dias, ardeu totalmente um predio na Costa do Castello. Era meia noite e pacatamente eu recolhia a casa, quando a fumaceira sanguinea das labaredas me deteve. Fui ver tambem, e como estive perto assisti ao tumulto da extincção e vi successivamente abater o segundo andar sobre o primeiro e este sobre a loja. Mas só no outro dia pelas noticias dos jornaes eu soube que lá tinham morrido dois velhotes. Ella de 84 annos, paralytica. Elle de 72, pedreiro, Joaquim Correia, de nome. «Segundo diz a visinhança o Correia foi visto na rua a pedir soccorro, voltando depois ao predio a tentar

salvar sua mulher e não tornando mais a ser visto» dizem os periodicos.

Penso um pouco n'este facto e scismo. O predio ardia n'um magusto colossal. Elle, tonto, desceu a escada, achou-se na rua, já o novello de fumo chegava ao ceu e crepitavam as madeiras em linguas rubras de fogo. Tonto, pediu que o ajudassem, que fossem lá acima buscar a sua pobre, entrevada companheira. Podia ter ficado a salvo, bradando apenas, estorcendo o seu desespero impotente, chorando, pedindo, gritando.

A fogueira era cada vez maior e elle podia ter-se limitado a ver arder a sua companheira de tantos annos de envolta com os moveis, as recordações, as saudades. Era o que faria a maioria da gente na impotencia de fazer algo mais. Elle, porém, não ! Já o turbilhão de fumo cegava, já todo o madeiramento rangia, já tudo em volta era o fim e elle, velho como era, subiu a escada, trepou os dois andares, entrou no cubiculo onde amarrada á sua cama a velhota via subir o rolão do fumo e a lingua sangrenta das chammas.

Companheiros tinham sido a vida toda, que ella fôra nova, bonita, desempenada e forte. Em tempos que passaram tinham dito palavras de amor, tinham feito juras, tinham ouvido bater juntos o coração. Rudemente talvez, tinham sido felizes. Depois a vida passou e elle, ainda rijo ficou rijo como fôra. Ella gracil e fraca envelhecera e entrevára. Dos seus 84 annos mais de quarenta tinham passado sob o mesmo tecto. Quarenta annos!

Foi talvez lembrando-se de tudo isto que elle, o velho, atravessou a fogueira e lhe disse que ia morrer. Elle sabia que, subidos os primeiros degraus, não teria por onde sair. Que, de resto, faria elle, o pobre velho, na vida? Morta a companheira, que lhe restava? E não era uma inaudita cobardia deixal-a morrer sósinha? Pois se tinham sido companheiros na vida, porque o não seriam na morte? Morre-se uma vez apenas e este homem eleva-se aos meus olhos como um heroe, como uma figura extraordinaria. E, deixem-me dizer-lhes, só o homem seria capaz de tal sacrificio. A femea? Mas se é o ani-

mal mais despegado, mais desprendido do mundo! Ella veria o seu companheiro morrer e não teria atravessado as labaredas para ir morrer com elle. Ella? Mas não conhecem a mulher! Só o homem é capaz de amar assim, só o homem é capaz de assim morrer. Só no coração do homem ha assim paixão, ternura, coragem. Só no coração do homem ha assim amor.

O homem! A mulher! Lembra-me a fala rude do pescador do *Cañas y barro* de Blasco Ibañez. «As femeas!... Má peste! eram os seres mais ingratos e esquecidos da creação. Não era preciso mais do que ver os pobres *coliverto* do lago. Andam sempre em companhia da femea e sem ella não sabem ir á busca de comida. O caçador dá um tiro. Se a femea cáe morta, o pobre macho, em vez de se escapar, põe-se a voar em volta do sitio onde pereceu a companheira, até que o atirador acabe tambem com elle. Mas se cáe o macho, a femea continua voando tão fresca e sem voltar a cabeça para traz, como se

nada se tivesse passado, e, ao notar a falta do companheiro, busca outro ..»

Foi isto sempre. E' isto sempre. Isto sempre será. A mulher faz barulho com o seu amor. E, todavia, nunca houve amor menos consistente e menos duradouro que o amor da mulher. O homem ama com menos frequencia, é certo. Mas, quando ama, faz d'isso uma vida toda. Se um amor n'um coração de mulher o mesmo é que um jantar na vida de um estomago! Não nos illudamos, não nos tentemos illudir. O amor! As mulheres! Que maçadora comedia!

Pobre velhote, pobre pedreiro ignorado. Foi a mulher que o matou. Foi talvez melhor assim! Ha d'estas humildes figuras ignoradas no livro da vida que passa.

Pois se a mulher era velha e paralytica! Pois se era impossivel salval-a! Pois se o predio todo ardia n'uma fogueira immensa e nenhum bombeiro lá podia entrar, que foi elle lá fazer se não pegar na cabeça branca da companheira, dar-lhe o ultimo beijo e morrer com ella?

Foi o Destino? Talvez. Mas foi o negregado Deus ou Diabo que lhe preside que lhe poz dentro do peito d'elle um grande, um leal, um supremo coração de homem. E lembrar-se a gente se os corações fossem aguaes — o do homem e da mulher — a estas horas estaria o velhote na companhia de seguros a receber o metallico e com o seu ar officialmente compungido receberia tambem as condolencias pela morte da companheira. E quem sabe se, a estas horas, não adejaria á sua volta outra, promettendo-lhe o amor, a felicidade, todas as trêtas deliciosas com que ellas desde o principio dos seculos nos vem illudindo!?...

Pois nem sequer morreu para a salvar o pobre Correia! Morreu sim, morreu apenas para a acompanhar, para lhe dar o braço na viagem longinqua aos paizes d'onde se não volta...

A PARVONIA

Uma hora de aborrecimento e de tedio levou-me a abrir novamente uma obra de que o leitor está provavelmente esquecido, mas que será sempre lida com agrado. Trata-se de *A Parvonia*, recordações de viagem por Marcos Pinto, que é como quem diz pseudonymo de Manuel Bento de Sousa.

Tinha graça a valer o doutor, e o seu livro, publicado em 1868, com os seus quarenta e oito anos de edade, está moço e fresco como se estivesse ainda em adolescencia plena. E' que a Parvonia é um grande paiz e os parvonezes um grande povo. E como o parvonez é conservador, ainda não perdeu nada das virtudes que Marcos Pinto

lhe encontrou. A *bernarda* continua a ser cultivadissima, porque o parvonez adora a *bernarda*, e são tantas já que á falta de nomes o parvonez denomina-as pittorescamente pelos dias em que as fez. Ha a do 1 de Janeiro, a do 28 de Maio, a do 8 de Outubro, a de todos ou quasi todos os dias do anno. E o parvonez creou um officio novo: o do homem que faz bernarda e é por isso denominado *bernardario civil*.

Exactamente como se requeria uma condecoração, o *bernardario* requer, juntando documentos, que o incluam na lista dos que fizeram a bernarda e são capazes de fazer outra. Paramos com as considerações porque o parvonez creou agora, para imitar os paizes civilizados, e o tempo do sr. D. José, a Meza Censoria, que é uma meza a que estão sentados uns sujeitos que têem por missão cortar o que toda a gente já sabe, isto no intuito de poupar attenção ao parvonez curioso.

Os archontes ainda têem por costume mandar fazer poeira e mandar regar as ruas,

quando a concorrencia é maior. Para archonte, que é como quem diz os nossos vereadores da camara, escolhem-se os parvonezes mais estupidos. O poeta Luiz, que tambem foi soldado, lá está ainda na sua estatua e tem agora um dia seu, o dia de S. Luiz, que era antigamente o de Santo Antonio. Outra curiosidade dos archontes é a de trocar o nome das ruas para confundir os parvonezes rigoristas. Os que já sabem da manha, continuam á antiga. Os que não sabem tomam um guia para que lhes ensine onde é a rua que tem agora o nome de um primo lojista do archonte, que fez aquella marosca.

Na Parvonia as horas tambem não regulam. Determinaram os parvonezes adeantar os relogios uma hora, não se sabe bem para què. Houve um parvonez que chegou a ministro. Como na Parvonia ha a velha pecha de legislar, o parvonez chegou radiante porque ia tambem ser o auctor de uma lei qualquer. Que lei faria? Sobre o què? Parafusou, parafusou e não encontrou nada. O parvonez que se lhe antecedera legislára tudo, de maneira a

não deixar nada sobre que se pudesse fazer uma lei, um decreto, uma portaria, um alvará, um officio, uma communicação. Lembrou-se porém de uma idéa salvadora. Os ratos! Nunca ninguem se lembrára dos ratos. E, com applauso de todos, a Parvonia viu promulgada uma lei pela qual todos os parvonezes eram obrigados a caçar ratos e a ir entregal-os na repartição competente, sob pena de penhora, o que foi motivo de verdadeiro jubilo na Parvonia, patria adorada dos verdadeiros mata-ratos.

Os monumentos são feitos ainda como no tempo de Marcos Pinto. Ainda se põe o tapume, ainda o tapume apodrece e cae, ainda se substitue o tapume, ainda o tapume torna a apodrecer e a cair, ainda se fazem concursos que servem apenas para se tornarem a fazer de novo, porque os parvonezes fazem com os concursos o que os nossos petizes fazem com o jogo: se um d'elles perde, desanda logo a gritar: «Concurso abaixo; este não valeu». E faz-se outro em que ganham todos.

Na politica é ainda a mesma coisa. Trapalhadas varias, varios boatos e a guerra. A Parvonia está em guerra e todos são militares. Mas como os militares são tambem paizanos, para distinguir os militares militares dos militares paizanos determinou-se chamar a estes militares milicianos. Havia falta de navios de guerra: armaram-se alguns navios mercantes e chamaram-se-lhes dreadnoughts milicianos, o que é um achado.

O parvonez, de ordinario, não é guerreiro, é zaragateiro. A guerra não o enthusiasma, mas como é corajoso cumprirá o seu dever.

No tempo de Marcos Pinto, as eleições eram assim: «Um pae da patria é votado, porque compra uns sinos para a egreja da aldeia dos eleitores; outro porque consegue desviar uma estrada do seu caminho direito, para a fazer passar pelo predio do influente da localidade; outro promette fazer um prior bispo, um regedor rei, e um sacristão conego; outro porque segura os eleitores embebedando-os a todos; outros emfim por manhas inesperadas».

Ainda é da mesma fórma. Quanto á Sciencia e á Arte, o parvonez não tem progredido muito. Ha ainda um ou outro sujeito velhote á porta de uma tabacaria ou n'um café, mas é quasi sempre um discrasico a quem tudo féde. De resto dizem todos bem, porque se associam para isso. O parvonez que publica um livro manda quasi sempre aos jornaes, ou a noticia feita ou a lista dos adjectivos que quer que lhe consagrem. E' indispensavel, porque nos jornaes parvonezes quasi nunca ha quem saiba escrever, o que é um bem. Quanto á pintura, duas duzias de parvonezes mettem-se em casa a pintar o peior que podem. Assembleam depois e decidem mostrar á Parvonia o que valem. Expõem. Põem nos quadros preços phantasticos. Os outros parvonezes vão vêr, passam e repassam por deante dos quadros, abanam a cabeça, tornam a abanar, e vão-se consolados. O pintor agarra no quadro e leva-o para casa, no que faz sempre muito bem, e todos ficam contentes. Quanto a reis e religião, a Parvonia não tem já nada d'essas velhas idéas, ostensivamente.

Mas passe o parvonez por uma egreja e o leitor verá o que é tirar o chapeu; mostre-lhe uma nota de cinco mil réis e verá se ele não é capaz de se confessar muito mais monarchico do que o proprio D. Manuel II!...

UMA ARVORE

Alli para as bandas da Madragôa, ao começar da rua Vicente Borga, dentro de um recinto murado onde esteve um posto da guarda municipal, havia uma velha arvore. Era uma arvore ensimesmada, deitando por sobre o muro a sua ramaria e debruçando galhos sobre a rua ladeirenta. Tida na visinhança como pessoa de familia, tida por todos os passantes como inamovivel pertença do bairro, ella, a velha arvore, para todos tinha um ar da sua graça, cordeal e conhecido e de todos em troca recebia saudações fraternaes.

Pois ha poucos dias, quando eu descia, achei a calçada tapetada de suas folhas e ramadas partidas, juncando o caminho. Uns

homens ferinos serraram-lhe os braços, cortaram a sua cabelleira de folhas, machadaram-lhe o tronco.

Perto ha um lavadouro. E as ovarinas da visinhança, fazendo cerco, vieram assistir á tortura inquisitorial, ao supplicio infando da velha companheira arvore, bairrista e melancholica, que passava os dias cogitando, com um ar de saudade para a visinhança.

Durante muitos anos, aquella arvore ali viveu. A's madrugadas, ella via deslapar os rudes homens do mar que vão para a companha, os varinos que vão para a venda, os leiteiros e as mulheres da praça, as regateiras e os videirinhos.

Durante muitos anos, ella viu o soldado obediente fazer kilometros de marcha sem nunca sahir do seu estreito ambito de sentinella. Em 5 de outubro. a populaça invadiu o posto, quebrou, esfuracou, destrulu. A porta foi servir de combustivel ás lareiras do sitio, a guarita foi reduzida a hastilhas. E os invasores, tendo destruido tudo, partido os vidros, estilhaçado as portas, reduzido a cavacos as

tarimbas e levantado até as propria pedras da calçada, guardaram respeito com a velha arvore. Agitaram-lhe em frente a victoriosa bandeira vermelha e verde, emquanto o azul e branco da vencida era tomado voluptuosamente pela chamma de um auto de fé, e ella não riu nem chorou. Não era facciosa nem politica a arvore. Era bairrista. Sabia o nome de todos os petizes e conhecia a vida toda das regatonas e dos operarios. Quando da fuzilaria do Quelhas, debruçou-se um pouco mais no seu varandim de pedra e cal. Como ninguem a olhasse com terror, ella ficou. Triste, solitaria, ensimesmada como fôra sempre.

Não sei se já repararam como até nas arvores ha jerarchias! A arvore da Avenida da Liberdade, é ostentosa e soberba. A de uma ruasinha velha, modesta e tristonha. Tambem no enterro, se a da avenida tem remoção rapida e solemne, a da ruasinha tem toda a visinhança carretando para casa restos seus, miseros grabatos com que enchem de calor e chamma toda a lareira, a chaminé inteira, a casa toda.

Mas o destino tem um livro enorme, onde até as proprias arvores teem a sua lauda e o seu roteiro. Estava escripto. E a arvore velha, citadina, e tristonha como uma ovarina tysica, teve a sua hora derradeira. Agora resta o seu logar. A'manhã não restará sequer a sua lembrança. Pobre arvore sombria e melancholica!

*

* *

O destino das arvores! Vale a pena pensar um pouco como a arvore é perseguida e escorraçada, como a chaminé da fabrica se vinga!?... Jardins e pomares, hortas simples ou recantos floridos, tudo isso está no códice expurgatorio. A pouco e pouco, a cidade alastrou. E' ver esta Lisboa: A Patriarchal, a Esperança, Santa Martha, todos os pontos que hoje são agglomerada povoação, são terreno conquistado á arvore, roubado ao musgo verde e á herva fresca. A pouco e pouco, a arvore foi repellida. Hoje é apenas tolerada. Pensou-

se ainda ha pouco ou pensa-se em cortar o Jardim da Estrella por uma rua, avenida ou via de communicação. Que se ganha com isso? Fazer uma hecatombe de arvores sem proveito.

Depois a arvore é amiga do homem. Dá-lhe a sua sombra protectora, purifica o ar que elle respira, aspirando milhões de microbios, e quando lhe não dá saborosos fructos dá-lhe o tronco para o lume ou serve-lhe de dedicada companheira.

Mas o homem jurou guerra de morte á arvore. Todos os dias milhões d'ellas juncam o solo, para logo serem transformadas ou em velozes navios ou em mirificos productos da industria. A arvore feliz, pagã, só em algum perdido recanto da terra se encontrará. As que vivem na cidade são arvores prisioneiras, que uns homens domesticam, castrando as suas insurreições, regrando o seu crescimento, açaimando o despontar das suas ramarias. Arvores rachiticas que crescem, vivem e são sempre tristes.

Mistura-se com a turba, não tem traços

caracteristicos. Perdem os seus dons e banalisam-se. São arvores egoistas e pretenciosas, sem affectos, arvores sem sensitividade amorosas nem carinhante. Só uma ou outra resta, alguma arvore de jardim, algum arbusto de quintal ou alguma arvore bairrista como aquella que acabam de cortar.

*

* *

Foi um assassinato sem proveito. E não sei porquê, tenho pena da arvore. A rua é agora maior mas mais brutal.

A sombra que a arvore dava faz agora falta. Eu comprehendo bem como haja creaturas que nunca se mudem e passem a vida toda egualmente, comprehendo.

Comprehendo por isso como se possa amar uma arvore, um muro, uma grade, um pedregulho. E comigo pensa, estou d'isso certo, a maioria da população do bairro. Agora já a arvore morreu e a rua está deserta. Ganhou alguem com isso? Não.

E todavia a arvore era precisa, era boa, era necessaria. Se soubessem como a sua falta é sentida e como a rua é desamoravel?! E' que um homem que morre deixa uma vaga saudade e passa. Outro o substitue.

Uma arvore que se arranca deixa uma saudade eterna e raro se substitue.

E uma arvore vale mais do que um homem. E' que uma arvore nunca foi egoista e tem o condão de não ser banal.

DIVAGANDO...

Foi entre dois trechos de musica classica, seguindo as volutas de fumo claro de uma cigarrilha opiada.

Eu, radiante pelo enmudecimento da orquestra, que não conta a religião da musica, em mim, um dos seus fieis; o meu interlocutor, contentissimo por, conversador infindavel, poder desenferrujar a lingua. Demais, era sabatinamente o meu interlocutor, creatura visionaria e confiada, allucinada por leituras de revoltados optimistas. Tinha já alli estado a forjar os argumentos com que tencionava pulverisar a minha blindagem de incredulidade e scepticismo.

Lêra um velho livro de Camillo Mauclair,

O oriente virgem, e indignára-se. Não. Mauclair era bruto e torpe. Não seria assim. Não haveria tal o Oriente invadido pelos exercitos confederados e as suas cinco divisões, como cinco tentaculos de monstruoso polvo, não estrangulariam Delhi, com o assalto, a pilhagem, a explosão, a violação, o incendio, a chacina. Não! Não podia ser. E delirava. Pois v. acredita que no anno de 2000 os homens não se emancipassem já de guerras e massacres? Pois ainda o canhão ditará a lei? Impossivel, meu caro amigo. Depois, v. recorda-se dos dois aviadores luctando e vindo da amplidão do ceu esmagar-se na planicie? Então pode ser? Então pode ser que o europeu, homem civilisada e superior, busque o asiatico na sua immensa Asia, para lhe dictar á vida e a morte, para o espoliar, para o espesinhar? E o sonho da confederação humana, toda feita de Amor e de Belleza? O homem não é, não pode ser, não será senhor do homem. O homem não será o cavallo do homem, mas seu irmão nos sofrimentos e nas alegrias, com elle qui-

nhoando o bem e o mal que a vida tenha para lhe dar. Não ha já inimigos, nem contendores, nem adversarios.

Então havia de durar tanto a escravidão? Então a chacina ha-de ser eterna? O homem lobo do homem não terminará?

Ah! Meu amigo. No anno 2000 tudo terá mudado. O homem progride. Hoje ha já altruismo e o nosso grau de piedade é bem maior do que ha cem annos. Tudo mudará e para melhor. E' por isso que Mauclair viu mal. Viu ainda, d'aqui a oitenta e oito annos, a batalha em todo o seu esplendor, o homem carne de canhão, fumo, gritos, agonias, labaredas. E' positivamente tôrpe o tal Mauclair. Então o progresso? Tudo quanto caminha para o bem, para o amor...

Callara-se. Ficára na espectativa, suspenso... Um minuto e foi quando eu lhe disse que não, que Mauclair viu bem. Mauclair viu o homem. E' assim. Sim meu amigo! O Occidente irá conquistar o Oriente, sob pena de ser um dia o Occidente surprehendido com um exercito amarello desfilando por sob o

Arco do Triumpho do seu Paris, batendo ás portas de Berlim. O perigo amarello não é problematico, não. Por isso v. pode confiar que será a raça germano-latina quem irá ao coração da Asia espicaçar á ponta de bayoneta os derradeiros olhos em amendoa que lá existirem. Quanto ao seu sonho, meu querido visionario, v. é louco. Pois v. não vê que do couraçado se subiu ao dreadnought, d'este ao super-dreadnought e sabe-se lá se não está já na forja imaginativa dos homens um novo Leviathan famoso, monstro invencivel que deixe estes para traz?... Que demonio! O homem modifica-se, é certo, mas para peior. O civilizado é peior do que o selvagem. Sobretudo, mais feroz. A ferocidade de hoje é admiravel. A de ámanhã será epica. Não duvide. Isso de solidariedades, de confraternizações, é tudo burla, tudo engano. O homem será sempre,—sempre, ouviu bem?— o lobo do homem. Lobo é talvez uma generosidade antiga. Polvo, que é animal solerte, bebedor de sangue, traiçoeiro, hediondo. O lobo é quasi galhardo e conta-se que ha lo-

bos com coração. Dos polvos não reza a generosidade, meu amigo.

Sim! No anno de 2000, se Berlim não tiver incendiado Paris ou vice-versa, ou se a ferrea mão londrina não tiver posto a sua golilha de aço á Germania guerreira, o homem terá ido longe buscar novos povos para bater e conquistar. Ao coração da Asia? Ao interior da Africa? Isso que importa! Onde possa descarregar a brutalidade acumulada, a sua sanha sanguinaria, o seu desejo de hecatombes.

Quanto ao resto, cantigas! O homem irmão do homem! Não levemos tão longe o paradoxo. Carne de canhão, sim. Assaltos, saques, violações, morticinios, são as imagens que já lhe perturbam o somno. E é v. ver: Pois se ainda ha dias, n'uma excursão de traidores, o homem envenenava o vinho com que o homem seu irmão se iria dessedentar! E era da mesma terra, falava a mesma lingua, pisava o mesmo solo...

Mauclair viu bem. Será assim. Só o que ninguem evocará então, d'aqui a quasi um seculo, é esse mundo de sonho, de miragem

que v. se compraz em idear. Ninguem, que já hoje ha um ranger de dentes á ironia; que já hoje ninguem crê na Bondade, nem no Amor, nem na Amizade; que já hoje não ha quem metta compassivamente uma bala na cabeça de um atropelado agonisante. E' que o homem sente o prazer de ver agonisar o homem. E' que é um prato que fica e menos uma boca que come. E são menos duas mãos para, á navalhada, em ultimo caso, guardarem o seu quinhão...

A PROPAGANDA

Pese a quem pesar, Portugal é ainda um paiz quasi desconhecido no estrangeiro. E' que a verba que os outros paizes destinam ao reclamo da suas bellezas turisticas, e á sua propaganda industrial e commercial ou não existe entre nós, ou tão irrisoria é que se afunda improficua e desconhecida.

Ha em todas as razoaveis estações de Hespanha e França, onde o caminho de ferro se demora uns minutos, pequenas livrarias, onde se encontram livros de auctor, livros de ler e esquecer, jornaes, e até cartas de jogar para que cada qual durante a eternidade viageira em que o caminho de ferro roda, possa fazer paciencias ou amenizar, se tem parceiro,

uma biscasinha innocente. Entre nós não ha nada d'isso, nem coisa alguma se pensa fazer. E' por essa razão que ninguem sabe do nosso esforço militar na França e o parisiense ao ver passar um oficial portuguez quasi sempre o confunde com um italiano ou um grego.

Havia uma revista em Paris. Mas que propaganda fazia, se era escrita em portuguez uma lingua que em França não ha talvez mil pessoas que a falem? Não ha, a não trazermos de má fé o argumento de que é a lingua official do C. E. P. Pois havia muita coisa a fazer para que Portugal fosse conhecido. Como? Abrindo no Boulevard, em Paris, uma casa de artigos portuguezes. Fazendo em Paris uma revistasinha illustrada no genero de «La guerre illustrée», sob a inspiração de portuguezes mas feita por profissionaes francezes. N'uma papelaria do boulevard encontrei eu um lindo bloco calendario assente sobre um chromo representando uma francezinha erguendo triumphante a bandeira portugueza. Era caro, pouco acessivel por isso.

Ora se o governo portuguez, a Sociedade de Propaganda ou quem interessado fosse pagasse metade do custo, os calendarios vender-se-hiam a um preço sem competencia e porque são bonitos e bons seriam os preferidos. Mas havia até utilidade em os dar? Pois dar-se-hiam, e todos os barbeiros, todos os restaurants, todos os estabelecimentos chics os receberiam de graça.

Agora mesmo o meu querido amigo Bento Mantua me lembra que utilissimo á nossa propaganda, e ao nosso nome seria a enviatura de uma companhia dramatica a Paris e algumas cidades da França a representar e fazer conhecido o nosso theatro. Que em Paris não é conhecido o portuguez? Mas tambem entre nós não é conhecido o japonez e já cá esteve e Sadda Yacco e da multidão que enche o theatro nas companhias dramaticas italianas a maioria não sabe o italiano. Haveria o inevitavel argumento em francez com reclamos de productos portuguezes e da paizagem da nossa terra.

Para constituir o repertorio buscar-se-hiam

peças de caracter regional, historicas, algumas comedias, tudo de theatro moderno. Assim, de Marcelino iria *Os Peraltas e Secias*, mesureira, gentilhomesca peça, e de João da Camara *Os Velhos*, Alemtejo pleno. De Afonso Gaio *O Condemnado* e de Julio Dantas *Um serão nas Larangeiras* e *A Ceia dos Cardeaes*. D'elle proprio Bento Mantua *A Má Sina* e *A Morte*. De Vicente Arnoso a doce *Coimbra terra de amores*... De Augusto de Castro *O amor á antiga;* de Lopes de Mendonça *O Afonso d'Albuquerque*, de Schwalbach *A Bisbilhoteira*, de Xavier da Silva e João Bastos *O Olho da Providencia*.

Assim, com este repertorio, onde ha de tudo e quasi todos os auctores, o publico francez teria a noção de que Portugal não é no interior da Africa e tem uma litteratura e uma dramaturgia que não são vergonha mostrar.

Que isso custa um dinheirão? Balela. Meia duzia de contos fariam a festa e não seriam de todo perdidos. E não seriam porque as recitas sempre dariam algo, mesmo com o bello gesto de offerecer o producto de uma ou

duas á Cruz Vermelha Franceza ou aos feridos da guerra, os annuncios nos argumentos algo dariam e assim por pouco dinheiro se faria uma grande coisa.

Mais do que nunca a propaganda de Portugal no estrangeiro torna-se agora indispensavel. Mas não, nunca, de maneira nenhuma que essa propaganda seja o pretexto de dar a mariolões inuteis que sempre apparecem para o caso centenas e centenas de improductivos escudos. Urge agora e é ver como a Hespanha trabalha, como se civiliza, como progride. E' ver como lá fóra, a vida roda, cresce, avassalla e os povos e as raças vão na guerra já preparando as artimanhas com que hão-de entrar em lucta quando vier a paz.

Esta ideia de uma companhia portugueza ir calcurrear as lamas a Paris é de ponderar. Haveria de vantagem o reclamo vivo das gentes, do theatro, das peças. O reclamo dos jornaes. O do argumento onde as peças viveriam duradouras, o reclamo dos productos portuguezes, o reclamo de sermos aliados e o reclamo habilmente feito da região portu-

gueza, de casas portuguezas, da arte e dos productos de Portugal. Haveria emfim tudo a lucrar e por pouco dinheiro. Faltava uma creatura idonea para dirigir uns vinte dias tudo isso, creatura atilada, superior, homem de arte e homem de negocios? Pois eu, mesmo sem o ter consultado encarregaria o proprio Bento Mantua a quem a França, a Italia e a Inglaterra são familiares.

E' tudo isto uma utopia. Porquê? Porque a gente ainda se não capacitou de que é preciso viver a vida grande, larga, a vida com os povos que marcham, que caminham, que progridem.

E é vêr, é vêr como de ha uns annos para cá os nossas visinhos hespanhoes teem progredido e caminhado...

ALBERTO PIMENTEL

Ha uns bons quatorze annos subia eu a escada do *Popular* no largo de S. Roque para entregar a Alberto Pimentel, que então chefiava o jornal, uma carta em que um amigo commum pedia uma noticia annunciando para breve o meu primeiro livro, um livro de versos tão famosos que ainda hoje me fazem calafrios e com que eu julgava ser o primeiro poeta portuguez. Eram versos satanicos e coxos, desharmonicos e arrepiantes, inspiração de todos os malucos que em França faziam atrocidades poeticas. Mandei-lhe um cartão. Recebeu-me, prometeu a noticia e á saida restituiu-me o bilhete dizendo-me: «Tome lá. Póde aproveital-o para a outra

vez!» Aquillo chocou-me e mais me chocou no outro dia a noticia sêcca em duas linhas não dizer que eu era eminente, illustre ou consagrado. Eu, um tão grande homem inédito, um talento tão espantoso que só me espantava que toda a gente não désse por elle! O livro saíu. Não se vendeu. Eu attribui tudo aos velhos que invejavam os novos e não lhes chamavam illustres, consagrados ou eminentes. Não se vendeu, sinal de que ainda ha uma providencia que véla pelo bom nome dos autores. Nunca mais encontrei Alberto Pimentel. Minto. Encontrei-o mais tarde quando larguei a idéa de ser o primeiro poeta portuguez. Comecei a lel-o e muitas vezes pela vida fóra o tenho encontrado com prazer. Agora mesmo o estou vendo. Está perto, na minha estante, em vinte e cinco volumes, dos 70 ou 80 que elle tem publicado. E se não está em maior numero não é por falta de vontade.

Trata-se, como se vê, de um velho conhecimento...

* *

Tornei a encontral-o hontem n'um livro que o editor me enviou: *O Arco de Vandoma*. Li-o de um folego e devo confessar-lhes que foram tres ou quatro horas de um aprazimento sem egual. As suas figuras viveram em mim e eu senti com amor a figura melancolizada de Maria da Assunção e a ternura timida e arisca de Francisco Eduardo, a figura grave do dr. Romeira, a provinciana do sr. Xavier, e a alma dedicada de João Borges. Todo aquele mundo perdido no valle das sombras ha muito já, resuscitou para que nós ouvissemos de novo, calcurreando as ruas do velho Porto, os sons encantados do piano da bella que sonha. Romance de amor, trecho de vida que enternece, recebeu de Alberto Pimentel a sua sagração eterna. *O Arco de Vandoma* é uma das melhores obras ultimamente publicadas e tem algumas das mais formosas paginas de toda a obra do seu auctor.

*

* *

Que, Alberto Pimentel, é, além de um escritor illustre, um trabalhador extraordinario. E' vêr a tenacidade com que elle desbrava assumptos áridos para com elles fazer bellas paginas. E' vêr como a sua vasta obra é grande e é curiosa. Fez verso, fez chronicas, fez romance, fez estudos historicos, fez jornalismo. Foi amigo de Camillo e foi toda a vida uma creatura que trabalhou sem o trombetear dos jornaes, nem quota paga nas *cotteries*. Não falam n'elle todos os dias os jornaes, não recebe annunciadas audiencias de ministros, não discursa nem manda, mas fala d'elle toda uma longa fileira de livros, pensados, sentidos, escritos e revistos por uma actividade pouco mesureira e melliflua.

E como tem elle trabalhado? No romance leia o leitor este *Arco de Vandoma*. Leia *A Princeza de Boivão* por exemplo, um lindo e bello romance portuguez. Quer prosa artistica de estudioso? Veja *As alegres canções do*

norte, a *Triste canção do sul*, *O Portugal de cabelleira*. Quer historia litteraria? Tem *o Poeta Chiado*, inapreciavel serviço prestado aos nossos estudiosos, em dois voluminhos eruditos, a *Zamperineida*, que faz as delicias de um velho saudoso, e quantos outros! Mas leia-se *A Musa das revoluções* e o *Lobo da Madragóa*. Leiam-se *Os vinte anos de vida litteraria* e os *Idilios dos Reis*, o *A' Porta do Paraizo* e o *Annel Mysterioso*. Que diversidade de assumptos, que opulencia de tons e que probidade litteraria e artistica! E' ainda a Alberto Pimentel que se devem os melhores trabalhos sobre Camillo, o grande mestre. Alberto Pimentel teve a intimidade de Camillo. Pagou-lh'a com galhardia. *O Romance do Romancista* e os *Amores de Camillo* são das flores esparzidas no coval do solitario, das que não fenecerão nunca.

Se em Portugal houvesse o respeito litterario que ha n'essa França que heroicamente se bate agora, Alberto Pimentel teria á sua volta algumas dezenas de espiritos que lhe acarinhassem a fama. Assim, não. Morrerá,

como nós todos, esquecido, saturado, odiado talvez.

*

* *

Escrevi com prazer e peza-me apenas não ter uma linda prosa e um grande nome para falar de Alberto Pimentel e do seu *Arco de Vandoma*. E' que o romance hoje já não se escreve assim. Hoje escreve-se de uma maneira complicada que tira ás figuras a serenidade e o sentimento que ellas teem n'este romance, por exemplo. De maneira que, a gente, que já descria do talento moderno para contar coisas commovidas em palavras simples, rejubila por o tornar a encontrar. Mas, estou eu aqui a extender virtudes para convencer o leitor, quando afinal me devia limitar sómente a aconselhar-lhe o livro. Faço-o agora. Elle, melhor do que eu, o convencerá...

Se não concordar, é porque é burro, não

se fala mais n'isso. Se concordar, o que é fatal, agradeça-m'o e reconheça que como sempre fiz a minha obrigação, tirando o chapeu deante do que é superior...

EXPOSIÇÃO OLISSIPONENSE

Não ha duvida que é uma coisa bem interessante esta exposição que a Associação dos Arqueologos acaba de realisar no edificio do antigo convento do Carmo. Tentativa de museu, ella parece mesmo marcar o inicio de uma ressureição do culto pelo passado, culto que nos paizes avançados tem incalculavel numero de fieis, quando não é tambem pingue fonte de receita. E' que ainda hoje ha quem desdenhe esse culto, desdenhe os frades por amor aos frades, e tenha a noção que do passado não deve restar pedra sobre pedra. E' um exemplo digno de manicomio, do vandalo treslido. E ha tantos!

Pois esta exposição diz um pouco de Lis-

boa e é bem o cheque dado na edilidade citadina que de ha muito já deveria ter creado o museu municipal, tanto mais que, a não ser que tenha ido para a valla commum dos projectos nefandos, deve andar para lá penando, nos ermos da lazeira camararia, um projecto do actual ministro das finanças, que era isto apenas, e o Museu Carnavalet um pouco. Qual! Não se fez. Nunca se fará. Que demonio de importancia dá a uma camara um museu da cidade? Nenhuma. Vale bem mais, muito mais, tratar das bombas que é officio leve...

* * *

Ha em Lisboa varios museus a crear. Temos uma ceramica e não temos um museu; temos uma sumptuaria e indumentaria curiosas e nada d'isso se guarda. Temos um theatro e raras são as creaturas que d'elle saibam. Esta ideia do museu da cidade provisoriamente, a Associação dos Arqueologos lhe deu vida. Era um dos muitos sonhos meus. O do

theatro, com sua bibliotheca, apenso ao Theatro Nacional ou á Escola de Arte de Representar, esse ficará eternamente olvidado. E todavia tão facil seria com meia duzia de vitrines e algumas estantes começar a recolher coisas que alguns piedosos crentes fossem offertando... Assim se fazem os museus lá fóra e os mais ricos são os que mais offertas teem. Consola um pouco a vaidade de cada um ter tido só para si, ter salvo do esquecimento a collecção ou peça ante a qual os olhos de todo o mundo param e admiram. Pois se, n'este museu da cidade, haveria todas as plantas, curiosidades, faianças, brinquedos, bugigangas que n'ele tivessem logar, no museu de theatro haveria programmas, cartazes, bilhetes, contractos, plantas de theatros, photografias de actrizes e actores, de emprezarios, de amantes do theatro; haveria a collecção dos autos seiscentistas e das comedias de cordel, haveria versos, programmas, bustos de auctores, corôas de louros, caricaturas, tabellas graciosas como as de Francisco Palha e loucuras scenicas como as peças de Nascimento Fernandes. Era isso

difficil de conseguir? Qual!? Ha lá gente mais prodiga do que a gente de theatro?! Pois eu ainda outro dia, folheando velhos papeis, deparei com um programma do theatro das Variedades, em que Lucinda Simões e Furtado Coelho eram os attractivos, e com uma escriptura do Gymnasio em que Eduardo Brazão tinha 36$ mensaes. Tudo isso, não ficaria bem n'esse museu?

Napoleão, quando excursionava por toda essa Europa, trazia comsigo peritos que arrolavam tudo quanto tivesse valor artistico. E isso era feito entre o vozear das espingardas, o praguejar da soldadesca e o crepitar dos incendios. E' que Bonaparte tinha, apezar do seu vezo soldadesco, a noção de que a Arte era talvez mais immortal do que as suas façanhas e que mais tardaria em durar um marmoresinho de Praxiteles do que a ferrugem em comer a lamina da sua espada gloriosa. Napoleão mandava metter na sua bagagem as biblias illuminadas e os manuscritos preciosos; hoje, como isso são tudo coisas de religião, teme-se um pouco a denuncia de ser dado

como reaccionario por ter apego a certas coisas. E até eu, comprando n'um leilão, um dia, uma porção de autographos de quasi todos os reis de Portugal, do ultimo Filipe para cá, ouvi o remoque admirativo de adquirir autographos reaes, quem era funcionario publico! Como se a Republica tivesse obrigação de demolir os Jeronymos por serem obra de D. Manuel I e a capella de S. João Batista, por se dever á munificencia freiratica de D. João V...

*

* *

O leitor ainda não foi alli ao Museu do Carmo ver a exposição? Pois vá que não perde o seu tempo. Vae ver nas Plantas como a cidade era e como ella é. Lerá depois, se quizer, do «Sumario» de Cristovão Rodrigues Oliveira aos livros do sr. Vieira da Silva, os mais curiosos trabalhos da reconstituição lisboeta de outras eras. Verá costumes —dos mantéus e josésinhos até aos dos ven-

dedores ambulantes. Verá as terrinas e boiões da louça do Rato e os bilhetes dos antigos omnibus e carrões; verá das cautelas da Santa Casa da Misericordia ainda numeradas á mão, até a um soneto historico impresso em seda azul e branco; verá registos de santos, bustos, medalhas, livros, tudo quanto é um pouco a historia d'esta cidade ideal que tão pouco apreciada tem sido. Dará o seu bilhete por bem comprado e se quizer ainda ser um pouco patriota guardal-o-ha, deixal-o-ha a seus netos para que estes o exponham n'outra exposição citadina que então se realizará. E verá o meu caro leitor depois, como o ditado soffre uma pequenina variante, que nem por isso deixa de o tornar absolutamente certo:— guarda o que não presta, acharás o que é curioso...

FEMINISTAS

Nossos avós não conheceram, e n'esse ponto foram mais felizes do que nós, um genero de mulheres levadas da bréca, que hoje se intitula feminista, suffragista ou coisa identica. Parecerá ao leitor de boa fé que feminista é uma mulher que quer ser femea? Pois enganou-se. Feminista é a mulher que quer ser homem. Tambem, antes de mais nada, declarar cumpre que o feminismo é doença que só dá nas velhas, nas feias e nas gaiteiras. Pode pois a leitora, se não tem cabeça para a carapuça, estar tranquilla.

Quando a doença epidemía, a doente dá-lhe em brincar ás associações, em discursar coisas espantosas, em decretar o estado de sitio

á cozinheira e ao tendeiro, em usar collarinhos de gomma, em fumar o seu cigarro. Tem-se visto que a melhor therapeutica é abandonar a doente ao ridiculo que provoca ou, podendo ser, casal-a. Porque, geralmente, as feministas deram n'isso porque não encontraram boi parelho para o matrimonio, nem numero egual na loteria da vida. A mulher chefe de estação, guarda-fios, cirurgião-dentista, policia ou bombeiro voluntario! O homem, mãe dos seus filhos, ama-secca, lavandeira, regatôa! Decididamente... decididamente, o feminismo é uma doença muito pandega.

O bispo D. Affonso, com louvor citado por D. Francisco Manuel na *Carta de Guia*, affirmava «que a mulher que mais sabe, não passa de saber arrumar uma arca de roupa branca». Tiberio, meu visinho, que tambem é philosopho e moralista, reduz o caso ás suas justas proporções. Diz que, assim como o padre Vieira reduzia todas as creaturas humanas a quatro generos: as racionaes, como os homens; as sensitivas, como os animaes;

as vegetativas, como as plantas, e as insensiveis, como as pedras, e aquelle gastronomo um pouco botanico que só conhecia duas especies de vegetaes, os que se comiam e os que se não prestavam ao paladar, assim elle conhece tres especies de maridos, (e tão velho é isto, santo Deus!): varão, varella e varunca; o que manda elle e ella não, o que manda elle e ella e o que manda ella sempre e elle nunca.

Como gosta dos similes, affirma que a casa é uma nau de que o marido é o capitão e a mulher o commissario de bordo. Pois não é elle quem timona e não é ella quem trata da escripta, dos abastecimentos, quem paga o carvão e quem contracta o pessoal de fogo? Pois não é com ella que se entendem os passageiros, aqui representados pelas visitas? Não é na sua mão que está a chave do porão dos mantimentos, vulgarmente chamado dispensa, e na sua sabedoria o enigma do menu? E o philosopho conclue que a mulher é a metade que falta ao homem. Elle tratará de o ganhar, ella de o determinar. E, se a elle pertence

dar-lhe o braço para ella se amparar (tão fragil é), a ella pertence-lhe tudo, desde a cama e meza, do *brise-brise* e das flôres, do cinzeiro do marido e do penteador da creada, até ao rol das compras e aos guardanapos que a lavandeira surripia. E, se o feminismo lhe subir á cabeça, o marido consentirá que a mulher seja feminista... nas horas vagas. Será, pois, feminista em theoria, porque uma boa dona de casa não tem nunca tempo algum de sobra, não terá nunca veladas, ou nomes parecidos, de tolice feminista.

E' claro que, como nunca ninguem está contente com a sua sorte, haverá sempre mulheres que exigirão direitos eguaes aos do homem. Não vejo inconveniente. Será até um achado. Mas no casal, está bem de ver, contas do Porto. Cada um ganhava para si, cada um fazia a sua vida. Era até uma grande idéa. E como sempre haveria maduros que prefeririam á mulher litterata, advogada ou curandeira, a que lhe tivesse a tempo e horas o banho tépido e a sopinha quente, os beijos sem artigos do codigo ou desinfecção preven-

tiva e as meias concertadas, que um homem não é rico senão de vontade de as aturar, ahi os veriamos desandar, a procurar cada qual casar com a sua creada, execrando o creador que fez a mulher tagarella encartada ou matasanos sem alvedrio.

E' claro que a mulher deve ser intelligente. Deve ter boas noções d'aquillo a que a destinaram e não fazer má figura deante de pessoas de fóra. Deve saber calar, porque deve ser economica. E diz a sabedoria das nações que o silencio é de ouro. Deve ser muito amiga do seu marido. O marido pagar-lhe-ha sendo amicissimo das suas amigas, se ellas fôrem bonitas, que é para a ensinar a não as ter. Isto é o que se chama—o preciso.

E' claro que a Dona Fufia de tal, amante de velhas leituras, gosta de cavalgar toda a sella. Pois que lhe preste e o marido goste. Mulher que advogue, que cliníque, que deixe a casa á governanta, de nós bem longe. E é ouvir as que assim são: é ouvir esses Larousses de saias a impingirem-nos que foi Eva o homem e Adão a mulher e que afinal

os homens não são mais do que uns verbos de encher...

Dizia um velho classico hespanhol que «la mujer poeta es el animal mas imperfecto y mas aborrecible de cuantos forma la naturaleza». Se elle conhecesse as suffragistas... emigrava. Mas que ellas secretariem, que ellas barafustem, que ellas vão aos comicios dar-se em espectaculo ou que ellas usem saia-calção, isso que importa? Patetinhas exhibicionistas, que fundem jornaes, que façam ligas, que procurem razões. Pois não é tambem da sabedoria das nações que ainda que ellas se esfalfem a puxar pelos seus direitos d'aqui a quantos seculos chegariam a attingir o que em nossos dias é já pertença dos homens?

MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA

Visitei hontem, pela primeira vez, confesso, o Museu de Arte Contemporanea. E quem, como eu, encaminhar seus passos para o velho casarão que foi o convento de S. Francisco, atravessar o atrio da Bibliotheca e os corredores da Academia de Bellas Artes e chegar ás salas do Museu, as mesmas onde antigamente se realizavam as exposições, como eu, deve ter a mesma intensa sensação de Arte e a mesma hora plena de alma enlevada pela Belleza. O Museu não é grande e isso é um bem. Mas é adoravel e isso é optimo. E' um museu onde tudo é bom e onde nossos olhos se demoram, e contemplam e fixam cóm prazer. E'

o nosso Luxemburgo e n'elle estão representados todos os nossos artistas de 1850 para cá. Columbano Bordallo Pinheiro, o grande artista que o dirige, tem consagrado a este escrinio de telas os mais devotados momentos, de fórma que fez d'elle uma monumental obra prima.

Descendo a escada, topamos a pintura romantica com o delicioso dos seus planos e das suas perspectivas convencionaes. E é Lupi, Annunciação, Christino, Bordallo, Ferreira Chaves, etc.

Depois temos os mestres portuguezes e os mestres estrangeiros. Lá temos por exemplo um Jean Paul Laurens, um Bonnat, e dos nossos lá encontramos toda a fina flôr da nossa pintura, uma das raras artes que em qualquer parte do mundo não envergonha o nosso Portugal. E foi uma hora de deliciosa emoção, tendo aqui um Columbano, mais além um Malhôa, n'esta sala um Silva Porto, n'aquella um Sousa Pinto, e Salgado, Condeixa, Luciano Freire, Ramalho, Carlos Reis, Constantino Fernandes, Sousa Lopes, Keil,

Antonio Carneiro, Trigoso, Saude, Dordio Gomes, Martinho da Fonseca, Gameiro, Migueis, toda a flôr da nossa arte do pincel em telas, em lapis, em pasteis, em aguarellas, em sanguineas, em carvões.

E' que nos grandes museus a gente passa de longada olhando aqui um quadro, tres salas adeante fixando outro, oito depois parando para ver um desenho e vae-se, tendo visto o aspecto geral e tres duzias de coisas bellas. N'um museu como este em que á seleccionada escolha presidiu na arrumação mão de mestre, a gente vê, demora-se e tem de cada obra d'arte de per si a sensação particular que ella dá. Não ha telas collocadas fóra de villa e termo, não ha. Antes todas tem o ar de ter sido collocadas pelos seus auctores, escolhido o sitio, nuançada a luz, tão maravilhosamente dispostas estão.

E' um museu delicioso este, conclue a gente tendo corrido duas ou tres salas. Mas nas que se lhe seguem de tal modo se mantem o esforço artistico que presidiu á superintendencia das primeiras, que remedio não temos mais

que confessar que este museu de Arte Contemporanea, que mestre Columbano encaminha, não terá por essa Europa fóra muitos competidores nem no carinhoso arranjo, nem na media de *bom* que n'este muito se approxima do sommatorio total. E tudo isto, dissémos, ainda volteando pelas salas, parando novamente ante o *Santo Antonio*, de Columbano ou ante *Os bebados*, de Malhôa, ante as *Ondinas* ou ante o triptico da *Vida do Marinheiro*, sem que tivessemos assomado ao limiar da galeria de esculptura. Ahi o deslumbramento é pleno e a gente poisa os olhos de galopada no conjuncto admiravel para os perder por largo tempo na contemplação de cada uma das coisas bellas que alli estão.

Já a galeria em si, sobria e bem illuminada, decorada a pannos de Arraz, tem um aspecto hieratico de Templo de Arte. Depois, a gente topa com a suprema coisa que é o *Busto da Ingleza*, de Soares dos Reis, com a *Viuva*, de Teixeira Lopes, com todos os sonhos e todos os prodigios dos nossos es-

culptores, os Simões, tio e sobrinho, os Costa Motta, tio e sobrinho, Augusto Santo, Francisco Santos, Anjos Teixeira, Thomaz Costa, todos emfim, os manipuladores do sonho em bronze, em marmore, em barro, do barro tudo vindo mas animado pelo sopro do talento e do genio que faiscou, animou e faz viver a fórma rude que o homem imaginou.

Em Portugal houve sempre a mania de dar os logares não ás pessoas que n'elles estejam, mas áquelles que elles precisam. Mas verificamos com prazer que aqui n'este logar de Director do Museu, logar que nada rende e que só póde ser exercido por quem lhe tenha um grande e acrisolado amor, isso não se deu. Columbano, o grande grande artista, gloria e orgulho da pintura do nosso seculo, está maravilhosamente n'elle. E' que Columbano podia ser o maravilhoso artista que todos sabem que elle é, mas não ter a paciencia, o disvelo, o amor de arrumação, e o amor da Arte alheia, que elle tem com o seu feitio de sonhador e retrahido que vive apenas para a Arte.

E' uma linda coisa este museu e o leitor se vive em Lisboa e só de nome o conhece, encaminhe para lá os seus passos. Não me agradeça a indicação. Mas se ama a Arte sobre todas as coisas, creia no talento dos artistas portuguezes e bemdiga mestre Columbano pelo carinho e amor com que trata o museu confiado á sua guarda.

JOSÉ ANTONIO MONIZ

Este José Antonio Moniz, que a morte acaba de levar, era, além de uma creatura pobrissima, um trabalhador e um sabio. N'esta epocha de ambições tigrinas, elle foi sempre um desinteressado. Onde os outros tinham calculo, tinha elle generosidade; e, onde os outros tinham vinganças, tinha elle indulgencia e perdão. Nunca as rosas e os cardos que ladeiam a estrada da vida o viram estugar o passo para passar adeante de outrem, ou metter o cotovello ao peito do parceiro para o deixar ficar para traz. Não. Este Moniz que trabalhou, que luctou, que teve principios humildes não soube nunca o que fossem rancores. O sol ia e vinha e encontrava sempre a sua paciencia evangelica, a sua eru-

dição pasmosa, o seu melhor sorriso á disposição de quem d'elle quizesse abusar. E assim, elle ensinou muito, muito aconselhou, sem que o seu nome vehiculado nas azas da fama, apparecesse aureolado a carrilhonar-lhe elogios e gabações. Não. Elle modesto ensinava, ensinava sempre e recolhia-se á sua obscuridade, deixando aos outros todos os proveitos e todas as honras. E como sabia immenso e era um bom, muitos foram e conservam ainda as corôas de louros que o saber e o conselho de José Antonio Moniz lhes teceu e collocou na fronte.

*

* *

Eu conheci José Antonio Moniz ha muitos annos. Era eu garotito e ia para o gabinete dos reservados da Bibliotheca ver as edições *princeps* dos nossos classicos para um soporifero estudo sobre o impressor quinhentista Germão Galharde, estudo que já agora me ha de dar a immortalidade, como descobridor do

unico remedio efficaz para as insomnias renitentes. Eu ia, pedia livros raros e como era um petizito magrizela e com cara de fome, o bom do nosso Moniz principiou de interessar-se pelo seu leitor mais pequeno d'aquella secção em todos os tempos, e vá de indicar livros, vá de dar conselhos, vá de desfazer duvidas, vá de guiar, ensinar e educar, que eu fiquei tendo por elle uma enternecida admiração e uma amizade gratissima. Depois, eu n'esse tempo luctava como um cão faminto em rua varrida, e todos os dias a minha energia, ao tocar as difficuldades, resurgia com a febre de Anteu revigorado. Elle, que tinha sido assim, comprehendia, aplanava,— ajudava, dizia.

A's vezes tinha momentos amargos e desabafava. E a sua voz sempre calma contava naturalmente coisas arripiantes de insania, de pouca vergonha, de incompetencia. Como era modesto e não tinha influencia politica, o sr. Antonio José d'Almeida, depois da sua reforma pavorosa da Bibliotheca, depois de ter feito a enormidade de despedir o dr. Xavier

da Cunha, preteriu José Antonio Moniz na sua nomeação para director d'aquelle estabelecimento. E' que a maioria dos nossos homens politicos só conhecem politicos e com elles resolvem tudo. Moniz era um sabio. Dos sabios não cura a politica, porque os sabios são as coisas minimas de que o pretor não cura.

A obra de José Antonio Moniz é vasta e solida. O catalogo dos manuscriptos da secção pombalina da Bibliotheca é obra sua e a *Arte de dizer*, que na Escola da Arte de Representar se adopta, sua é. Foi José Antonio Moniz quem catalogou a livraria de Fernando Palha e tão modesto que nem esse trabalho assignou. Todavia esse catalogo pode sem modestia pôr-se a par dos melhores do estrangeiro, do Heredia e do Salvá e de outros que pompeiam magnificencias dos velhos tempos.

Ensaiador, elle era consciencioso como poucos, sabedor como nenhum. Pontual e methodico, vivia para a Bibliotheca como um frade poderia viver para o convento da sua ordem. Tinha paixão, verdadeira paixão pelo

seu gabinete onde a doença ha um anno o não deixára ir. Amigo dos novos, amigo dos trabalhadores, foi um coração simples e bondoso. E com o seu ar patriarchal, elle era o mais devotado dos amigos, e o mais sabio dos mestres.

Que o que elle sabia dava bem á farta para quatro ou cinco sabios d'esses que por ahi se dizem de polpa. A gente perguntava isto ou aquillo, de indumentaria ou de philologia, de numismatica ou de architectura grega, isto ou aquillo da revolução franceza ou do tempo dos faraós, isto ou aquillo da descoberta do polo ou da flora javaneza e logo o bom Moniz, sem canceira, rememorava e dizia: olhe, veja tal livro; tal auctor tem um folheto sobre o assumpto e mais tal e mais tal; nunca mais acabava. E a gente a suppôr, tanto trabalho dava a estudar a pergunta, que o apanhava descalço!

A morte de José Antonio Moniz deixa em aberto um logar difficil de preencher. E' que os que teem erudição raro teem a sua alma dadivosa de conselho e ensinamento. Os que

teem boa alma, esses, coitados, teem quasi sempre a sciencia pela hora da morte.

Eu devo muito a José Antonio Moniz. Foi um amigo e foi um mestre. Paz á sua alma e que lá na morada eterna, onde repousa, elle tenha o premio do coração e dos serviços que os homens não lhe souberam dar...

INVENÇÕES

Noticiaram as gazetas ha poucos dias que Armentières foi litteralmente envenenada pelos alemães, servindo-se de granadas que, ao rebentar, deixam espalhar um gaz inodoro e incolor que mata em quarenta e oito horas com requintes diabolicos, toxico que não se conseguiu ainda identificar. Parece, lendo as façanhas d'esta guerra enorme, que se estão lendo paginas de toda essa litteratura phantasista que atravessa o seculo. Quer na guerra, quer na vida, quer nas lettras, o normal desappareceu. Vive o monstruoso. O monstruoso que parece obra de cerebros espantosos de demonios ou de genios superlucidos. O submarino, o *tank*, o *dreadnought*, o *zeppelin*, granadas

de gazes, fogo liquido, bombas de microbios, ferro electrizado, tiros de toneladas, coisas sem nome, desmesuradas e terriveis.

Na literatura hoje tambem o normal já não existe. Julio Diniz é velho como um classico fradesco. Camillo passou, o Eça é banal, Anatole France é trivialissimo. Uma litteratura de terror, policias contra gatunos, gatunos contra policias, o crime, o assassinio, o dolo, a fraude, tudo isso agita hoje a multidão. E' uma litteratura criminal e phantastica, imaginosamente pervertedora, que embebeda e envenena como uma bebida forte. Jules Lermina cria o seu Toto Fouinard; Ponson du Terrail e Xavier de Montépin os seus innumeros *Fiacres n.º 13* e *Rocamboles*. Mas isso foi a infancia da arte em que a morte era da corda de enforcamento ao tiro do revólver. Ha, é certo, no *Rocambole*, creio eu, um cavalheiro que se desfaz de outro, conseguindo inocular-lhe mormo, uma doença que dá nos cavallos. Pois isso foi tido como genial. O curare, as frechas envenenadas, todo o inventado até alli foi esquecido. Litteratura futil, passou. Mas Conan

Doyle inventou o seu Sherlock-Holmes, o *detective* deductor, com processos scientificos e muita logica. Maurice Leblanc inventa o seu Arsenio Lupin e Hornung o Raffles. Formaram-se assim duas correntes. A dos que se dedicaram a inventar mirificos policias que tudo descobriam: Conan Doyle, Arnould Galopin, etc. Outra a dos que á criação genial do policia oppuzeram o gatuno genial. Leblanc, Hornung, Paul d'Ivoi, Pemberton, etc. De um lado o policia Sherlock-Holmes, o Espião X 323, Dickson, do outro Arsène Lupin, Raffles, o diabo.

Mas a litteratura policial deu em droga. Já não ha manhas novas, nem proezas ideaes. Todos os trucs foram postos a limpo e não ha creações inéditas em materia de astucia e deducção que aquelles senhores não tenham acrobatizado perante o leitor attonito e estarrecido, mas ancioso e interessado.

E' claro que, policias e gatunos cançaram o publico e então ahi temos resuscitada toda uma litteratura de phantasias absurdas, louco-lucidas e tenebrosas. Perturbantes paginas foram

escritas e, mais do que ninguem, Wells o escriptor inglez a todos levou a palma. A sciencia tem um grande quinhão no seu labor e assim elle creou o *Homem invisivel*, o *Alimento dos Deuses*, e traçou a guerra entre a Allemanha e a America, depois de ter inventado o bloqueio submarino da Inglaterra. Era o Julio Verne modernizado, com todas as suas invenções. Mas Wailly escreve o *Assassino do globo*, um homem que phantasia o globo como uma creatura má e quer, tomando-o como um corpo em que ha nervos, musculos, tendões, alcançar-lhe uma região vital, a carotida, o coração, para o matar, para o arrefecer. Concordarão que seria uma phantasia curiosa se G. le Rouge não tivesse feito passar em Marte os seus livros *Prisioneiro de Marte* e a *Guerra dos vampiros*. Mas Paul d'Ivoi inventa luctas internacionaes e um canhão que arremessa uma pequenissima granada que mata por emanação, fazendo rir, e contagia as populações de colera, escarlatina, febre typhoide, cousas espantosas que, dizem, os allemães estão ensaiando e Armentières já provou.

No seu romance *As 3 gatunas* ha uma creatura que com uma pequena caixa fabrica raios, matando assim quem se oppõe aos seus designios funestos.

Max Pemberton, outro imaginoso, vae ao fundo do mar, inventa um *Palacio submarino*. E tendo decerto lido o estranho romance de Julio Verne, *Em frente da bandeira*, escreve um, que é no fundo o mesmo e se chama *O Pirata de ferro*. Se no de Julio Verne ha um engenheiro que descobre *O fulgurador Roque*, explosivo terrivel, n'este ha um engenheiro que revoluciona o machinismo naval construindo um cruzador pirata de um inhexaurivel poder. Mas, sempre ascencional, a phantasia escolhe da chimica composições terriveis, vae á geographia buscar terras bizarras, percorre os oceanos, desce ao fundo dos mares, sulca o espaço em machinas que nunca ninguem sonhou, e tudo fala, tudo sabe, tudo conta.

Pierre Giffard escreveu então um dos volumes mais curiosos d'esta espantosa litteratura. Intitula-se *O tumulo de gelo* e tem por en-

trecho uma expedição polar. O commandante, Jorge Macduff, fica com toda a expedição prisioneiro dos gèlos e lá morre. Mas o pae, cirurgião ilustre, compõe outra expedição e vae em procura do filho. Acha-o e mata um homem da expedição, um botanico, para lhe tirar o coração vivo, que põe no logar do coração do filho ha sete mezes gelado. Muda, sutura e faz uma transfusão de sangue. E' Carrel puro e o filho resuscita. Sabe o segredo e mata-se. Os sabios endoidecem. Como se vê a phantasia vae a todos os reinos e dá-nos depois criações que a gente oscilla em tomar por obra de doidos geniaes ou realidades malucas.

E' claro que nem por sombras falo em inventariar essa litteratura e seus acolitos. E' o José Rebolabola, Nick Carter, o celebre policia americano, Texas-Jack, o terror dos indios, Patrick Osborne, o famoso rei da policia, Lord Jackson, genial e audacioso policia amador, milhares, emfim, de coisas capazes de endoidecer uma dezena de gerações. E assim, como sinal dos tempos, tendo contagiado as

multidões uma tal litteratura, como querem os senhores que os allemães não inventem ámanhã a morte pelo desejo de uma vontade energica, ou canhões invenciveis por qualquer preparado chimico?...

LE BARGY

Le Bargy, grande da Arte franceza, segundo thuriferam as gazetas, que com upas de feracissima alegria ha uns oito dias, alli no palco do Republica, vem mostrando o forro do casaco á lusa gente, é, como não podia deixar de ser, um typo exemplar, completo e acabado de cabotino.

E valia a penna tel-o visto. Ou para o patear ou para se vingar a gente chamando-lhe nome feios. Que Le Bargy tomou-nos por congolezes ou hottentotes, não haja duvida!...

Le Bargy, esse decantado comediante, senhor de baraço e cutelo sobre não sei quantas vassallas mil gravatas, escanhoador de

escandalos mundanos e egoista feroz, é uma creatura não já na agonia artistica, mas no entardecer da sua carreira. Do seu garbo, dá-nos ainda uma puida imagem e do seu talento artistico dá-nos a impressão de que nunca o teve. Não sabemos. Conhecemos-lhe a fama. Por essa tuba sonorosa ouviamos-lhe a voz, viamos-lhe a figura, assistiamos aos seus triumphos.

Pois foi uma decepção. O que teria sido de nós se, creaturas previdentes, ha muito não tivessemos incinerado as nossas illusões...

Le Bargy veiu a Lisboa. A troupe que o acompanha é horrivel, caravana de illustres desconhecidos que ajuda o seu illustre chefe a mixordiar o reportorio. Este é coisa para todos os paladares, mas sem sombras de senso artistico. Peças romanticas, peças de capa e espada, peças — policia amador—com um saldo de situações bem situadas, electricidade, porteiro, etc. Ha, como vêem, fateixa para o atheu e para o fanatico religioso, para o burguezão e para o *Werther* da Escola de

Guerra, para o que quer a lagrima e para o que deseja apenas matar o tempo.

Como é obvio, ha aqui, não o fito de peregrinar Arte, mas o de mercanciar simplesmente. E' por isso que Le Bargy se vae de Portugal sem deixar saudades.

Troupe e repertorio, cousas manifestamente inferiores, justo é dizer que o seu chefe não vae muito além na nossa bitola. Que o ***Marquis de Priola*** era uma maravilha de fidalga interpretação! Vae a gente vel-o e o que encontra? Um Le Bargy que passa a peça a tomar attitudes convencionaes e identicas: — para as scenas de amor uma das pernas dobrada sobre uma cadeira; para as scenas ciliciantes duas puxadellas de punhos; para o melodrama, até nem lhe faltando o puxar a melena á socapa para a testa. E a falar com senhoras estendendo-se todo preguiçanamente no divan, cruzando a perna, mettendo o pollegar nas cavas do collete, talvez para que se lhe aprecie a esbelteza das mãos a adejar em barbatanas ou ventarolas, talvez para que se lhe admire a sumptuosidade da sua corrente das

chaves... se é que elle a usa. E até um gesto se lhe estereotypou, que é o castanholear com os dedos como quem chama cães e os incita. Tudo isto mexido e disposto e é Le Bargy por uma penna.

Le Bargy adquiriu nomeada como actor mundano, encarnador de D. Juans e irresistivel macho. Audacioso, e não sabemos de quantos pés o lastro dos seus escrupulos em Arte, subiu, impoz-se. Foi falado e a Fama algumas vezes teve a cabeça no seu regaço. Hoje é um organismo que a carcoma do Tempo vae carunchando e não é tal apollineo, perfeito, o diabo tirado a quatro. Não é. Vimol-o. E' ventrudo, é careca: Deu-nos a impressão de que é um pobre diabo, maçado, que quer apenas que o não massacrem e que faz de amoroso ás noites, trabalhosamente, suadamente, com o mesmo ar fatigado do trabalho de mulher a dias. Aqui, o nome de Le Bargy é apenas o grande recoveiro de pratas. Que só por necessidades agiotantes um grande homem póde subalternizar-se a ponto de estender a mão, falar e

passar a noite de camaraderia com typos sem cotação artistica nem talento, gagosos, ás topadas, aos guinchos, aos coices. E no *Cyrano !?* Com o pouco geito que Deus lhe deu de arengador, é um *Cyrano* feito para dentro, sem brilho, sem arte. Tambem plateas exigentes teriam corrido a sucia á batata quando por tacito entendimento em peso lhe não voltassem as costas.

Ora a gente, tendo visto o Zacconi completo e formidavel nos seus processos, no seu modo de ser, póde lá tomar a sério quem vem para cá mangar com a tropa !? Não. Le Bargy é um actor correcto apenas, não um grande actor. Consegue elle transfundir-nos a emoção que o auctor deu á personagem? Não consegue. E' sempre o mesmo, repisado, repetido, com batatinhas, de refogado, de escabeche ! Caramba ! E' muito para um homem só !

Como se dizia n'um velho romance ingenuo : Julgarão elles que a gente imagina que as bexigas são lanternas? Ou que não vale-

mos sequer o trabalho de mudar de cravo rubro o ***smocking*** para a casaca?

Que Le Bargy é um actor correcto, não ha duvida. Vae para o velho a velas pandas. Se não forrar uns vintens, acabará pateado. A não ser que julgue que sim, que realmente as bexigas são lanternas e que a gente passa o tempo a soprar bolas de sabão...

AS CÉGADAS

O Carnaval civilizou-se, o que foi um bem; mas perdeu o seu lado pittoresco, o que foi um mal. E' certo que já se póde ir da Estrella ao Beato e do Dafundo ao Alto do Pina sem que o fato leve a gemmada classica ou a enfarinhadella costumada. E até ha quem tenha feito a viagem de chapeu alto sem regressar com elle como se lhe tivesse caído em cima o elevador de Santa Justa. Mas tambem a viagem que antigamente tinha peripecias varias, continuos sobresaltos e inenarraveis sustos, é hoje de uma monotonia tão banal que não tem parceira. E' certo que se pagava duro antigamente, mas havia danças, mascaras, cégadas.

Ora a dança e a cégada tendem a desapparecer e já raras dão signal de vida.

Era uma coisa pandega a dança.

Duas duzias de marmanjões, de barba por fazer, tintos a carmim, a occa, a zarcão, de *maillots* rosa, e pernas que extravasavam o algodão que as enchia arranjavam um quintal onde ensaiavam. Depois ao som de uma desafinada musica, a matula vestida assim a capricho, reis de baralhos de cartas, ou romanos da decadencia, figuras de mythologia que pareciam imitações das mesmas em barro mau, ou simplesmente pedestres vestidos ao sabor da propria phantasia, assembléava durante os 3 dias por todas as ruas da cidade dentro de uma circumferencia de povoréo basbaque que ouvia com prazer o bater das maças e seguia com delirio a chamma fumacenta do archotes com que a horda á noite dava espectaculo.

E havia danças caras, com todo o espectaculoso guarda-roupa de uma peça bem montada. Umas em que se dançava, outras em que se acrobatizava. De umas e outras, coisa

difficil não era de vêr, na quarta-feira de cinza, á entrada da Boa-Hora, o *Chico fino* ou o *Manel Santeiro*, dois magricellas tunantes vestidos de athletas com a maça á laia de bengala, cigarro ao canto da bocca, um sobretudo paisano pelas costas, a arengar á Micas, da pessoa e sua ex.ma familia. Quando não calhava irem para o Hospital ou para a Morgue n'aquelle espantoso trajo.

A dança era a peça de grande espectaculo como a cégada era a comedia da rua. Quantos dramaturgos não havia dentro d'aquelles versos, d'aquelles dialogos ingenuos? A cégada era cousa rica. Havia-as com um brazileiro, um sacrista, um lavrador, mas a cégada classica mettia sempre um janota um policia, uma rascôa e um homem do povo, dois mariolas vestidos de mulher dão-dindando nas guitarras, um apito para fazer os signaes de alto e «segue a dança» e por vezes alguma mobilia.

E bem curioso que era. O janota. O leitor lembra-se do janota? Era um salafrario de chapeu alto, frack, calça branca de padeiro,

polainas e gravata de laço em collarinhos de gomma. Bengala sempre, ás vezes monoculo.

O policia era um policia como qualquer policia que a gente conheça, tendo o cuidado de escolher um que tenha cara bem focinhuda. Immensos bigodes, pêra se calhava e um espadalhão de pau que tinha que recolher ao guano dos sabres no fim da parodia dos tres dias, tanta contumelia tinha feito ante os olhos da gente ignara nas costas dos collegas da «troupe». A rameira, uma das de baixa extracção, com seu saiote encarnado, botas de atacadores, peitos suppostos e lenço á facaia. Isto, e mais um brejeiro ao canto da bocca e é mesmo um typo acabado.

Ora quando o trru do apito do arvorado trinava, começava a funcção. A boneja interpellava o *seu* janota por qualquer colsa que tivesse lembrado n'aquella occasião ao auctor dos versos. Dizia-lhe assim como que lá por elle ter muito dinheiro ella despreza,

> ouro e brilhantes
> que pela *honra d'ella lhe dão!*

Aqui um dlin, dlin, mas como o janota refila, ella fila-o. Lamenta-se e já entrou em scena o homem do povo a vituperar o janota. E de volta junta-se ainda mais gente satisfeitissima e dizendo que fez a pequena muito bem em lhe exigir responsabilidades. O janota está em calças pardas; o janota não está em bons lençoes; o janota não se sente bem. Lobriga o policia e afflicto entrega-se-lhe para que elle seja o juiz.

«Ora ouça, senhor empregado»

O sr. empregado já deu dois coices, já pregou tres pizadelas e oito encontrões. Começa hypotheticamente a cofiar a pêra. Sim, porque a pêra não é d'elle, é pegada com verniz do mau, porque do bom dizem elles que se vende nas tabernas e nunca teve similhante applicação. Ora o policia ouviu e por fim decide a favor do janota. Grande zaragata da parte do homem do povo e da Magdalena, com grande impassibilidade dos dois que tocam, que até parecem comprados na

loja. Ora o policia é, tem de ser pelo povo. O elle decidir a favor do janota é um *truc* theatral, um segredo do *métier*. Elle decidiu pelo janota para ter alli debaixo do chanfalho a indignação popular. Ha grande zaragata, como iamos dizendo, e eis que o policia rapa da espada e começa barbaramente a acutilar, e tanto ao vivo, que parece verdadeiro. Parece, mas não é, porque elle, que é um alho, de espada no ar e rouquejando quatro versos, aplacou a ira, que até podia descambar em revolução. Promette fazer justiça e logo alli dá quatro arrochadas no janota. Este, por signal, como uma d'ellas lhe doêsse, chama burro ao policia e, escamado, diz que assim que não vale. E é que é um trabalhão para o recolher outra vez á poetica. Compõe-se tudo, acordando em que o janota deve ser preso. Deve ser e é, que o sr. empregado canta

«Bocê vae p'rò *cagarrão!*

e segura-o muito bem por um braço. Na refrega caiu a pêra ao policia e é um garoto

que a achou quem lh'a vem trazer, emquanto com o bonet policial, o chapeu do janota e a concha da mão da rameira o peditorio começa. O formigueiro humano assustado dispersa e das janellas começam a cair vintens. Se lá no quinto andar ha uma velhota que faz de surda, para não dar nada elles cá de baixo atacam um côro de «Oh ! minha senhora ! Pst ! Pst ! ó tiasinha ! » que até a cavalheira confrangida ou se resolve ou se esconde.

Tudo o que é bom passa depressa.

Ora vejam lá se não eram bem curiosas as cégadas e as parodias, as danças, todas essas fabricas de catar cobres para ao menos na quarta-feira de cinzas se tomar uma bebedeira á vontade, uma d'aquellas bebedeiras de recolher a penates... de padiola?!...

O INFERNO AMARELLO

Pierre Loti, official de marinha e cinzelador artista da *Madame Chrysanthemo,* não teve, ao visitar a China, o bom humor de Edmundo d'Amicis ao visitar a Turquia e Marrocos. Chamou-lhe o *inferno amarello.* A opinião de Pierre Loti vem agora corroborada n'um livro recente de um medico portuguez residente em Macau, que o dr. Camillo Pessanha, com superior erudição e muita e verdadeira poesia, prefaciou. São curiosos esta China e estes chins.

Como n'aquelle romance de Daudet, os *Reis no exilio,* parece-me, em que o principe, quando se enfastiava da amante lhe mandava um macaquinho, na China quando o impera-

dor se enfastiava de um alto funccionario, de um ministro, de um general enviava-lhe um cordão de seda amarella... para que se enforcasse. E é que, se a creatura se não dispunha, outros a enforcavam, não valia a pena incommodar-se.

Que são frequentes os vestigios de anthropophagia. E que a fressura da mulher suppliciada é considerada um piteu — sendo preparada conforme a doutrina gastronomica dos entendidos e em caçoila de barro vidrado e proprio. Os chinas são *gourmets* originaes. Assim, diz o dr. Moraes Palha, auctor do livro, «qualquer bicho podre apanhado nas ruas é aproveitado para um petisco, o *chau-chau*.» Que demonio! Isso até na propria Europa succede. E' que o homem, branco, amarello ou preto pouco differe. E lembra-nos, com a *Medusa*, o cerco de Paris. Cada rato um conto de réis, santo Deus!

Quanto a religião, o china é incredulo mas ardiloso. Officialmente crê se é preciso crer e abomina e nega se isso preciso fôr. Acha que «vale mais crer na existencia dos deuses

do que não crer n'ella», e quando os deuses não fazem milagres acha que os deuses são inuteis, criterio que até entre nós é seguido. Na China um magistrado porque um Budha se mostrou surdo aos seus rogos mandou que o moessem de pancadas até elle piar. Não piou mas ficou em cacos. Cá os nossos camponezes quando Santo Antonio por exemplo se mostra arisco pòem-n'o de cabeça para baixo, n'um poço, até que elle se resolva. E se não se resolve ali ficará até ao dia de juizo.

O china é subserviente e patife, ardilosamente patife. Acredita que os mortos façam mal aos vivos e se não mata não é por fás ou por néfas. E' para fazer mal a A ou a B que não póde vêr e a quem quer tornar-se de perseguido em perseguidor. Eu, chinez, devo a Lin-lin algumas mil sapecas. Não tenho nem sapecas nem cordel para as enfiar e como Lin-lin reclama a divida, como Lin-lin persegue, eu que sou caloteiro vou matar-me á sua porta. E então, malvado Lin-lin, serei eu, será a minha alma que com te-

nazes coruscantes perseguirá a tua reles carcassa de condemnado. E Lin-lin andará para traz, Lin-lin será caranguejo, olé!

De resto o china tem tres almas: a racional, a sensivel e a material. Uma na cabeça, outra no peito, outra na barriga. Ha quem na Europa tenha uma só: a da barriga.

Demais os que assim são conformados podem até adduzir que não é o cerebro a parte nobre do corpo. E' vêr na monographia de Sousa Martins sobre Anthero de Quental: «o estomago impera no homem como vencedor e o ventre manda mais no cerebro do que por elle é mandado.» E' por isso que os ventrudos sobem e os cerebraes morrem de fome. Chatterton agoniza na rua e Verlaine morre no hospital emquanto burguez amigo, que pensou sempre que não é de trêtas, embora gloriosas, que se vive, morre n'um rico leito de pau santo, com dinheiro no cofre, barbeado e rico, como aquelle da oleographia celebre: — yo vendi al contado...

Tambem no livro se diz, com olhos admirativos, que o famoso *Ki-maofan* um sujo

hotel de pernoitar, cujo soalho é coberto de pennas de galinha é sujo e infecto como um sujo cano de exgoto. Pois é que o auctor não andou nunca com quem escreve estas linhas pelos pernoitos e hospedarias de Lisboa, vendo desfilar ante os olhos todas as miserias e todas as taras, todas as infecções e todos os parasitas. E' que não é preciso ir á China. Vamos a Londres, não saimos d'esta pacata Lisboa.

Ah! Não ha nada novo debaixo do sol...

Ha na China um costume pandego. Nas repartições publicas só o chefe póde entrar pela porta principal.

Imagine-se se a repartição só tiver aquella porta?! Os pastinhas não vão lá, que essa coisa de na China infringir as praxes é o demonio puchado a quatro. Sim que se um cavalheiro é preso e o mandarim diz que elle deve ser morto nem Santo Antonio o salva. Olhe-se o caso passado entre Li-Hung-Chan e o major Gordon sobre os prisioneiros por quem este se interessava. O china prometteu respeitar-lhes a vida mas decapitou-os. Inter-

rogado, disse que effectivamente se os mandára matar fóra não pelo delicto por que lhes perdoára mas por que elles ante a sua augusta pessoa se apresentaram por barbear o que é crime nefando e horrivel, punivel com a morte.

E então já via europeu civilisado que elles... tinham sido bem mortos. E foram. Que jámais resuscitaram.

E' curioso o livro e curioso o paiz tratado. O *inferno amarello* diz Pierre Loti? Mas não é o homem o mesmo em toda a parte? De cabaia ou de casaca, de toga ou de blusa? E não diferem grandemente as almas. Que n'uma coisa só o europeu lhe leva as lampas; é saber afivelar melhor a mascara á hediondez dos seus crimes...

AMADORES...

Um dos ultimos numeros de *L'Illustration* insere um curioso e interessante artigo sobre a habitação, de Mr. Jacques Doucet, um apaixonado amador de cousas antigas, que vae desfazer-se de todas as suas riquezas, E são telas de Watteau e Fragonard, Reynolds e Greuze; bronzes e porcelanas, moveis e tapeçarias, marmores e joias na sua totalidade do seculo faustuoso, esse seculo XVIII, aristocrata e evocativo. Ninho voluptuoso, mansão dos Deuses, é um delicioso museu. Que tragedias, que singular e perturbante força do Destino obriga este homem, este paciente Doucet, a alienal-o?

Que vale a pena pensar um pouco! Cada

tela, cada medalhão, cada joia representa, além do seu valor real, um mundo de paciencia e dedicação, annos e annos de pertinacia surda e esforçada, de cuidados, de sonhos cariciosos, de canceiras infinitas. E é hoje um leilão de moveis, onde á rapacidade côr de ouro de velhos argentarios ou á mercancia agiotante de seccos bric-á-braquistas se disputa um Fragonard; logo, um Watteau que ao tempo e á poeira um ferro velho dos bairros excentricos possue; ámanhã um movel, no outro dia um relogio, depois um Gobelin ou uma console... E com que satisfação o colleccionador vae carretando esse espolio da belleza, esse sonho de Arte?! Só o pode saber quem algum dia foi gafado d'esse mal. Só o pode sentir quem algum dia teve de se desfazer dos seus moveis artisticos, dos seus livros, dos seus quadros.

E evoca-se Mazarino, a quem Lavedan se refere: O cardeal agonisante, a tremer de febre, erguendo-se para correr as galerias do seu palacio, contemplando os seus quadros, as suas obras de arte, para dizer tristemente:

«Será então verdade que tenha de me apartar de tudo isto?! E o seu busto aprumava-se, o seu olhar tinha um fulgor estranho. Mas logo as mãos da Morte, que estava por detraz d'elle, escutando-o, lhe tocavam no braço, para lhe lembrar que sim, que o esperava para partir ..

*

* *

Poucos como eu sentirão o prazer benedictino de tornar a habitação n'um museu evocador. Como os Goncourts-artistas requintados, como Pierre Loti, o paciente auctor de livros de um perfume estranho, ou como velhos maniacos aferrados ao passado, essa paixão constitue uma parte, a maior parte da minha vida. Sem os desenhos, os livros, os quadros, os velhos papeis, a vida não me valeria a pena vivel-a. E tenho por tudo isso o amor que Schopenhauer tinha pelos cães.

Porque eu tenho, por exemplo, uma curiosissima collecção de autographos. Os senho-

rês não imaginam, ninguem póde imaginar com que enternecimento eu pego n'uma proclamação ao exercito toda da mão de Gomes Freire, n'uma carta sobre eleições, de Garrett, ou n'um poema de lamentações que é uma carta de Camillo. Ninguem sabe como se póde sonhar, como eu sonho, tendo entre os dedos uma folha de manuscripto quinhentista, com a assignatura de Filippe I, ou um pergaminho com o sello enorme e a assignatura tremula do beiçanudo João VI. E o prazer dos velhos livros?! Os senhores sabem por acaso o prazer de ter uma collecção de theatro de cordel do seculo XVII e XVIII? Reviver o velho theatro do Bairro Alto e do Salitre, com toda a sua ingenuidade e os seus titulos: *As grandes magicas e astucias de Joanna Rabicortona* ou o *Velho louco de amor e a creada industriosa*. E descobrir hoje uma, ámanhã outra e vêr ao fim de uma duzia de mezes ou de annos duzentas ou trezentas pecinhas conquistadas, disputadas, resgatadas...

Quem colleciona desenhos ou aguarellas

olhar as molduras que cobrem a parede, aqui um Sequeira, acolá um apontamento de mestre ou um esboço de amigo. Vêr as caricaturas que evocam, uma mulher erguendo a fimbria da saia, mulher que passa, embrulhada no seu manto de zibelina, ou uma rascôa fumando cigarro, esmammalhada e sem pudor; um operario que bigorna, um faminto que ajoelha ante a sua gamella. E as boas reproducções: O *Angelus*, de Millet, e a *Angoisse humaine*, de Rochegrosse, os poeirosos e soalhentos Checcas, os graves Gérômes, os Carrières, os classicos, todo um mundo de belleza que nos rodeia, que nos inspira, que nos conforta, que nos encoraja, que faz a vida grande, que enche o peito de algo, que, como a multidão e o nosso similhante, não sua e não cheira mal.

Mas pensae agora em que, cataclysmicamente, o destino espera um homem a uma esquina para, de navalha aberta, lhe exigir que lhe dê tudo, que tudo venda, tudo entregue. E' um quasi nada peior do que a morte. Agora condemne-se a creatura a assistir ao leiloar do seu thesouro. Vêr uma a uma to-

das as preciosidades deixarem os seus logares... Vêr desmoronar em horas aquella fabrica sobrehumana de paciencia, de sonho, de amor. E' como um homem que amando loucamente se soubesse escarnecido... Que não ha, não ha na vida angustia comparada á dos velhos colleccionadores que vendem, que abdicam, que morreram em vida.

Este Jacques Doucet vae habitar outra casa. As suas preciosidades vendidas comprar-lhe-hão novos moveis. Elle recomeçará. Insensivelmente, seus passos leval-o-hão para os bric-a-braquistas, para os leilões, para os outros amadores. E não mais terá socego. As suas preciosidades de hoje dançarão á sua roda uma ronda cascalhante de escarneo e de loucura. O seu somno povoar-se-ha de espectros. E esse montão de Belleza será como uma montanha de remorso. Que não ha, não ha angustia comparada á dos velhos colleccionadores que vendem, que se desfazem das suas collecções. Destino cruel, pois não valia bem mais terminar de vez a pobre carcassa, levar em pleno sonho o pobre amador?...

A JOIA PORTUGUEZA

Como a joia é antiga, santo Deus. A primeira joia nasceu, certamente, com a primeira mulher. Para ella foi feita, por ella, a mulher, foi mantida atravez dos cataclysmos, das paixões, das civilizações e das guerras. A mulher creou-a, é certo, mas ficou sua escrava. E tanto, que aquelle detestado Juvenal affirma que

> A mulher tudo faz, por mais obsceno,
> Com tanto que um collar tenha ao pescoço.

Seja como fôr, a joia e a mulher são inseparaveis. Uma completa a outra. E' até conhecido o caso do pintor, a quem o mestre disse: «Fizeste-a rica, porque não pudeste

fazel-a formosa.» Mas o que seria a mulher sem o luxo, sem a joia? Em que coisas perversissimas pensaria a mulher se não pensasse em debruçar-se alguns momentos ante os mostruarios do Leitão, ou ante as vitrines da rue de la Paix, ou de Picadilly Street?

Herodes, na *Salomé*, de Oscar Wilde, quando solicíta da lasciva filha de Herodias, princeza da Judéa, que desista da cabeça do propheta, offerece-lhe tudo o que póde tentar uma mulher: «Tenho joias occultas no palacio, joias que tua mãe nunca viu, joias maravilhosas. Tenho um collar de perolas, de quatro fios. Parecem luas presas entre raios de prata, são como meio cento de luas agrilhoadas a uma rède d'oiro. Foram feitas para ornar o collo eburneo de uma rainha. Ficarás bella como uma rainha, quando os usares... Tenho amethistas de duas especies: são umas negras, parecem vinho; são outras rosadas como a agua córada pelo vinho. Tenho topazios amarellos como os olhos dos tigres, topazios côr de cravo como os olhos dos pombos, topazios

verdes como os olhos dos gatos. Tenho opalas, que scintilam uma chamma fria como o gelo; opalas que fazem os homens pensativos, tristes e sombrios. Tenho onyxs que lembram as olheiras das mulheres mortas, tenho pedras lunares que mudam quando muda a lua e descóram quando cresce o sol... Tenho saphiras grandes como um ovo, e azues como o azul das flôres. Erra no seu seio o mar e a lua nunca lhe perturba o mel das vagas. Tenho chrysolitas, berylos, chrisobrazios e rubis; sardonicas, pedras da Calcedonia, e posso dar tudo, tudo e muita coisa mais. O Rei das Indias mandou-me quatro bellissimos léques de pennas de pardal, o rei da Numidia, uma veste de pennas de avestruz. Possuo um cristal que não devem vêr as mulheres, nem os moços, antes de serem batidos com varas. Tenho, n'um cofre de nácar, tres turquezas admiraveis. Quem as collocar na fronte, pode sonhar coisas que não existem, e a mulher que as usar nas mãos, se fôr esteril, tornar-se-ha fecunda. São grandes thesouros estes, acima de qualquer preço; mas não são

todos... Dentro de um cofre de ébano guardo dois copos de ambar, que parecem pêras de ouro e se transformarão em pêras de prata, se um inimigo lhes deitar veneno. Em outro, incrustado de ambar, guardo tambem o sandalo incrustado em vidro, e tenho mantos trazidos da terra de Sevres, e braceletes guarnecidos de carbunculos e de jade, vindos da banda do Euphrates... Que desejas mais, Salomé?...»

Mas Salomé pedira a cabeça de Iokanaan, e não a trocava, na sua teimosia persistente, nem por todos os jardins de Aladino. Salomé teve a cabeça do propheta, mas as espadas dos soldados atravessaram o corpo lascivo, voluptuoso; lirial, perverso, da bella Salomé. Qual de vós, leitoras, teria resistido á tentação? Qual de vós não deixaria sobre os hombros a cabeça illuminada do agitador, por todos aquelles deslumbramentos?

A mulher e a joia! Pois não foi ainda por lhe querer muito que Cleopatra bebeu n'um banquete, delida em vinagre, aquella formosa

margarita, ou perola, que os joalheiros da epocha diziam valer 250:000 cruzados?

* * *

A joia portugueza? Mas ella existe e é até das mais formosas. Quer ella sáia das mãos de um obscuro artista popular, quer ella seja uma munificencia de arte e de belleza, *signé* Leitão, como aquellas joias que o leilão D. Maria Pia dispersou, ou primores de ourivesaria como a baixella Barahona e as bengalas manuelinas do dr. Carvalho Monteiro. Vamos por esse paiz fóra e veremos como as mulheres querem á joia e como a arte popular se excede, para decorar, a ouro, o peito e as orelhas das pimponaças mulheres do Minho e das morenas algarvias. «Temos—diz o sr. J. de Vasconcellos—as arrecadas de ouro do Castro de Laundos (concelho de Povoa do Varzim), os braceletes de ouro de Arnozelo e de Telões, a xorco de Cintra, os torques de Almoster, Serrazes, Lebução, Reguengos e

Cortinhas; emfim, o collar de Vaļe de Malhadas e o bracelete de ouro do Bairro. E fica a relação ainda incompleta». E' vêr nas romarias. Peito, pescoço, orelhas não são já partes componentes do corpo humano. São vitrines, são exposições do lavor do ourives portuguez. E são os grilhões, onde pende um ou dois corações enormes, a cruz de Malta, ou um crucifixo, quando não é a medalha santuario trabalhada em *piorrinhas*, variante difficil da filigrana popular; são as arrecadas, macissos brincos de pingentes, ou argolas simples e enormes; são os pregadores, travessões ou broches representando desde a rosa, «rainha das flôres», á borboleta, e desde a emmoldurada peça D. João V até ao que de mais bizarro povoou a fantasia do ingenuo ourives que o fabricou. Uma ancora, uma guitarra, um navio, tudo serve. O camapheu passou á historia, evocativa joia que fechava o chale de seda de nossas avós.

Nos aneis ha toda uma variedade infinita, desde o anel de coralina do Senhor da Serra, aos aneis complicados e bisarros, originaes e

preciosos, que João Silva sabe desenhar. Desde os aneis que o cinzel amorosamente trabalhou, aos aneis onde as pedrarias scintillam miriades de brilhos. Desde a simples e ingenua alliança de casamento até aos complicados arabescos que enlaçam os dedos fuzelados de princeza. A joia sim, é da mulher, mas não se dedignam os homens de a usar. Simples aneis de ouro, como os que constaram dos despojos da batalha de Canas, que encheram arcas, ou aneis com diamantes da Golconda ou Visapur. As pedras preciosas são o melhor constituitivo da joia com as suas varias nuances, com o seu colorido fulgor, desde o azulado madreporico da perola, á côr purpura da amethista, do azul celeste da saphira ao verde da esmeralda, do amarello do topazio ao reflexo do diamante. A algumas attribuem os antigos virtudes e maleficios. Plinio e Aristoteles trataram largamente da agatha, e os velhos livros dizem que as pedrarias da côrte de Portugal excediam as de todas as outras côrtes. Mas quer a joia seja simples, de coral, quer tenha turquezas, ou

rubis, tem sido e será sempre amada com furor. D'ella vive uma parte do mundo. A outra parte vive para ella. E nunca ninguem houve que lhe fosse insensivel. Algumas então ha que teem sido uma fonte de cuidados, Por exemplo, as da nossa actriz Etelvina Serra. Perdidas, roubadas, desapparecidas, ellas serão a causa do seu primeiro cabello branco... quando elle d'aqui a muitos annos appareça.

A joia e a mulher! Duas variedades de joia que se completam, e que teem sido a causa de quasi todas as guerras e dissensões d'este nosso planeta...

A ODYSSEA DE UM LIVRO

Não ha duvida que os livros teem o seu Fado como as creaturas. Ha livros plebeus e livros aristocratas, livros reaccionarios e livros dynamitistas. Ha livros valiosos com a brochura a desfazer-se, como ha grandes homens dentro de fatos pobretões; ha outros que, fatuos, de valioso só teem a encadernação — *parvenus* sem miolo, de bota de verniz e chapeu de seda.

E, tambem, no livro dos destinos do papel impresso, uns nasceram para cahir nas mãos dos estudiosos ricos como o dr. Carvalho Monteiro e teem a encadernação competente, a estante rica, o afugentado da traça. Livros com casa, cama e meza. Outros ha que, de

baldão em baldão, namorados nas montras por um sujeito pobre, breve, partilhando-lhe da sorte, vão de vortilhão em vortilhão expôr-se em almoeda. Eu tenho uma grande consideração pelos livros, e assim é que avaramente me dou a conceder protecção e guarida aos bons livros transviados, prostituidos pelas mezas alfarrabistas.

A historia de certos livros! A *Sapho* de Daudet, na sua primeira edição, era uma costureirinha vestida como qualquer menina honesta. Andaram os tempos. Chamada, applaudida, requestada, subiu ao galarim e teve a sua *toilette* de seda cara como as cortezãs da moda—ou seja a sua edição de luxo. Mas o papel não geme, não soluça. Soffre e deixa á sensibilidade de raros adivinhar a sua dôr.

*

* *

No leilão da livraria Fernandes Thomaz veiu cair sob a voz do pregoeiro um livrinho que hoje vive na minha companhia.

Houve em tempos, na roda intellectual do Porto, um poeta scintillante, bohemio e tysico, em cujos olhos desceram definitivamente as palpebras aos vinte annos. Hoje, os ossos não sei onde param e de palpebras já o gusano não deixou rastro. Esse poeta tysico, como Julio Diniz, Antonio Nobre, Cezario Verde e José Duro, como Silva Gayo, como Luiz Carlos, como Guilherme Braga e como tantos outros, foi Hamilton de Araujo. Morreu e deixou versos. Foi o seu unico espolio para a posteridade. Mas não tendo sido mais do que um poeta que fazia versos como os rouxinoes desferem cantos, a pouco e pouco a morte foi sorvendo a geração que com elle passou na vida de braço dado, e elle a pouco e pouco foi cahindo no olvido. Raros hoje se lembram. Eu, com o meu feitio cogitativo, idealizo-o. Lembrar-se a gente, ou lèr os versos de um poeta é a unica maneira de rezar por elle.

Pois sob o martello do pregoeiro cahiu um livro — *Canções d'um bohemio*. Hamilton de Araujo o seu auctor. Entre os circumstantes

houve um movimento. Araujo... Bohemio... E como isso tudo repugnasse a homens positivos ninguem lhe pegou. Alguem disse contrafeito: «Vá lá um tostão!» E foi quando eu accrescentei mais um vintem. Silencio absoluto. E por seis vintens foi meu o volume.

Visto, sabido o que era, eu reconheci com espanto que este era dos livros que a sorte aziaga fadára. Edição de Rodrigo Velloso, este tivera um trabalho insano em buscar aqui e além, dispersa, a muza do poeta. Todos os amigos deram o seu peculio, a mãe cedêra tambem alguns manuscriptos. Quer dizer: durante mezes, este volume foi um sonho acarinhado e doce para o seu editor, para os amigos do poeta e para a sua alma, que de lá, do doce empyreo — todos os poetas são espiritualistas!—ha de, commovida, sentir-se enternecidamente contente. Tiraram-se 100 exemplares: 20 em papel de linho e 80 em papel commum. E' dos 20 de papel de linho este, que eu arrematei por 120 réis á meza do leilão.

Annibal Fernandes Thomaz acarinhou-o

tambem. Mas eis que Annibal morre e, de tombo em tombo, eu o recolhi piedosamente. Ouvi hontem toda a noite o poeta.

«Vem, ó Morte gentil, rameira desgrenhada!
O teu rosto abatido, enche-o de pó d'Arroz...»

E é toda a musa romantica. Como eram felizes os poetas romanticos, matizando de versos o papel e de lagrimas os olhos das Marcias e Marilias, que sonhavam com Romeus e com a escada de seda suspensa dos balcões em flôr!?

Havia ainda cantante no ar e nas almas a toada do violão do *Noivado do Sepulcro*, de Soares de Passos. João Penha, depois da ceia, via invariavelmente recolher-se a ultima estrella. E a Mocidade tinha espirito, tinha audacia, tinha talento.

Hamilton nasceu, viveu, morreu e passou como um meteoro. Nasceu a 16 de março de 1868 e morreu a 8 de agosto de 88, vinte annos depois. «Foi sepultado no cemiterio de Agramonte, não longe, talvez, de Guilherme

Braga, na campa n.º 3:257, d'onde depois foi mudado para o n.º 3:684. Triste condão dos poetas portuenses, que, quasi todos, fallecem bem cedo, em plena primavera da existencia!...» Hamilton não teve, como Cezario, a originalidade manante em versos de oiro, nem como José Duro traçou o poema da morte e do desalento. Não batalhou com o ultramontanismo como Guilherme Braga em estrophes indignadas, nem como Bocage debruou seus versos de vinho e obscenidade. Não.

Foi um pobre espirito sonhador que cantou a mulher que passa, o Falerno espumante e a bohemia que trovava, recordando a noite morta e as filhas familia que sonhavam com o trovador. Nada mais. Mas foi um poeta, astro de vinte annos, cabeça de adolescente que a morte ageitou na almofada do caixão, esparzindo rosas sobre a sua alma, que ascendia á mansão dos poetas!...

E já vão vinte e quatro annos! Como o tempo galopa! O livro é de 1899. Como queriam os senhores que fosse acarinhado um

livro que nem ao menos se apresenta com uma rica *sortie de librairie* — encadernação caprichosa e original? Assim, foi uma creatura pobre que lhe deu o braço. Ha livros que são como certas creaturas. Tão bem nascidas e—o que é o fado!—ás vezes vendidas por seis vintens sob a voz metallica de um pregoeiro de leilão!...

MAR TORMENTOSO

O recente naufragio do vapor *Lisboa* veiu chamar-nos a attenção para o ultimo numero do boletim, que o *Bureau Veritas* acaba de distribuir, das perdas e accidentes maritimos occorridos durante o mez de julho.

São 16 paginas de estatistica, mencionando o nome do vapor, tonelagem, pavilhão sob que navegavam e o que determinou a sua entrada n'aquelle tétrico registo. Todas as estatisticas, ainda as mais sèccas, teem uma parte de não descripto que, quasi sempre, exuberantemente a phantasia do leitor suppre. Assim, ao folhear esta longa lista de nomes — quatrocentos navios — a gente lembra-se do *Ho-*

mem que ri de Victor Hugo, o sino que, nos rochedos, noite morta, sinistramente bate, emquanto o barco, desarvorado, corre, brinquedo e preza nas mãos gigantescas do velho oceano. Com elle se afunda o velho doutor, e com elle corpos e almas de todos aquelles condemnados. Só a garrafa sobrenada e vem dizer a terra a tragedia do mar. Evoca-se Julio Verne, Robinson Crusoé, todo um outro mundo de lenda e de phantasia. E da infancia vem ainda ás almas crentes, quando o inverno ruge lá fóra e do mar vem o grito afflictivo das sereias, a lembrança de uma velha mãe ensinando a «pedir por quem anda sobre as aguas do mar.»

As vezes, a quem lê esta funebre estatistica, depara-se-lhe este distico: «Sem noticias desde...», e já passou uma infinidade de mezes, sem que de tal navio se soubesse mais. Abunda isso nos barcos de vela, em geral de pequena lotação, levados e trazidos ao sabor dos ventos e das correntes. N'este mez, mez ainda sem grandes mares e sem ventos furiosos, só um se menciona, o *Jan-*

tine Agatha, capitão Dykstra, um naviosinho de 123 toneladas que ia de Dundee para Nortts. Desde julho de 1909, que nunca mais da sua tripulação houve noticias. Que foi feito d'elle? Sossobraria em pleno mar? Teria a sua tripulação embarcado em algum escaler com poucas saccas de bolacha, uma carta, uma bussola e dois odres d'agua? Vogará ainda esse escaler á tona das aguas, fóra de rumo, com a sua tripulação de cadaveres? Aportaria o *Jantine* a alguma ilha deserta? Conjecturas, illusões. O positivo é o distico, a sêcca informação do *Veritas*. E já lá vae um anno.

Outras vezes é a indicação de que um vetusto barco foi vendido e demolido, indigno fim de um velho almocreve do oceano. E foram 17 vapores e 14 veleiros, 31 inválidos, que apoz mil travessias, mil combates com as iradas aguas, tem a sua aposentação por fim. Entre os mais velhotes, um ha cuja edade tem direito á consideração dos entendidos: O *Despatch*, vapor inglez de 196 toneladas, construido em 1856, 54 annos de fadigas, de

trambulhões, de temporaes. Fez bem a sua obrigação.

Vem depois as tragedias maritimas. O *Huallaga*, um vapor peruviano construido ainda o anno passado, orgulhoso das suas 3:305 toneladas, teve que ser abandonado da sua tripulação. Ia do Panamá para o Perú. Declarase-lhe fogo na carga. A tripulação debalde se exhauriu, debalde luctou; mas em breve tudo era fogo. E a 26 de Julho toda a população d'aquella aldeia fluctuante a deixava, ao passo que a sua carcassa rubra para sempre se afundava nas aguas.

Como ha de tudo, todas as angustias, todas as tragedias, ha tambem um pequeno vapor surprehendido pelo gelo:— *O Ringfond*, norueguez, que foi uma vez um navio no meio d'aquellas grandes moles geladas. Alguns incendiaram-se no proprio porto, outros foram abandonados como perdidos e os abalroados, avariados nos helices e nas machinas, os encalhados que se conseguem desenrascar, esses não teem conto.

Pouco, muito pouco contingente dão as

costas de Portugal aos grandes sinistros maritimos. Este mez, porém, o *Rowa,* vapor inglez do commando do capitão Jones, que sahira de Tyne para Genova, teve uma viagem fatidica. A 26 arribou a Finisterra com avaria nas machinas. Reparado, seguiu, para a 29, 3 dias depois, ir naufragar no cabo de S. Vicente, onde o mar assaltou as suas desmanteladas 2:840 toneladas. E, se folhearmos os registros, veremos que Portugal não é prejudicial á navegação. Em 28 de dezembro de 1905, um vapor carvoeiro fica-se em Peniche. Era o *Loven*, inglez, construido em 1889. Em janeiro de 906, o *Ordoviciau* foi tambem ao fundo por alturas de Torres Vedras. Era tambem inglez. Em 3 de junho, o *Cornwall*, um minusculo vaporsito inglez, deu o ultimo arranco por alturas de Espozende. Em 29 de outubro do mesmo anno, perto de Lisboa, o *Baron Huntly*, carregado de mineral, deu a alma ao creador, e em 15 de agosto de 1907 o *Mireille*, francez, que ja com carvão de Barry para Oran, contou

os seus ultimos momentos nos rochedos do Cabo da Roca.

Ouviram os senhores falar ou leram já, nas *Mil e uma noites*, aquella montanha onde a ferragem das armadas se ia cravar, afogando nas aguas tripulação e fazendas? Pois a ilha Alderney, uma ilha fronteiriça á França, sentinella á bocca do mar da Mancha, é como a ilha das *Mil e uma noites*. Em 29 de maio de 1906 lá fica o *Leros*, allemão, de 2:219 toneladas, que ia do Tyne para Odessa; em 6 de outubro de 1908 *Le Havrais*, de 114 toneladas, francez, tal é o que ora nos lembra. Durante tempo o rochedo fatidico não deu que falar de si. Sol de pouca dura. Ainda no mez de junho d'este anno lá ficaram 4 navios. O *Felix de Abasolo*, de 3:557 toneladas, hespanhol, que ia de Tyne para Genova, carregado de carvão a 8 de junho; o *Linn O'Dec*, de 497 toneladas, inglez, a 19; o *Rap*, de 1:365 toneladas, norueguez, carvoeiro, tambem a 11, e o *Terra*, de 2:801 toneladas, inglez, tambem carvoeiro, no mesmo dia.

N'um só mez Alderney abateu dos registos da navegação 8:230 toneladas.

... Não é uma ilha, é um covil de ladrões. Não é um rochedo, é um verdadeiro bandido. Não é tambem coisa de espantar. No mar como em terra ha muitos d'estes authenticos salteadores.

Buscando o fim, veremos que n'este mez em que falamos, julho, morreram no mar 38 navios de vapor (4 por fogo, 3 por abordagem, 17 aposentados, etc.) e 38 de vela (2 abandonados, 14 aposentados, 14 por encalhe, etc.; e 243 vapores e 18 veleiros tiveram avarias que deram ao manifesto.

Cá encontramos o nome de quatro navios portuguezes. O *Carlos Alberto Costa,* que foi ao fundo no rio Douro em dezembro de 1909; O *Pimpão 2.º*, que foi ao fundo por abalroamento, estes perdidos; o *Senhora da Conceição,* que abalroou com o vapor *Calcutta* e o *Soares da Costa*, que teve agua aberta.

Como se vê, nem só em terra ha tragedias, nem só em terra se passam dôres e tormen-

tos. Uma simples estatistica cheia de numeros e de datas enche um mundo de recordações, povôa uma hora de allucinadas phantasias.

Outubro, 1910.

"SOMBRA DE FUMO"

Augusto Gil, o grande poeta da minha amisade e da minha admiração, publicou agora um livro, que é mais uma pequena maravilha da linguagem rimada.

N'esta epocha de canhoneios e de gazes asphyxiantes, em que os tratados são lettra morta e muda e immorredoiros monumentos de pedra, como a cathedral de Reims, alvo de bombardeios facciosos, é preciso ter-se arreigadamente o vezo poetico, para que longe das paixões e dos barbaros se cinzelem tão interessantes miniaturas e se joeirem tão puras gemmas e tão maravilhantes versos.

Augusto Gil é para mim um dos grandes poetas. Como Cezario Verde, como Antonio

Nobre, como José Duro. Mas, como nenhum d'estes, tem uma modalidade, que elles não têem. E' um ironista. E' um lyrico? E'. Um comovido, poderoso lirico, um poeta para quem o coração é tudo. Move o seu verso o coração, e então temos o sentimento, suavissimos quadrinhos intimos ou ternos, vida interior em piano ou andante, mas sempre tocada de uma luz timida, recolhida, sensual e terna; ou a intelligencia, e então temos a ironia, a maliciosa phrase, a contundente oração. Pertence á primeira phase, á phase instinctiva, o *Luar de Janeiro* e agora esta *Sombra de Fumo*. A esta segunda, varios graus d'humour dispersos pela sua obra e o magnifico *Canto da Cigarra*. Os Hespanhoes orgulham-se do seu Bartrina, porque conseguiu ser um Juvenal e um Flammarion. Nós podemos orgulhar-nos de Augusto Gil. Deixou a sciencia aos sabios, mas tomou a si a ironia. e sae-lhe da penna transformada em versos que são cilicios e que flagellariam duro, se isto não fosse uma communidade regalona de frades vadios, que só trata de comer e que

tem os cilicios dependurados num prego, exactamente como tem os livros sagrados arrumados na estante,

*

* *

O fumo é a graphia com que escreve
A mão devaneadora da quimera.

Tanta vez eu sinto ísto, este arabescar de sonhos no azul, pelas volutas de fumo breve, que não sei melhor dizer, mesmo procurando infatigavel. *A chuva caía* é um dos melhores capitulos. *Ever-Léving* uma pequena obra prima. Que não resta duvida: Augusto Gil, poeta entre os poetas, sente como poucos, mas sabe exteriorizar o pensamento como raros. O que é este poema? E' um poema do silencio, ou o das palavras que se não dizem, se ciciam, dos olhos que falam e das boccas que, caladas, dizem tudo. E' o poema dos mil nadas de um amor. Poema fragmentario, impreciso, vago, mas por isso chamado sombra de fumo. De contornos tão leves,

como se a sua propria linha offendesse o Amor, de um tão ciciado, caricioso, murmurar como se temesse que elle acordasse.

Lá fóra ha multidões açulantes, de baionetas espicaçando os rins dos fugitivos; granisam as metralhadoras suas blasphemias de aço e os submarinos entretêem-se á espreita dos navios que passam com a paciencia dum garoto que anda aos grilos. As aguas revolvem-se tintas de sangue. Grandes aviões fantasticos queimam e detonam indistinctamente as casas onde se mostra Rubens ou Velazquez e aquellas onde agonisam os decepados e esfrangalhados de mil combates. Entretanto o homem na trincheira, com a morte vigiando, lembra-se do Amor, recorda a Familia, quer com ternura á sua Patria. Bemditos sejam os poetas que ainda fazem com que nós acreditemos que ha um mundo interior, grande como um oceano ou pequeno como a concha de uma palma da mão dentro do Homem, do Homem que escreve, nossa imagem e semelhança e do Homem que lucta, e mata

e despedaça, homem á semelhança do Homem com H maiusculo.

E se bem que os poetas sejam talvez os ultimos de uma raça breve extincta, cumpre saudal-os. São elles com o rithmo dos seus versos e a cadencia das suas estrophes quem ergue a Deus as nossas almas de peccadores ou recolhidos inconfessos. Mas saudemos os ultimos poetas. A'manhã não haverá poetas. O tiro do canhão, ou a lucta canibalesca pela vida terá ensurdecido as multidões e estancado as regiões sagradas manantes de poesia das derradeiras almas, contemplativas.

*

* *

Entre nós, abstractos da politica, mas da politica de campanario, o livro de Augusto Gil passou quasi sem ser notado. Que eu não vi as varias purrias litterarias renascentes e não renascentes do norte, do centro ou do sul dizerem algo sobre elle. Verdade seja que como *cotteries* ellas só sabem louvar os ar-

ganaças da casa, poetas ou viscondes, burguezes pagantes ou pintalegretes videirinhos. O livro, porém, passou por entre a turba e dispensa bem o reclamo, que a critica não é de incompetentes palavrosos. Livro de lyrismos, livro de amor, livro de coração, *Sombra de fumo* é uma joia rútila, uma braza eterna e viva por entre a noite sorna da nossa litteratura de hoje. Estas linhas são ainda aquecidas ao seu calor. E que Augusto Gil, joalheiro de fama, seguidamente nos dê mais e assim tão bellas, preciosas, cinzeladas joias.

MISERIA DOURADA

Ha uma especie de miseria mais soturna e mais tragica do que a indigencia. E' a miseria dourada, a miseria dos que não podem pedir esmola, a miseria d'aquelles que a assistencia não conhece. Quem constitue essa miseria? O Funccionalismo, o Exercito, o Professorado. Em Portugal é tudo miseravel, tudo sordido. Tudo pago de uma maneira tão irrisoria que não desperta o interesse pela profissão que se exerce, tendo que se recorrer a acrobacias complicadas de cavar a vida para no fim do mez se não dar um tiro na cabeça ante o *deficit* que todos os mezes augmenta. Assim, o militar é professor, o funccionario é negociante, o profes-

sor é guarda livros nas horas vagas. E emquanto a vida se encrespa com a guerra, os generos subindo como a fugir de um diluvio subvertedor, os ordenados, parcos, ficam no que estavam, firmes como a sentinella de Pompeia, ou como se o sr. Affonso Costa, ministro das Finanças, fosse a alma de Cambronne dentro d'aquelle quadrado de cifras, cambronnescamente respondendo ao ataque das necessidades. «O ordenado não chega mas não se augmenta.» E S. Ex.ª dá mais a todos, até seiscentos escudos. Os outros, pobres diabos, que se entalem.

Se fôrmos a vêr, os que teem mais de 600 escudos é que são afinal os mais precisados. São os amanuenses, são os 2.os e 1.os officiaes, são os chefes de repartição. Para esses, que já viviam mal, a vida é agora uma farandola horrivel de numeros insaciados. Tudo se lhes aggravou. Subiu a casa, a roupa, a meza. Essa então subiu tão desconformemente que a gente, se comparar o gasto de Setembro de 1915 com o d'este Setembro, estarrece-se de pavor. Do mez pas-

sado para este as massas alimenticias que, custavam a 600 réis o kilo, augmentaram 120 ou sejam 20 0|0 de augmento n'um simples mez. Nada está barato. Do bacalhau ao petroleo, dos legumes ás fructas, tudo subiu. O pão é mau e caro, carne não ha e tudo assim por deante.

Entretanto um segundo official ganha 840 escudos ou seja 70 escudos mensaes. Mas ó irrisão! Esses setenta escudos são apenas para effeitos de contabilidade.

O funcionario ganha apenas 54$01, cincoenta e quatro escudos e um centavo pois que lhe descontaram para direitos de encarte, imposto de rendimento, caixa de aposentações e montepio official. Com cincoenta e quatro mil e dez elle pagará casa, agua, luz. Pagará á lavadeira, ao carvoeiro, ao padeiro, ao merceeiro, ao barbeiro, ao sapateiro, ao alfaiate, comprará roupa branca, metter-se-ha n'um electrico, tomará um café, comprará o seu livrinho, a sua onça de tabaco ou o charutinho ameno, irá ao theatro ou ao Gallito se é aficionado, vestirá, calçará e mandará á

escola os petizes se os tiver, comprará a forma do chapeu e as meias da consorte, o pano para lenços e os cadernos de calligraphia, as agulhas e linhas para os remendos. Pagará ao medico e á botica, levará a familia a passeio. O que elle fará com 54 mil réis!

Ora a miseria dourada é este segundo official. Tem que trazer um fato sem nodoas e as botas engraxadas, a barba feita e o collarinho engommado. Mas coitadito! se a categoria lhe exige isto, estas cordas de viola por fóra, como é azedo e triste o pão bolorento que elle tem por dentro.

E' claro que escusam de pensar que seja um funccionario activo. Se elle quando almoça é apenas café com leite e só janta uma sopa e quatro carapaus, quando por acaso se pódem conseguir, com ar de quem compra para o gato a menos de tres vintens a duzia!

Um proponente a deputado, ha tempos, queria que o limite dos ordenados fosse de duzentos escudos por mez. A ideia apertada e pusillanime que o cavalheiro tem da vida!

Já os senhores estão a vêr o rasgado das reformas, as modificações pombalinas, o grandioso dos planos, tendo como base não dar ao parceiro mais de duzentos mil réis. Caramba! E' preciso ser estupido e somitico. Lá com o meu voto nunca o camarada palra.

Pois a miseria dourada é um sujeito que se vê e se deseja para que o ordenado chegue. Pede a todos, deve a todos e lá vae, caindo aqui, levantando-se acolá sempre na esperança de que um dia possa pagar tudo e comer um pouco mais.

A miseria dourada é um sujeito ter categoria, ter que manter uma certa linha, ter que agir de uma certa maneira e tudo por cincoenta e quatro mil e dez. Porque um servente pode mandar os filhos para a rua, mettel-os na escola municipal, dar as «boas festas a V. Ex.ª e á sua excellentissima familia» pelas brôas, pedir ao chefe umas botas velhas ou as calças usadas de sua excellencia. Um segundo official não. E é que o servente se está doente vae para o hospital de graça. O 2.º official vae tambem, mas desconta no or-

denado 30 escudos. Os vinte e quatro e um centavo que sobram é para a familia lhe mandar o jantar que aquillo na enfermaria é uma bodega, e morrer de fome inteirinho. Não ha duvida. A miseria dourada é isto, é tudo isto, fóra o caso particular de cada um. De maneira que a gente lucrava bem mais se todos fossemos serventes ou continuos. E' de Calino a ideia? Pois é o que as circumstancias aconselham.

A miseria dourada! Perguntem por ahi se a conhecem! Perguntem por ahi se a estão vendo passar!...

Pois é uma coisa soturna e tragica, mas resignada e triste a miseria dourada...

UM ORIGINAL

THE TIMES, o severissimo, conspicuo e poderoso jornal inglez, dá, num dos seus ultimos numeros, conta de uma viagem que em si nada tinha de extraordinaria. O modo de viajar é que era um tudo nada excentrico, se bem que pouco tivesse de original.

Trata-se de um official allemão, prisioneiro n'um dos campos de concentração inglezes. Saudoso da sua Allemanha *kolossal*, consegue uma caixa, mette-se dentro e faz-se expedir como mercadoria, tendo feito escrever sobre a caixa que o seu conteudo eram phosphoros e que não eram inflammaveis. Mas taes tombos levou, das gares para os vagãos, dos

caes de embarque para os guindastes e dos guindastes para os porões, que a caixa rebentou e a cabeça do prussiano surdiu pelas frinchas, mais o segredo e logro da tramoia.

Era habil, no emtanto, o cavalheiro, que no caixote levava uma almofada para repousar a cabeça, correias para não trambulhar demasiado, oxygenio para se o ar faltasse, bananas, carne comprimida e duas garrafas de agua e champagne. Como se vê, viajava com as suas commodidades, se bem que um pouco exoticamente.

Não é, porém, original este modo de viajar. Entre nós, até, já o ensaiou um emigrante que se evadia para o Brasil. Não foi feliz, porém. O caixote que o guardava sumiu-se nos porões do *Frisia*, onde d'ahi por uns dias começou a exhalar um cheiro putrefacto. Abriu-se e encontrou-se o cadaver do evadido, torcido e mettendo horror. E se formos aos romances, encontrâmos em Victor Hugo uma evasão n'um caixão, e uma viagem n'um caixote de pinho, com buracos para respirar, no *Visconde de Bragelonne*, do sr.

Alexandre Dumas. Já de resto nas *Mil e uma noites*, na historia do *Ali-Baba*, havia ladrões que viajavam dentro de odres para assaltar e roubar a casa das pessoas honestas que por acaso os recolhiam. Mas para esses reservou tambem a providencia, condoída dos aneurismaticos leitores das historias, o martirio justiceiro do azeite fervente.

Deixemos porem a litteratura e vamos a factos. Talvez o leitor não saiba que o *sport* de viajar encaixotado teve um campeão!? Pois era elle o sr. Hermann Zeitung, alfaiate natural de Varsovia. Um bello dia, os empregados da gare de Leste descarregaram do expresso do Oriente uma caixa de metro e 50 de comprido, tendo na tampa a seguinte inscripção: Figura em madeira, 90 quilos. Fragil». Aberta, sahiu o cavalheiro supra mencionado, que declarou ter inventado em Vienna, onde era estabelecido, um aparelho de tirar medidas a roupa de senhora, um apparelho mais exquisito ainda do que elle, uma especie de machina de chapeleiro, que horrorizava a tal ponto as damas viennenses que,

n'um abrir e fechar d'olhos, a freguezia se lhe fôra, deixando-o arruinado. Durou a viagem sessenta horas. Passou-se isto em 16 de janeiro de 1890 e durante algum tempo todo Paris soube que havia um inventor que era alfaiate, que se chamava Zeitung e que viera de Vienna a Paris encaixotado como latas de conservas, petroleo ou um costal de bacalhau.

Pois muito bem. Em 26 de novembro de 1890, isto é, do mesmo ano, o alfaiate patusco ia de Amsterdam a Bruxellas pelo mesmo processo. Calcule-se o espanto dos empregados quando, ao abrirem um caixote que trazia quarenta e oito horas de empurrões, lhes surdiu lá de dentro um figurão a gritar «Viva a Belgica! Viva a França.»

Mas, logo dois annos depois, em 17 de fevereiro de 1892, o *Petit Journal*, noticiando que ele voltára de Bruxelas a Paris do mesmo modo, diz que tentára a viagem a Inglaterra. Descoberto, desistira de visitar a patria de Shakespeare, voltando a sua attenção para a Escandinavia. Assim, é que um telegramma

de Christiania o dava como chegado de Anvers dentro do seu indispensavel caixote, depois de uma viagem de quatro dias e quatro noites.

Um ano depois (6 de abril de 1893), elle chegava a Copenhague, expedido de Christiania. Como se vê, era incorrigivel e jámais houve noticia de uma tão persistente mania na sua tão singular maneira de correr mundo. E' possivel, se não morreu, que se tenha entretido a ver terras e a atravessar os mares por aquelle processo. Que tenha ido de Nova Zembla ao polo sul e do Alaska á India e d'ahi á Corea. Tudo é possivel. E' possivel até que, embarcado, o navio naufragasse e ele fosse já encaixotado e prompto para o fundo dos mares. Sabe-se lá!

Não é novo, pois, o processo usado pelo allemão para se safar. E' até muito velho. O que elle, como creatura pratica, tratou foi de garantir no maximo o numero das probabilidades de exito. Um trambulhão estragou tudo, inutilizando uma evasão a que a sciencia emprestava o seu concurso. Inutilizou tambem,

destino miserando, uma glorificação. Que o que não seria na Allemanha aquele tenentinho audacioso? A Cruz de Ferro, promoção, retrato nas gazetas, o diabo a quatro. E foi tudo um trambulhão apenas. Mas um trambulhão satanico, escarninho, miseravel. Em logar de *levar* o cavalheiro á gloria, levou-o novamente á cadeia!

Oh! a irrisão do malfadado destino das mercadorias em transito!...

EXCENTRICOS

Trata-se, na cronica antecedente de um official allemão que procurou evadir-se de Inglaterra dentro de um caixote, citando-se a proposito um alfaiate excentrico que nas viagens que fazia não usava outro meio de conducção. Hoje diremos ao leitor de alguns excentricos, genero mais vulgar do que o que se imagina e tanto que até já deu um volume a Luiz Augusto Palmeirim, *Os excentricos do meu tempo*, outro ao Dr. Moreau de Tours, *Les excentriques*, e outro ainda que em 1835 B. Renaut, de Paris, imprimiu e vendia, *Les Fous célèbres*, Estes livros compendiam a aristocracia, os notaveis da excentricidade. Ou como diria o

doido referindo-se a Rilhafolles: «Aqui vive só o Estado Maior: O grosso do exercito anda lá fóra em liberdade.» Que, muitos outros livros estão cheios de provas da maluqueira de varios, e outros guardam ainda testemunho formal de que eram formalmente excentricas creaturas tidas e havidas, nadas e mortas, por cerebros pautados e certos, batendo a horas sem desvio nem atrazo.

E quer o leitor ver como a excentricidade é velha? Abra a *Dissertação sobre o theatro romano* do nosso Luiz Antonio de Figueiredo a pag. LII. Ahi lerá o seguinte periodo:

«Ha tambem de saber que, mandando a lei das 12 taboas (Taboa VII, paragr. 1 da lei IV) que fosse condenado a pagar 25 asses o que fizesse a outro qualquer leve injuria, um certo Lucio Veracio, ou Neracio, como refere Aulo Gellio (LXX Cap. I) homem de uma improbidade maligna, que fazia grande gosto em dar bofetões nas pessoas de condição livre: para saciar esta sua paixão, tomava por desenfado passear pelas ruas de Roma seguido

de um escravo, que lhe levava a bolsa cheia de asses, e que logo contava a qualquer viandante a quem elle Veracio fazia aquella afronta, a soma de 25 asses, conforme ordenava a referida Lei.»

Este gostava de dar bofetões. Hippias gloriava-se de que todas as suas vestes e adornos do *pallium* ao sinete eram obra de suas habilidades, Cyro declara num manifesto que é mais digno do throno da Persia do que seu irmão porque é «melhor mago e bebe mais vinho do que elle.»

D. Pedro, o D. Pedro, *o cru*, da nossa historia, acordava alta noite os paços e ia com elles, á luz dos archotes, tanger e bailar por essas ruas da Lisboa mysteriosa.

Mas, embora Moureau de Tours considere o excentrico um candidato perpetuo á loucura nem por isso deixam de existir excentricos em barda. O que eram o Dr. Patrocinio, da Polytecnica e o Dr. Calixto, da Universidade, senão excentricos? E o Rosalino Candido? E a Dr. João Vieira Pinto, do Porto? E aquelle litterato de quem fala o Innocencio que só con-

servava dos livros as folhas que lhe agradavam deitando fóra o resto do volume? Mas não fallemos mais de vivos ou chegados para não termos que citar alguns que o são, zangando-se se lh'o chamam. E ha tantos!

Um excentrico é aquelle Phileas Fogg, que Julio Verne obriga a dar a volta ao mundo; um excentrico era aquelle banqueiro que fez a viagem de Londres a Paris em 6 dias, num *dogcart* tirado por um pequeno cavallo, que o trouxe a elle, a mulher e as provisões com que no trajecto se alimentaram. Os excentricos, porém, são incançaveis. Ha em New York um club a que só podem pertencer pessoas que pezem mais de 100 kilos, e houve outro em Londres em que os socios eram obrigados a suicidar-se pela ordem de inscripção, talvez para banir a velha categoria associativa de socios fundadores. Não ha muitos annos ainda, veiu das ilhas, n'um barco de papel um açoreano. Proeza da mesma classe fez o americano Andrews vindo de Atlantic-City (America) a Huelva (Hespanha) para assistir ao centenario de Christovam Colombo. Passou tor-

mentos, como se diz na «triste vida do marujo» e tendo viajado sem cartas nem chronómetro, a primeira coisa que fez, ao saltar em terra, foi começar a distribuir prospectos de uma fabrica de sabonetes de que era representante!

Este ainda emfim se tolerava, que o marquez de Brunoy, que falleceu em 1781, por morte de seu pae, mandou que as fontes do parque deitassem tinta preta e que as arvores fossem coifadas de crepe. Isto, dizia elle, para que o lucto fosse geral! O historiador Mezerai, da academia franceza, fosse de dia embora, não deixava de acompanhar á porta as visitas sem ir de luz accesa. O marquez de Bagueville foi o primeiro que se lembrou de voar com azas de sua invenção. Trambulhando, deu-lhe a madureza para affirmar que se podia viver sem comer. Ensaiou o methodo nos cavallos. Excusado será dizer que os cavallos morreram... de fome. Como o insuccesso fosse contumaz, deu-lhe para mandar fazer um fato de fazenda ordinarissima em que os botões eram verdadeiros e custo-

sos diamantes. Nunca foi roubado, porque os gatunos o tomaram sempre por um pobre palerma que se divertia com botões de pedras falsas. E Berthe, o poeta que, estando um amigo intimo a morrer, não o largou sem lhe impingir a leitura de uma comedia em 5 actos?

Archer, um rico inglez morto em principios do seculo XIX, vivia n'uma casa modesta tendo fortuna e muitos castellos. Um d'elles guardou-o para moradia de animaes e durante muitos annos ninguem lá entrou. O porteiro nem mesmo deixava alguem approximar-se. Quando elle morreu, as salas estavam cobertas de estrume e havia animaes de todas as raças, do gato bravo á aranha exotica. Foi preciso o fogo para purificar a estranha moradia.

Duelos, estando um dia a banhar-se, vê uma carruagem cujo cavallo tomára o freio nos dentes. Sae da agua, pára o cavallo, abre a porta da carruagem dando mão á dama que dentro d'ella vinha. Como, surprehendida, fosse a recusar, logo elle, nu como Adão no paraiso lhe torna: «Excusez-moi, Madame, si je n'ai pas de gants!»

Ha de tudo. Ha até como o duque de Brissac que sempre, antes de fazer a barba, dizia emphatico e solemne a si mesmo: «Timoleão de Cossé, duque de Brissac: Deus te fez gentilhomem, o Rei te fez duque; faze tu a barba, para fazeres alguma coisa!»

Casamentos em balão ou em automovel isso abunda. Raros, são os maduros como aquelle allemão que morreu com 73 annos e que desde os 18 fazia uma estatistica de tudo. Por exemplo: «Fumei dos 18 aos 73 anos 628.713 charutos, 43.692 dados. O resto custou-me 52.166 francos.» Depois quantas camisas, quantos collarinhos, quantos copos de cerveja e quantos calices de cognac.

Em 1888 em Châlons-sur-Marne morreu um guarda campestre que testára o seguinte: A cada um dos assistentes ao seu enterro um litro de vinho, sendo homem e meio ás mulheres. Ao cantor tres, com a condição de cantar a *Marselheza* entoada por todos. Este original testamento tinha o seguinte codicilo: «As lagrimas não são obrigatorias, nem mesmo as de crocodilo» e a assignatura era pre-

cedida de (X...) guarda campestre, original mas bom rapaz.

Em 1884 morreu em Varsovia um original que deixou o testamento para ser aberto um anno depois. Aberto o enveloppe encontrou-se outro que marcava a sua abertura para outro anno. Cumprido, encontrou-se outro envelope. Tres vezes se repetiu isto até que em 1890 se abriu o ultimo envelope. A fortuna de 250.000 frs. estava depositada n'um banco e repartir-se-hia em 1910 pelos herdeiros sobreviventes. Vinte e seis anos depois ainda o morto, pelo riso polido da caveira, se ria dos vivos e das suas ambições.

E restam ainda centenas de excentricos, milhares de excentricidades. Que nem pela mente nos passou inventaria-las. Tu, leitor, contenta-te com a que tens, que alguma deves ter. Se pensas em mudar, desde já te diremos que será difficil alcançar uma excentricidade nova. Não penses em supplantar ninguem e olha que qualquer d'estes de quem sou um pálido chronista era — sabe-se lá! — muito menos maluco do que tu!

VELHAS HISTORIAS

Dos quatro generos de creaturas de que o meu padre Vieira quer que se povoe o mundo: «creaturas racionaes como os homens; creaturas sensitivas, como os animaes; creaturas vegetativas, como as plantas; creaturas insensiveis, como as pedras», a primeira especie poderia dividir-se em creaturas que vivem do passado, creaturas que vivem do presente e creaturas que vivem do futuro. As que vivem do presente constituem a maioria. Essas são as que não teem senão o hoje. Nem saudades do passado, nem esperanças no futuro. Trabalhar, trabalhar sempre e

Depois de acordar, comer,
Depois de comer, dormir!

Muitas ha que vivem do futuro. São os sonhadores. Toda a classe dos crentes religiosos, dos crentes politicos, dos crentes sociaes. Ha o espiritualista que faz cordão da vida eterna, como ha o anarchista que faz do ámanhã taça de esperança que o tempo não consegue esvasiar. N'estes tambem se comprehende aquelles que, sargentos, pensam que o alferes pagará as dividas do sargento; o tenente as dividas d'este, o capitão as d'aquelle e por hi fóra até morrer insoluvel, mas esperançado em que Deus pagará se quizer as dividas do coronel ou do general.

As que vivem pelo passado são em menor numero. São os contemplativos, os velhos e os desilludidos, os que se deliciam em viver velhas historias do passado que se guardam em velhos, poeirentos livros, que ninguem já hoje lê. Disse Herculano que «assustam os livros pesados e volumosos do

tempo passado as almas debeis da geração presente». Talvez seja por isso.

Ora o certo é que ninguem suspeita que de coisas interessantes os velhos livros guardam, de que curiosas figuras o passado é archivo. Só o podem comprehender aquelles que, ao lêr a *Salambô* de Flaubert, sentiram a terra tremer sob o cothurno dos guerreiros e assistem quando querem á destruição dos jardins de Hannibal. E os que, ao lêr um periodo de Soror Marianna ou defronte do epitaphio da Felicia de Milão

> «Pedras que um thesouro guardas
> Na singular Feliciana.
> Dize ao mundo que se engana
> Que quem tudo foi é nada!»

sentem uma vontade intensa de partir para qualquer região distante onde as encontrar.

*

* *

Deve em boa verdade confessar-se que ha nos velhos livros não só muita curiosa historia, como conforto e auxilio para as cotovelladas do dia de hoje. Temos todas as figuras de mulher, desde essa Cleopatra, gozadora e futil, que bebia perolas, até ás emparedadas, como a do claustro da Sé de Lamego que «deixou ao cabido hum calix de prata sobredourado e uma pequena bacia, tambem de prata, com obrigação de um responso diariamente cantado no fim das Vesperas»—os dois extremos. Ou desde as como a senhora infanta D. Sancha, donataria de Alemquer, «que foi tão amante da castidade, segundo dizem, que varias vezes foi ouvida dizer, «Não casaria, ainda mesmo que soubesse que por isso iria logo ao Paraizo», até aquella D. Aldonça, abbadessa de Arouca, que dormiu com Martim Affonso, filho de Martim Affonso Chichorro e de Ignez Lourenço.

E este Martim Affonso, (diz o Livro de Linhagens do conde D. Pedro), etc... fez em esta D. Aldonça, abbadessa de Arouca, um filho que houve nome Vasco Martins e outros filhos.»

Dos homens, os defeitos avolumam.

Não ha heroe que não tenha o seu calcanhar fréchado, nem santo que não tenha tido o seu percalçosito mais ou menos flagellavel. Ha, dos ladrões como Dionysio, que roubou o manto de oiro massiço a Jupiter, dizendo que era «muito pesado para o verão e muito frio para o inverno», até ao pacifico Socrates, a quem Xanthippa, sua esposa, fazia passar as passas do Algarve. Mas elle era estoico e tinha uma paciencia de boi. Um dia, a megera, após uma discussão, despejou-lhe em cima um vaso de agua pouco decente. «Quando troveja quasi sempre chove», foi a observação do philosopho.

Ha d'estas historias pelos velhos alfarrabios.

Foi por elles que a gente teve noticia d'aquella tareia monumental que o rei de Ara-

gão applicou em sua mulher. E tão grande que veiu desde os primeiros tempos da monarchia até nós. Pobre D. Urraca, que trepa! «Injurias, murros, bofetadas, pontapés», tal ella se queixou perante os nobres da Galliza.

Damião de Goes está cheio de historias escandalosas, como a d'aquella D. Guiomar de Castro, amiga regia com quem a rainha veiu ás mãos, e outras que a decencia não deixa contar. E uma coisa curiosa é que nas inconfidencias da historia é que a historia é mais verdadeira. Ha phrases de chronista ou relator que abrem rasgões á psychologia habitual e permitem ver o homem que quasi sempre o tempo já diluiu e apagou.

A historia não se fez para altar. O historiador é o autopsiante do passado; que ninguem cuide encontrar n'ella as bellezas sonhadas, a miragem anceada. Não. Mesmo a saudade pelos tempos idos é porque já foram, já passaram, não voltarão mais. O passado tem essa consoladora vantagem sobre o presente. Quanto á Historia, ouça-se mestre Camillo: «queira o meu leitor curvar-se um pou-

quinho, e contemplar a raiz d'esta arvore evangelica, que braceja tão ridentes frondes e tantos fructos de bençam!

«Veja que herpes, que podridão, que bicharia lá vai!» E tal qual. Se o leitor só conhece a historia que a toque de palmatoada bravia lhe ensinaram na escola fique-se por ahi.

As velhas historias que a historia guarda são curiosas, mas teem um sabor a pouca vergonha tão pronunciado que fatalmente lhe haviam de fazer perder o respeito e o acatamento que o leitor deve ter pelos reis barbaçudos e não barbaçudos que enchem a historia e que ás vezes são a nossa angustia, nos baralhos de cartas.

Quando D. João d'Austria entrou em Portugal, trouxe na sua companhia, como de resto faziam quasi todos os generaes, uma dama flamenga. Perseguido e forçado a dar batalha junto de Extremoz, deixou a dama confiada a uma guarda de creados armados. Perdida a batalha e fugitivo o general, retirou o coche da dama com a creadagem para a villa da Fronteira. Saiu-lhe ao caminho uma

turba commandada por um clerigo, «que deixaram a senhora, criadas e criados em pannos menores; e (diz a *Anti catastrophe*) ainda o virtuoso Clerigo se adiantou mais em seu desaforo, que não houve insulto que não executasse; que, como era caudel de todos, lhe pareceo devia tambem levar a primazia em os desaforos, e no horrivel dos delictos; porquanto, ainda que o sagrado das Ordens o devia conter dentro dos limites que a modestia ensina, tinha por natureza o ser filho de um alfaiate, o que em parte o provocou a tanto arrojo, como foi entrar no coche e passar á desenfreada violencia, que o pejo não pode referir. Terrivel lance para a Dama...»

Não é caso para se dizer como nos versos de Cesario Verde

«em todo o caso dava uma aguarela»

mas dava a um grande artista uma pagina perfida e sensual. O pejo da dama, compungidamente referido pelo chronista, a estupidificada impotencia das creadas, a pilhagem, e

o matulão do clerigo a commandar a scena, o filho de alfaiate!...

Se se fossem a repetir todas as historias que os velhos livros contam, fazia-se um livro bem interessante. Ah as inconfidencias da Historia! E o que d'ellas ha pelos genealogicos e pelos manuscriptos da Bibliotheca e do Tombo! Foi por um manuscripto que se soube de que morreu D. Miguel, por alcunha o *Toucinho* irmão do Marquez de Fontes. Pode, quem tiver curiosidade, abrir a pag. 286 do seu volume das *Monstruosidades do tempo e da fortuna*.

E vale a pena recordar uma historia contada por Camillo e extrahida de uma sentença do Santo Officio. Conta elle que Francisco Gomes mercador de sedas, de alcunha o *Forra Gaitas*, garrotado e queimado em 1654, vociferava estas blasphemias: — «que *Christo não era filho de Deus* — e perguntava insolentemente: *Esse Deus que coisas fez? que sol? que lua? que estrellas? não achou já tudo feito?* E achava que havia muitos deuses na nossa sancta religião—*Deus na Sé, Deus*

em S. Domingos, Deus em S. Roque, Deus em S. Julião. Tantos Deuses! O farçante? Chamava á missa *misca* e á confissão *confiscação*. E que o Evangelho *era um livro de lettras pretas e vermelhas sem casta de auctoridade alguma* e outras patifarias que pareciam de Calvino e Luthero.

E digam se não vale perder tempo folheando alfarrabios e se não tèem ás vezes um sabor moderno as velhas historias que se encontram em alfarrabios poeirentos...

"IN MEMORIAM"

Os srs. dr. Antonio Barradas e Alberto Saavedra, na sua fulgurante admiração pelo vulto imperecivel do auctor do *Paiz das Uvas*, planearam e levaram a cabo um volume de homenagem que, sendo o melhor trabalho até hoje feito sobre Fialho, é tambem uma obra opportuna, pois que, mortos os signatarios dos estudos varios que enchem o volume, representava isso a perda de depoimentos contemporaneos, de notas, de pormenores que jámais se conseguiriam. E é n'essas notas pessoaes, n'esses pequenos casos contados que se alicerça o estudo seguro de uma individualidade, mais mesmo do que nas paginas da obra que escreveu.

E' este *In Memoriam*, volume elegantissimo desde a capa original de Antonio Lima á escolha das gravuras que o acompanham. Quanto aos artigos que o formam ha desde o estudo a sério e a valer, como *A Linguagem de Fialho*, do dr. Claudio Basto, ou *O que leu Fialho d'Almeida?* do dr. Mendes dos Remedios, aos artigos de intimidade, como o de Thomaz Borba, Xavier Vieira, Brito Camacho, Alvaro Cabral e Eugenio de Castro; dos artigos só de palavras aos artigos de paciente analise e benedictina investigação como *Fialho medico* de Barradas, e *Fialho e a musica* de Saavedra. Ha de tudo e na sua maioria bom, honra seja feita a todos, galhardamente saídos da responsabilidade de dizer da creatura mais complexa e mais impalpavel das lettras portuguezas.

*

* *

Acabo de o ler de um folego a este volume sobre Fialho que decerto lhe agradaria,

se os mortos pudessem debruçar-se a lêr as consagrações posthumas. Logo o capitulo inedito sobre Cesario agrada e tanto mais quanto é certo ser Cesario um dos mais extraordinarios poetas que tem desabrochado ao sol de Portugal, e não tem ainda a consagração do grande publico. Depois concordo inteiramente com Antonio Arroyo sobre Garrett. Eu não gosto de Garrett, como não gosto do Eça, que o sr. Antonio Sardinha sobrepõe a Fialho. Sem intuitos de discussão, eu direi que não concordo com o que diz o sr. Antonio Sardinha: «A perfeição litteraria em Portugal só acclama um mestre unico: Eça de Queiroz». Se a perfeição litteraria é ser egual, equillibrado no sentido burguez da escripta, sem scintilas geniaes a fulgurar a espaços, Eça é enorme. Escrevia á franceza, tem um vocabulario reduzido, as suas figuras são manequins e não consta que elle nas suas paginas puzesse vivo e fumegante uma vida ou um coração. Descrevia bem, é um aguarelista de poder, está certo. Agora dize-lo typo exemplar da prosa portugueza e seu padrão, isso

lá me parece forte de mais. Fialho, se não deixou um romance, não foi por nenhuma das rasões que o sr. Antonio Sardinha aponta. Fialho não deixou um romance pelo mesmo motivo que não escreveu a sua thése. Pelo medo da responsabilidade e pela exigencia absoluta de perfeição. Fialho, se escrevesse um romance, rasgaria essa obra prima depois de escripta. Eça retocal-a-hia pacientemente como fez ao seu *Crime*. A acção do Eça é maior na litteratura portugueza, não pelos seus romances ou pela sua prosa, mas pela epoca em que veiu e pela modalidade nova que trouxe para nós. De Fialho conhecem-se influencias remotas. De Eça conhecem-se influencias tão vincadas que quasi são plagios. E que Fialho fosse uma poderosissima mentalidade tão certo isso é, que nunca fez litteratura á Eça, ou á Zola. Foi sempre elle Fialho d'Almeida, depois de Camillo, pelos seculos dos seculos, o maior de todos.

*

* *

Foi uma bella obra a dos coordenadores d'este *In Memoriam* e ella resgata em parte, e em parte paga, a divida aberta da nação pensante para com um dos nomes mais cheios de fulgor e dos que mais a honram. Já lá vae perdida no torvelinho das paixões humanas a poesia ironica de toda a sua obra. Essa passou, e, depois de ter brilhado, morreu. Mas a obra cheia de ternura, a obra commovida e admiravel, a obra sangrante de emoção essa é eterna. Lê-se o *Sergio na Mouraria* e nunca a palavra plasticizou melhor, nos seus mais fugaces e subtis arabescos, todo o mundo interior do sonho e da aphrodisia. E' ler os *Ceifeiros* e ver como a luz vibra n'aquella tela enorme; é ver o *Enterro de D. Luiz*, o escuro da noite, o oiro das tochas, claro escuro, tinta rembrandtesca que empolga e avassalla. E' ver no *Paiz das Uvas* todos os quadrinhos deliciosos de emotividade, onde a penna esparrama tons nunca vistos e fulgi-

das riquezas nunca ostentadas. *A Ruiva?* Que delicioso romance. *A Madona do Campo Santo?* que formosissimo poema.

Não. Nada de toda esta riqueza inegualavel perece. Que nunca a lingua portugueza espadanou riquezas de colorido, e se maleabilisou em vocabulos e em imagens tão precisos. E, quando volverem seculos, Fialho ficará como um dos grandes entre os grandes, cotado como os Lucenas, os Barros, os Vieiras, de esplendor maximo.

Boa, proveitosa, meritoria, a obra de Barradas e Saavedra, que é obra de quem sabe fazer justiça e de quem tem pela Belleza um supremo culto. De lá, da esphera azul onde móra, a alma de Fialho disfarçou a lagrima de commoção que lhe começou correndo e fez sobre o *In Memoriam* um dos seus mais satisfeitos e orgulhosos gracejos. Mas está commovida, juro-o, a alma do Mestre.

CANTOS, MUSICAS E DANÇAS

Uma das mais curiosas theses apresentadas ao Congresso Algarvio é sem duvida a que José Parreira intitulou *Cantos, Musicas e Danças*. N'ella, o auctor faz a *maquette* do estudo a fazer sobre o assumpto, e nenhuma como a região algarvia tem ineditismo, luz, pitoresco e côr nas suas musicas, nos seus descantes, nos seus improvisos e nos seus versos e cantigas. O algarvio é alegre. Perto da serra e perto do mar elle tem tudo o que povôa uma mente fertil de lendas, de sonhos, de paixões. Tem as mouras encantadas, tem o mar longinquo, tem a proximidade de outros paizes de diversas gentes. «Descamisando o milho, encaixando

o figo, colhendo as uvas ou apanhando a alfarroba, a rapariga do campo canta, não para espantar seus males, mas porque reflecte nas cambiantes do seu sentimento o que n'elle incute o mundo exterior».

O algarvio canta. Canta porque é alegre, canta o que lhe sobra de alegria como os de outras regiões cantam o que lhes sobra de tristeza. Mas canta, canta sempre este paiz de diminutivos, de nomes galantes e de toiradas maritimas a que elles chamam a pesca do atum. O Algarve é positivamente uma região encantada que só carece afinal de propaganda. E' a região da luz tonalizada e multicor, das fructas saborosas, dos variegados aspectos. E lá teremos desde «as rendas bilradas dos lagos, o mobiliario local de Monchique» até a essas composições extravagantes que as mãos das algarvias fazem do figo e da saborosa amendoa.

*

* *

Recolher as tradições populares, musicas, cantos e danças, é uma grande obra que em Portugal está apenas esboçada. Que embora haja aqui e alli elementos dispersos, (a Garrett se deve o *Romanceiro* e a Leite de Vasconcellos essa monumental *Revista Luzitana*,) certo é que ainda muito está por fazer e muito se fará ainda, se a boa vontade dos que viverem fôr, pelo menos—egual á dos que trabalham e trabalharam n'esse inglorio mister de recolher a herança anonyma das gerações. E se Thomaz Pires estuda e recolhe tudo o que trata do Alemtejo, Pedro Fernandes Thomaz, seguindo as pizadas de Adelino das Neves e Mello, recolhe e estuda tudo o que trata da Beira. O Algarve não se póde dizer esquecido. Teve um estudioso: Fr. Vicente Salgado, que foi uma especie de Manuel do Cenaculo, sem talento, do Algarve. Depois

Estacio da Veiga e Francisco Xavier de Ataide Oliveira enalteceram, engalanaram, estudaram o paiz do sol e da alfarroba, do atum e das mouras encantadas. Que Leite de Vasconcellos é quem mais devotadamente trata d'estas cousas. Ha pedra esquecida, de lettras que o tempo quasi de todo cegou; ha castro arruinado, dolmen ou anta, mobilia ou cantiga, folheto raro ou ceramica velha? Basta um postal e lá teremos o dr. Leite de Vasconcellos, estudioso e modesto, pondo a luneta, tirando a luneta, agachado ou de chapeu aberto á torreira do sol, copiando, escrevendo, investigando e dando vida e saude ao *Archeologo Portuguez* e á *Revista Luzitana* já citada. Theophilo Braga e Adolpho Coelho não desprezaram, antes tiveram em alto apreço as tradições populares e razões ethnographicas e ethnologicas da raça. Ricardo Severo e Rocha Peixoto deixam a *Portugalia*, o monumental *Portvgaliæ Monvmenta Historica* do nosso tempo. E até para nada faltar João do Rio estuda os *Fados e canções de Portugal* e Tinop e Alberto Pimentel o fado, ou seja a

canção typica da malta fruste de Lisboa. Está, como se vê, alguma coisa feita. E' tudo? Não. Quanta tradição dispersa, quanto annexim perdido. Quem nos revelaria algo sobre os annexins dos tempos idos, se Jorge Ferreira de Vasconcellos não tivesse escripto a sua ***Eufrosina***, Soropita não tivesse cahído ás mãos de Camillo que o publicou e D. Francisco Manuel de Mello não tivesse dado á estampa a sua ***Feira de Annexins***.

Mas quer isto dizer que não haja trabalho a fazer? Não. Ha e muito. Cumpre ordenar, methodisar, classificar. Creaturas estudiosas tomariam esse encargo de folk-lore sobre os hombros. Vamos, que nem tudo está feito, mas rejubilemos que nem tudo está por fazer. Vale a pena trabalhar? Vale. Se querem saber que doida mineração de belleza ha nos usos, vida, costumes, amores e voz do povo, mais não é preciso do que abrir aquelle livrinho ***Mil Trovas***, que Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira ha annos deram á estampa...

*

* *

José Parreira fez bem, pois, lembrando ao Congresso Algarvio que se o Algarve precisa de estradas, de portos de mar, de caminhos de ferro, o Algarve tem tambem uma alma que cumpre não esquecer. E n'estes tempos de progresso é tudo util. A alma e o caminho de ferro. Sulquem o Algarve de vias de communicação que são precisas, mas digam á bocca das raparigas que não emmudeçam, ao mar que se não dome e á alma dos ceifeiros e ceifeiras que não esmoreça de dizer alto em lindos versos, o prazer ineffavel de ter nascido algarvia...

OS NOVOS

E como fosse um bocejoso domingo de tédio, um spleenetico domingo de aguaceiros, ventania e lama, emquanto accendia um cigarro, perguntei a Tiberio que demonio pensava elle dos *novos*. Queria ouvir a sua opinião, muito pontos nos is, muito original e sempre franca.

. . . . . .

— Não ha *novos*, ha conselheiros encanecidos. Não ha talento, não ha vida, nem revoltas, nem enthusiasmos. V. não acredita? Abra qualquer revista. Que vê? O ramerrão de ante-hontem, o ramerrão de hontem, o ramerrão de todos os dias. E mesmo assim propenso a ser cada vez mais ordinario. Ora

V. lembra-se certamente que o Camillo porradeava gregos e troianos, o Silva Pinto rabujava e descompunha, o Eça inventava, com Ramalho, crimes inauditos e fazia dizer enormidades ao seu Fradique Mendes. Gomes Leal, todos os dias, em estrophes inesqueciveis, brunidas como o oiro, invectivava, revolucionava, solavancava a caranguejola conselheiresca da rotina. Eugenio de Castro ia a França buscar o estylo archimaluco dos nephelibatas, para acordar o burgo e espavoril-o em cadencias espantosas e bizarras. Que, antes d'elles, já o Anthero tinha feito aquella tremenda zaragata do *Bom senso* contra o absolutismo litterario do Castilho e rastilhado em conferencias a ideia nova, e depois d'elles a *Revista nova*, de sangue na guelra, pimponaça e arrochante, mostrava que ainda se diziam das tezas e que o sangue não era a mesma mistela que o capilé.

E hoje? Hoje, meu caro amigo, os que chegam pensam pouco na Arte e não trazem nem talento, nem novidade, nem enthusiasmo. Se um dos consagrados diz uma enor-

midade rosnam nos cafés, mas genuflectem. Porquê? Porque a geração é de arranjistas e de cobardes. Porque não tem vitalidade, nem talento. Porque são gá-gás de todo. E porque, sobretudo, não sentem, não querem, não podem.

E' que para refilar peito a peito, cabeça levantada, cara descoberta, é preciso ter dentro qualquer coisa. V. não vê? Onde estão os novos? No Porto? Em Coimbra? Em Lisboa? Quem são? Que fizeram? Que fazem? Que revoltas, que insubmissões, que cousas novas nos trazem? Em Coímbra? Mas a geração de Coimbra o que é? *A Galera?* Ah! meu amigo! Aquillo não era uma galera, era uma carroça. Em Lisboa? Não é com certeza a mocidade viciosamente solitaria do *Orfeu*, a repetir cousas que já ha uns bons vinte annos o Alberto Pinheiro e Anthero de Figueiredo escreviam. Onde estão pois os novos?

Pois V. acredita que, se houvesse mocidade, essa radiosa e brilhante mocidade, Gomes Leal estaria para alli esquecido, elle que é um dos maiores poetas que o sol cobre e um dos

grandes artistas da nossa terra portugueza? Pois V. acredita que, se houvesse *novos*, novos com gana, alma e irreverencia, a maioria dos typos que para ahi se sinecuram e throneiam, em plena republica das lettras e das artes, não estaria já esfrangalhada, apontada á mofa e ao riso de todos?

Nas artes? Pois V. não vê nas artes as indignas mamarrachadas que os artistas industrialisam? V. quer nomes? Não. Não lh'os digo. São todos.

Gomes Leal, a certa altura da vida, dizia o seu odio á geração do seu tempo.

«E' o odio contra ti, fraca geração nova
que amas sómente a rir, e não tens convicções,
....

Que diria elle hoje, se lhe contassem o que um amigo me contou: um garoto de quatorze annos, que escreveu a um amigo da mesma edade ou pouco mais, dizendo-lhe que a melhor carreira, agora, era a de militar — porque tinha a reforma mais cedo. Aos qua-

torze annos, o cavalheiro já pensa na reforma! Ora este novo, são todos os novos. V. lembra-se do caso da *Galera?* V. pregou-lhe, ahi nas gazetas, uma sova! Pois não houve ninguem d'aquella matula que ao menos fosse á sua obra, aos seus livros, e o desancasse. Não houve um que se defendesse ao menos. Como quer V. que eu acredite nos *novos?* V., quando morreu o Ramalho, disse para ahi coisas tremendas. Pois olhe V. que não houve, de todos os safados que o esfaquearam em nome do sagrado anonymato, um que viesse generosamente deffender o vulto do escriptor tombado. E' que, meu caro amigo, isso não se faz como se faz uma graçola, isso não se diz como se diz uma piada, isso não se escreve como se escreve uma lamuriosa carta a pedir um prefacio ou uma carta recommendativa. Não se faz, não se diz, não se escreve, porque, para o fazer, é preciso ter muita alma, alma até Almeida, e ter ao mesmo tempo uma grande confiança em si proprio. E porque isso traz complicações para o futuro, cimenta odios, traz inimi-

sades. Ter tudo isso é arranjar trabalhos. Ora é preferivel zumbaiando, engraixando, louvando, fazendo salama, levando cartas, a chegar por direito de conquista. vencendo obstaculos, luctando, zurzindo, falando claro e olhando direito. E' mais facil e não falha. A Arte? Que se governe. Enthusiasmos, revoltas, indignações para quê? E o logarsinho n'uma Escola Industrial, ou o *fauteuil* em qualquer Academia?...

.....

Apagou-se-me o cigarro a ouvir Tiberio que, como sempre, tem razão. Mas com franqueza, franquezinha, eu concordo com os novos. Tiberio tem razão, mas Tiberio é uma supina cavalgadura. Ora que precisão tem a gente de arranjar trabalhos por suas mãos, como se já não fossem demais os que se nos levantam debaixo dos pés, para conseguir o que, com falinhas mansas e algum ourelo, se pode conseguir sem questões?!

Depois ainda, as questões são para os desordeiros. E não anda toda a gente a pedir ordem? Azedam o sangue. E não é isso um

mal para o individuo? Sendo um mal para o individuo, não é um perigo para a sociedade? E, sendo assim, não correria perigo a propria Republica? Entram-me suspeitas de que Tiberio é tolo. Por aquelle pensar, coitado, nunca será nada na sua vida...

UMA CARTA

Razão tinha eu quando em tempo escrevi o elogio da carta anonyma. A carta anonyma é sempre amiga e sempre util, quer nos descomponha quer nos lisongeie. Tenho-as aos massos que nunca na minha vida inutilisei uma carta, diga ella o que disser e seja ella de quem fôr. Mas tenho uma ternura especial pela carta anonyma, a carta que vem não se sabe d'onde, escripta não se sabe por quem, homem, ou mulher, deusa ou demonio, que ora diz coisas terriveis ora diz ternuras infinitas. E como as tenho curiosas, penso até em d'ellas fazer um livro e então o leitor verá o que são almas, que a carta anonyma é sempre sincera, sempre interessante.

Tenho descomposturas furiosas e tenho amavios sem nome—a que me diz «o senhor é o ultimo dos homens» e a que murmura «se soubesse como a sua prosa me fez bem»! E a carta não é já para mim um pedaço de papel branco, é uma alma que ruge, soffre, invectiva, inveja, soffre ou ama.

«D'uma occasião, sósinho no meu quarto, eu considerava uma rosa branca que emmurchecia n'um copo, tão triste! Disse-lhe assim: tu soffres! Ella curvou-se mais sobre a haste, acquiescendo, e vi-lhe duas lagrimas nas petalas. Nunca pude saber quem fosse esta mulher.»

E este trecho de Fialho d'Almeida á toda a minha alma. Carta anonyma tão odiada, tão injustamente vituperada, como eu te bemdigo...

* * *

Senhor Albino Forjaz

«E' uma mulher que lhe escreve, para lhe falar um pouco da sua ultima «Chronica».

Não cuide que é uma mulher despeitada com as suas opiniões, uma mulher furiosa, humilhada, revoltada, emfim com todo o seu fel contra o sexo fragil, o pobre sexo que lhe merece tanto desprezo e tanto aborrecimento, quem sabe se... por lhe merecer interesse demais.

Leio sempre as suas chronicas, estudo-as para o estudar a si, para estudar a sua alma, o seu coração. São um enygma para mim. V. é uma esphinge, e nada me interessa mais do que o desconhecido, o difficil. Sou um pouco psychologa, interessa-me sobremaneira esse estudo, e quanto mais esphinge encontro, maior desejo de victoria, e V. é uma das minhas esphinges. Não calcula o que me tem feito pensar. Será simplesmente snobismo, o que o faz falar assim?

Talvez. Seria uma desillusão? Inclino-me mais para isso, e julgo não me enganar.

V. amou, ama alguem ainda, é repellido, o seu amor não foi acceite, e ahi vem V. com todo o seu cortejo de calumnias contra todas as mulheres, querendo tornal-as, res-

ponsaveis outra vez, pelo peccado de uma só.

Mas como deve ser grande esse amor, como deve ser tanto para si, essa mulher, como é tanto na sua vida! Não pode vêr mais nenhuma sem a vêr a ella, sem vêr em todas a alma d'essa que tanto o occupa!

Se os homens não são todos eguaes, como quer que as mulheres o sejam? Vê-as eguaes? Não encontra differenças, nenhuma lhe merece senão desprezo? E' porque alguma é odiada ferozmente, por ser apaixonadamente querida, e em todas é ella que vê, todas lh'a recordam, e d'ahi provem a sua má disposição. Não será assim? Talvez me engane. E' tão difficil conhecer uma pessoa só pelo que escreve!

Gostaria de o conhecer, porque, falando comsigo, tenho a certeza de que o decifraria, perdoe-me a vaidade. Mas não o conheço, nem de vista, creio eu, por isso nem pela expressão dos seus olhos posso entrar um pouco na sua alma.

Não julgue que estou apaixonada por si, felizmente não estou. Olhe que não sou ro-

mantica, vê bem que não sou. Se o fosse detestava-o: o senhor é um cynico. Interessa-me como me interessa tudo o que é complicado.

Conheço o amor, o amor verdadeiro, como só sabem sentir as almas fortes, e o meu escolhido não fala mal das mulheres porque... eu não lhe dou razão para isso».

Uma mulher.

* * *

E' uma linda chronica esta carta. Não tenho o direito de a monopolisar. Tem só o delicioso deffeito de ser toda alicerçada sobre um devaneio psychologico. Nunca tive desillusões porque nunca tive tempo de sobra para que o bacillus do amor me infeccionasse. Depois escrevia D. Francisco Manuel que «tempo, amor e dinheiro não se podem gastar, salvo com quem muito o mereça.» Ora diga-me a minha talentosa chronista de hoje se em boa

verdade conhece alguma creatura do seu sexo capaz de amar e ser amada. Não ha? (Ou não fossem as mulheres umas para as outras pequeninas viboras.) Ora vê como o meu pessimismo é justo. Ama e é feliz. Pois eu não amo, não amei, creio não amar nunca e, é curioso, sou feliz tambem. Mas não ha duvida: «assim como de noite todos os gatos são pardos, de dia todos os namorados são cegos».

Quanto á mulher ser má, sei-o porque o leio nos jornaes. Vejo nos livros e dizem conhecidos meus. Que precisão tenho eu, de ir por meu gosto buscar essa tal desillusão, essa mulher fatal que ha de fazer infeliz o resto da minha vida? Olha que futuro!...

*

* *

A carta anonyma. Deixem lá falar os que a odeiam. E' peçonhenta, envenenante? Mas se é falsa, é innofensiva. Se a peçonha é verdadeira, é uma carta amiga que dá o si-

gnal de alarme. E' carinhosa, perfumada? Então é uma coisa ideal, porque é o desconhecido que nos visita. Mas o leitor, adivinho-o, já de certo fez a si mesmo a inevitavel pergunta do soneto de Arvers: «Quem será esta mulher»?

A carta anonyma. Deixem lá falar os que a odeiam...

LITERATURA

Na ultima sessão da Academia, Julio Dantas tratou larga e eruditamente da propriedade literaria, cousa que em Portugal raro prendeu a attenção de a quem competia, começando nos escriptores que, com Herculano á frente, tinham receio de que os apodassem de menos artistas lá por olharem a litteratura como fonte de receita. Mudaram felizmente os tempos e agora, com muitos annos de atrazo, parece que o escriptores e os artistas vão chamar seu ao seu e impedir que estranhos roubem e se locupletem com o que tanto lhes custou a pensar e a escrever.

E' que em Portugal, terra dos litteratos gratuitos, ainda se não pensou que fazer livros

é um modo de vida como fazer moveis ou fazer botas. E não raro é o escritor receber durante a vida um grosso milhar de cartas em que se lhe pede um artigo ou em que se lhe solicitam livros para a bibliotheca de uma philarmonica, a titulo philantropico ou ainda mal disfarçado o pedido na insinuação de uma honra que se lhe faz.

Tenho eu, como teem todos, um caixote d'essa coisa. Mas, mais do que nenhum, comprazo-me em não responder por achar tão ociosa a resposta como o pedido. Não dou artigos pela mesma simples razão que um alfaiate não dá córtes de fazenda ou um marceneiro o movel que nos falta. E acho estranho e idiota que se me peça a mim, homem de lettras, um artigo, quando se não pede ao forneiro uma cabazada de pão, ou ao merceeiro uma caixa de champagne! Não dou livros pela simples razão de que os não tenho. O meu editor fe-los para vender. Dá-me o que se combina dar-me para que eu os dê a jornalistas e amigos. Depois os que preciso compro-os e creio que assim fazem todos os

escritores. Ora acham ou não ratona a ideia de eu ir comprar livros para dar á Sociedade Flautista de Maçãs de D. Augusta, ou ao Club dos Cartolas de Torres Velhas?

E' que para se escrever um artigo precisa-se de tempo, de disposição e de estudo e o escritor tem exigencias que nem o que vende moveis, fatos ou champagnes tem ou terá. Precisa de livros, livros francezes, inglezes, italianos, hespanhoes, brasileiros, velhos livros portuguezes, livros de litteratura, livros de historia, publicações de arte, jornaes scientificos, gravuras, retratos, coisas do arco da velha que se pagam por bons escudos, francos, pesetas, liras, schellings. Precisa de obras de arte onde poise os olhos, estatuetas, moveis, quadros, flôres. Precisa de viajar. Precisa de comida apropriada porque sendo identico o estomago de um carreiro ao de um homem de letras, o deste tem exigencias de que o daquele nunca ouviu falar e é fisiologicamente muito outro.

Ora, sendo assim, porque demonio a gente ha de dar o artigo e não vendel-o? Sabe-se,

dizia Arago, que não é com bellos discursos que se faz assucar de beterraba. Pois não é lá por uma creatura ter muito talento que consegue mandar a creada ao talho sem dinheiro.

Certo é que foram os litteratos que em Portugal abarataram a litteratura e nos velhos diccionarios talvez se encontrasse como sinonymo de homem de lettras o vadio.

Tolentino pedia esmola em verso, outros em verso esmolavam amor, de maneira que intuitos nobres na arte de escrever nunca houve. As lettras foram entre nós mais um entretenimento, ou uma prenda, do que uma profissão. Mas Camillo e Julio Cesar Machado viveram d'ellas e faziam-se pagar no balcão dos editores. Pudera. De que viveriam elles, se só escrevessem pelo amor da gloria?

Eu escrevo porque preciso. Se ámanhã um admirador da America me deixasse seu herdeiro de com que fazer um prediosito para mim só e um pouco cobre de rendimento, o meu primeiro acto seria mandar deitar pela janella fóra tanto o tinteiro como a resma de

papel branco que tenho para encher. Que uff de alivio e que ausencia de saudades!

E' por isso que eu tenho uma piedade profunda por todos os vesanicos da escrita. Creaturas que escrevem livros só pelo prazer de os ver impressos, como se o mundo, ellas, ou nós, lucrassemos alguma cousa com isso e jornalistas que ainda pagam para que lhes componham a prosa. São necessariamente uns doentes e a sua doença são aquelles acrescimos literarios. Camilo dizia que toda a gente tem dentro de si uma porção de inepcia, que ha de sair necessariamente em prosa ou em verso como o carnicão de um furunculo. E' o caso. Lendo o artigo ou o livro de uma d'essas creaturas, a gente não se pode furtar a exclamar: Cá está o carnicão.

Escrever é uma profissão, uma dolorosa profissão. Para escrever é preciso ter fé, ter talento e saber que isso lhe serve para alguma coisa. Que demonio de ideia pode uma pessoa fazer de um talento que nunca lhe serviu nem para uma ceia? Não. Quanto melhor retribuido é o nosso talento mais consideração a gente

tem por elle. Ora como querem que eu satisfaça o pedido de escrever de graça? O mesmo seria pedir-me que não tivesse mesmo nenhuma consideração nem por mim nem pela moeda da republica.

Artigos de graça? Ainda se fazem. Mas esses para os mesmos para quem Cesario Verde fazia os versos, para amigos ou artistas. Esses sim merecem tudo.

Mas querem realmente artigos de graça? Ha tanto amador por ahi. Sómente, sómente se quizerem com esta assinatura terão que os comprar. E olhem que se forem á loja do sr. Edmond Rostand ou do sr, Gabriel d'Annunzio é muito, muitissimo mais caro...

INDICE

	Pag.
Prologo	5
O Turismo	9
Excursões	19
A volta do mundo	25
A coragem de morrer	33
Velhas canções	39
Coisas passionaes	47
Guilherme d'Azevedo	55
O Elogio do Vicio	61
Cegos	67
Nascimentos	73
Automobilismo	79
Wells	85
O Azar	91
Uma viagem	97
A America	104
Vida que passa	111

	Pag.
A Parvonia	117
Uma arvore	125
Divagando	133
A Propaganda	139
Alberto Pimentel	145
Exposição Olissiponense	153
Feministas	159
Museu d'Arte contemporanea	165
José Antonio Moniz	171
Invenções	177
Le Bárgy	185
As cégadas	191
O Inferno amarelo	199
Amadores	205
A joia portugueza	211
A odysséa de um livro	219
Mar tormentoso	227
«Sombra de fumo»	235
Miseria dourada	241
Um original	247
Excentricos	253
Velhas historias	261
In Memoriam	271
Cantos, Musicas e Danças	277
Os novos	283
Uma carta	291
Litteratura	299

PQ 9261 F67A16 19--
Forjaz de Sampaio, Albino
Cantáridas e violetas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 03 04 007 6